

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Rosichler Maria Batista de Prado Campana

**EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: desafios no percurso
formativo na visão de discentes de uma universidade
do Vale do Paraíba**

Taubaté – SP

2019

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Rosichler Maria Batista de Prado Campana

**EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: desafios no percurso
formativo na visão de discentes de uma universidade
do Vale do Paraíba**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Taubaté, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Formação de Professores para Educação Básica

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti

Taubaté – SP

2019

Sistema integrado de Bibliotecas – SIBi/ UNITAU
Biblioteca Setorial de Pedagogia, Ciências Sociais, Letras e Serviço Social

C186e Campana, Rosichler Maria Batista de Prado

Educação a distância: desafios no percurso formativo na
visão de discentes de uma universidade do Vale do Paraíba. /
Rosichler Maria Batista de Prado Campana. – 2019.

163f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2019.

Orientação: Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti,
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.

1. Modalidade EAD. 2. Desafios. 3. Interação.
4. Autonomia. 5. Aprendizagem significativa. I. Título.

CDD – 374.4

Elaborada pela Bibliotecária Luciene Lopes da Costa Rêgo CRB 8/5275

Rosichler Maria Batista de Prado Campana

**EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: desafios no percurso formativo na visão de
discentes de uma universidade do Vale do Paraíba**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Taubaté, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Formação de Professores para Educação Básica

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.(a) Dr.(a) _____ Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof.(a) Dr.(a) _____ Universidade _____

Assinatura _____

Prof.(a) Dr.(a) _____ Universidade _____

Assinatura _____

Prof.(a) Dr.(a) _____ Universidade _____

Assinatura _____

O conhecimento é resultado de processo e este não está isento de equívoco, isto é, não fica imune aos embaraços que o próprio ato de investigar a realidade acarreta.

Mario Sergio Cortella (2004)

RESUMO

A presente pesquisa busca investigar os desafios relacionados à aprendizagem, encontrados pelos alunos de cursos na modalidade EAD de uma Universidade do Vale do Paraíba, para que estes consigam concluir satisfatoriamente seu processo formativo. Nesse sentido, para que a aprendizagem ocorra de maneira significativa, faz-se necessária a interação entre aluno-tutor-conhecimento mediante a autonomia exigida por esta modalidade, promovendo a aquisição das habilidades e do saber científico. Conhecer os elementos pedagógicos de interação, favorecendo a autonomia e o diálogo, verificar as dificuldades mencionadas pelos alunos, compreender as mediações pedagógicas que possam promover o aprendizado por parte dos alunos, foram motivados pelo questionamento “Quais os fatores encontrados, durante o percurso formativo na visão dos alunos matriculados em cursos na modalidade EAD, que envolvem a aprendizagem?” Para tanto, buscou-se reunir elementos para uma abordagem que contemplasse a temática pesquisada: desafios encontrados na visão de discentes de uma instituição de ensino superior do Vale do Paraíba. Estruturada como um estudo de caso. Como metodologia para este estudo foi selecionada a revisão bibliográfica, seguindo-se a aplicação de questionário *on-line*, elaborado com questões fechadas aos alunos de diferentes cursos na modalidade EAD oferecidos por esta Universidade. A abordagem quantitativa utilizada neste trabalho, baseia-se de acordo com o modelo de Pei-Chen Sun, Dimensões – Aluno, Professor/Tutor, Curso, Tecnologia, Modalidade EAD, Ambiente do Curso, que envolvem o processo de ensino aprendizagem. Ao realizar a análise das Dimensões, constata-se que os desafios citados pelos participantes da pesquisa estão, muitas vezes, relacionados à falta de domínio e familiaridade com o uso dos recursos tecnológicos, que, durante o percurso no processo formativo dos mesmos, faz-se necessário maior envolvimento dos discentes com a tecnologia disponibilizada pela IES, envolvimento este que engloba todos os aspectos presentes no processo de ensino aprendizagem, que são autonomia para estudo e tempo; interação entre pessoas, materiais disponibilizados e tecnologia; internet de qualidade; *feedback* dos professores/tutores. Esta pesquisa buscou investigar os desafios que envolvem o processo ensino aprendizagem, na visão de alunos matriculados em cursos na modalidade EAD, encontrados durante o percurso formativo. Dessa forma, as Dimensões analisadas estão interligadas, apresentando correlações significativas, evidenciando as dificuldades encontradas pelos participantes durante seu processo formativo. É preciso continuar discutindo sobre os desafios que envolvem o aprendizado dos alunos na modalidade EAD. Diversos autores, em diferentes épocas, salientam a necessidade de desenvolver espaços virtuais que viabilizem a troca de experiências, a construção do conhecimento pautado em debates, com reflexões e possibilidades de crescimento pessoal. Interagir por meio de ferramentas tecnológicas que auxiliem os integrantes da modalidade EAD, alunos-professores-tutores, na construção e no desenvolvimento da aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Modalidade EAD. Desafios. Interação. Autonomia. Aprendizagem significativa

ABSTRACT

The present research seeks to investigate the challenges related to learning, found by the students of courses in the EAD modality of a University of Vale do Paraíba, so that they can successfully complete their training process. In this sense, for learning to occur in a meaningful way, it is necessary to interact between student-tutor-knowledge through the autonomy required by this modality, promoting the acquisition of skills and scientific knowledge. To know the pedagogical elements of interaction, favoring autonomy and dialogue, to verify the difficulties mentioned by the students, to understand the pedagogical mediations that can promote the learning on the part of the students, were motivated by the questioning "What factors found, during the formative course in the view of students enrolled in EAD courses that involve learning?" In order to do so, we sought to gather elements for an approach that contemplates the researched topic: challenges encountered in the view of students from a higher education institution in the Vale do Paraíba. Structured as a case study. As a methodology for this study, the bibliographic review was selected, followed by the application of an online questionnaire, elaborated with closed questions to the students of different courses in the modality EAD offered by this University. The quantitative approach used in this work is based on the model of Pei-Chen Sun, Dimensions – Student, Teacher / Tutor, Course, Technology, EAD Modality, Course Environment, which involve the learning teaching process. When carrying out the analysis of the Dimensions, it is verified that the challenges cited by the research participants are often related to the lack of mastery and familiarity with the use of technological resources, which, during the course of the training process, it is necessary to increase the students' involvement with the technology provided by the HEI, which involves all the aspects present in the learning process, which are autonomy for study and time; interaction between people, available materials and technology; internet quality; feedback from teachers / tutors. This research sought to investigate the challenges involved in the teaching-learning process, in the view of students enrolled in EAD courses, found during the training course. Thus, the dimensions analyzed are interlinked, presenting significant correlations, evidencing the difficulties encountered by the participants during their formative process. There is a need to continue to discuss the challenges of EAD students' learning. Several authors, at different times, stress the need to develop virtual spaces that enable the exchange of experiences, the construction of knowledge based on debates, with reflections and possibilities for personal growth. Interact through technological tools that help the members of the EAD modality, students-teachers-tutors, in the construction and development of learning.

KEYWORDS: EAD mode. Challenges. Interaction. Autonomy. Significant learning

LISTA DE SIGLAS

ABED	–	Associação Brasileira de Educação a Distância
CAPES	–	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNE	–	Conselho Nacional de Educação
EAD	–	Educação a Distância
HOLOS	–	Publicação online do Instituto Federal do Rio Grande do Norte
IES	–	Instituição de Ensino Superior
IFRN	–	Instituto Federal do Rio Grande do Norte
LDB	–	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	–	Ministério da Educação e Cultura
PPC	–	Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia
PPP	–	Projeto Político Pedagógico
SciELO	–	Scientific Eletronic Library

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descritores encontrados no banco de dados	25
Tabela 2 – Síntese das Dimensões propostas por Sun <i>et al</i> (2007)	74
Tabela 3 – Características dos alunos participantes da pesquisa	80
Tabela 4 – Alunos participantes da pesquisa por curso	80
Tabela 5 – Idade dos alunos participantes da pesquisa e curso matriculado	82
Tabela 6 – Tecnologia X Faixa Etária X Gênero	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Acontecimentos e suas Épocas	38
Quadro 2 – Elementos da EAD e seus Autores	45
Quadro 3 – Desenvolvimento Teórico da Educação a Distância	47
Quadro 4 – Fatores Críticos que Afetam a Satisfação dos Alunos e seus Autores	62

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Dimensões e seus construtos

63

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual de alunos do sexo masculino e do sexo feminino	81
Gráfico 2 – Percentual de alunos de acordo com a idade	82
Gráfico 3 – Curso EAD que está cursando	83
Gráfico 4 – Fase do curso em que o aluno se encontra	84
Gráfico 5 – Cursos que você já fez e estão concluídos	85
Gráfico 6 – Não opção pelo Ensino Médio	87
Gráfico 7 – Ingresso na EAD	88
Gráfico 8 – Tempo em que está na Universidade	88
Gráfico 9.a – Motivos da escolha pela EAD – Ter maior flexibilidade para administrar o tempo	89
Gráfico 9.b – Motivos da escolha pela EAD – Valor da mensalidade	90
Gráfico 9.c – Motivos da escolha pela EAD – Dificuldade em encontrar um curso presencial na cidade em que reside	91
Gráfico 9.d – Motivos da escolha pela EAD – O curso atende minhas necessidades	92
Gráfico 10.a – Motivos da escolha pelo curso – Oportunidade de ampliar as possibilidades de trabalho	93
Gráfico 10.b – Motivos da escolha pelo curso – Realização de um sonho pessoal	94
Gráfico 10.c – Motivos da escolha pelo curso – Afinidade com a área	94
Gráfico 10.d – Motivos da escolha pelo curso – Contribuir com a educação dos filhos	95
Gráfico 11.a – Percurso do curso – Dimensão Aluno: Você acredita que na educação a distância é preciso que os alunos sejam autônomos em relação aos estudos sem ficar na dependência do professor?	98
Gráfico 11.b – Percurso do curso – Dimensão Aluno: Foi difícil participar de fóruns	

de discussões?	99
Gráfico 11.c – Percurso do curso – Dimensão Aluno: Foi fácil acompanhar as discussões nos chats?	100
Gráfico 11.d – Percurso do curso – Dimensão Aluno: Você acredita que a ansiedade com relação ao uso do computador afeta significativamente a aprendizagem?	101
Gráfico 11.e – Percurso do curso – Dimensão Professor/Tutor: Você acredita que na modalidade a distância a interação entre professor e aluno é a mesma que no ensino presencial?	103
Gráfico 11.f – Percurso do curso – Dimensão Professor/Tutor: Você acredita que para haver um processo de ensino aprendizagem é preciso o contato diário com o professor?	104
Gráfico 11.g – Percurso do curso – Dimensão Professor/Tutor: Você acredita que a assistência oportuna do professor quando o aluno enfrenta problemas, incentiva o aluno a continuar aprendendo?	105
Gráfico 11.h – Percurso do curso – Dimensão Professor/Tutor: Você acredita que a atitude do professor/tutor em relação à TI influencia positivamente na aprendizagem?	105
Gráfico 11.i – Percurso do curso – Dimensão Professor/Tutor: A educação a distância prevê a comunicação via tecnologia. Você acredita que é possível uma educação sem contato com o professor diariamente?	106
Gráfico 11.j – Percurso do curso – Dimensão Curso: Você acredita que a diversidade das formas de avaliação e interação entre professor/tutor-aluno favorecem a permanência e continuidade do curso?	107
Gráfico 11.k – Percurso do curso – Dimensão Curso: Você acredita que no curso a	

distância existam as mesmas exigências e rigor acadêmico de um curso presencial?	108
Gráfico 11.l – Percurso do curso – Dimensão Tecnologia: Considero o sistema de aprendizado baseado nas tecnologias de EAD fácil de usar	109
Gráfico 11.m – Percurso do curso – Dimensão Tecnologia: Você acredita que a falta de domínio dos recursos tecnológicos seria um dos motivos que levaria à evasão da educação a distância?	110
Gráfico 11.n – Percurso do curso – Dimensão Modalidade EAD: Aprender a operar um sistema de aprendizado baseado nas tecnologias de EAD é fácil para mim	111
Gráfico 11.o – Percurso do curso – Dimensão Modalidade EAD: Usar o sistema de aprendizado a distância melhora meu desempenho no curso	112
Gráfico 11.p – Percurso do curso – Dimensão Ambiente: O material de estudo disponibilizado na plataforma atende suas necessidades de aprendizagem do conteúdo	113
Gráfico 11.q – Percurso do curso – Dimensão Ambiente: Usar o sistema de aprendizado a distância melhora a eficácia do curso	115

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 Problema	19
1.2 Objetivos	20
1.2.1 Objetivo Geral	20
1.2.2 Objetivos Específicos	20
1.3 Delimitação do Estudo	20
1.4 Relevância do Estudo / Justificativa	21
1.5 Organização da Pesquisa	22
2 CONTEXTUALIZANDO A EAD	24
2.1 A Educação a Distância através do tempo	33
2.2 Panorama sobre a Educação a Distância no Brasil	36
2.3 Os processos de aprendizagem mediados: conhecendo os elementos da EAD	40
2.4 A Teoria da Distância Transacional de Michael G. Moore	46
2.4.1 O surgimento da Teoria da Distância Transacional	46
2.4.2 Dimensões da Distância Transacional: estrutura, diálogo e autonomia	48
2.5 Caminhos para a autonomia e diálogo dos alunos da modalidade EAD	54
2.6 Ambiente e estrutura pedagógica	57
2.7 O modelo de Sun e seus construtos – construção de uma modelo de ensino	61
3 METODOLOGIA	65
3.1 Tipo de Pesquisa	66
3.2 População	67
3.3 Instrumentos e Procedimentos para Coleta de Dados	67
3.4 Procedimentos para Análise de Dados	74
4 RESULTADOS E DIVULGAÇÃO	77
4.1 Conhecendo e caracterizando a IES participante da pesquisa	77
4.2 Caracterização dos Participantes da Pesquisa	80
4.3 Cursos Oferecidos em EAD, Ingresso e Tempo de Universidade	83
4.4 As Escolhas: Modalidade EAD e Cursos	89
4.5 Os Percursos durante o Processo Formativo: Dimensões e Desafios	96

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICE I – Instrumento de Coleta de Dados – Questionário	129
APÊNDICE II – Memorial	134
ANEXO A – Ofício	157
ANEXO B – Termo de Autorização da Instituição	158
ANEXO C – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	159
ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	161

1 INTRODUÇÃO

Partindo da premissa de que a aprendizagem se estabelece de diferentes formas, por meio de variados mecanismos, ressalta-se que ela se dá mediante um processo no qual coincidem um momento histórico, uma etapa genética da inteligência e um sujeito biológico e social. Por envolver processos complexos de mediação, o aprendizado requer condições culturais, sociais, biológicas, psíquicas, além de oportunidades para adentrarem ao espaço formal de ensino sem que os mecanismos de exclusão os coloquem para fora desse sistema.

Os avanços tecnológicos que modificaram o cotidiano da sociedade globalmente, também se estenderam aos processos de educação, os quais incrementaram a oferta do ensino nas plataformas virtuais, com intuito de atender a uma crescente demanda. A educação a distância (EAD) possibilita flexibilidade de tempo, além de maior conforto nos acessos, contribuindo para a formação de profissionais sem deslocá-los de seus espaços físicos, por isso os autores citados nessa pesquisa afirmam que a EAD tem recebido grande prospecção no cenário educacional, com o avanço das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e, com a internet, foi possível a expansão dessa modalidade de ensino, tornando-se uma possibilidade de democratização do ensino e inclusão social, podendo atender as necessidades educativas dos alunos, como continuar estudando mesmo que a distância, recebendo orientação e *feedback* de professores e tutores.

Professor e tutor têm papel fundamental neste processo educacional dos cursos a distância, pois os mesmos devem desenvolver atividades de mediação pedagógica, acompanhamento e avaliação, tanto presencialmente como a distância. Dessa forma, o incentivo, a motivação para a resolução de problemas e a orientação são determinantes e perfazem as funções tanto do professor presencial como do tutor *on-line*, possibilitando uma comunicação eficiente, tornando a aprendizagem efetiva.

Na EAD, a relação entre professor, aluno e conhecimento se torna flexível e acontece por meio de conexões diversas como e-mails, softwares, materiais didáticos e plataformas virtuais educacionais, os ambientes virtuais de aprendizagem. O uso destas formas de comunicação e informação sofre alteração constantemente devido ao avanço da tecnologia e por isso precisam ser frequentemente pesquisadas e analisadas.

No ambiente educacional, o avanço tecnológico trouxe diversas transformações, como a EAD. Evidentemente, teve uma gama de possibilidades pedagógicas que ampliaram seu público, acesso e meios de lidar com o processo ensino e aprendizagem. Uma das áreas que se destacou neste contexto foi a formação de professores. Desta forma, o sistema educacional

brasileiro é influenciado pela EAD já que parte de seus professores, formados por meio desta modalidade, continuam estudando.

Segundo a Resolução N. 1 de março de 2016, a EAD “deve compor a política institucional das IES, constando do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), do Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC)”, dessa forma projetos de cursos na modalidade a distância devem compreender categorias que envolvem, fundamentalmente, aspectos pedagógicos, recursos humanos e infraestrutura.

A EAD cresceu substancialmente nos últimos anos no Brasil, sendo assim, o Ensino Superior teve seu crescimento facilitado pela modalidade EAD, já que leva o acesso aos cursos superiores a lugares que não possuem cursos de graduação na modalidade presencial.

Esta facilidade é potencializada pelos avanços tecnológicos e propiciou a inclusão de muitas pessoas que não tinham a possibilidade de obter graduação em nível superior. Neste contexto, cabe lembrar que a criação de uma legislação específica e a criação de programas como a Universidade Aberta do Brasil (UAB) criaram uma ampliação mais significativa como o presente trabalho mostrará posteriormente.

Outro aspecto importante é que a modalidade EAD permite uma flexibilidade maior na organização do tempo de estudo e aprendizado. O acesso aos alunos trabalhadores ou que já possuem curso superior se tornou mais rápido e viável além de permitir a formação superior e profissional. Neste sentido, é importante discutir as possibilidades pedagógicas que esta modalidade de educação apresenta na medida em que possui recursos tecnológicos e constante transformação.

Estudar a mediação pedagógica neste contexto é uma forma de buscar o entendimento de que na modalidade EAD, assim como na modalidade presencial, é preciso procurar novas formas de lidar com a relação ensino-aprendizagem em refletir sobre o papel do professor. No caso da EAD, a mediação pedagógica é necessária para que exista uma construção do conhecimento dentro das possibilidades oferecidas pelas TICs. É evidente que existem particularidades no estudo da EAD, e estas particularidades, assim como sua constante mudança, podem afetar a forma com que a sociedade vê ambas as modalidades. A forma com que os professores e alunos enxergam o processo de mediação ajudam a compreender os avanços e necessidades da Educação a Distância.

Nesse sentido, assim como a modalidade presencial, observa-se que a modalidade de ensino a distância também exige dos discentes uma programação sistemática, para que, os mesmos apresentem bons resultados no decorrer das disciplinas cursadas nessa modalidade,

sendo este um desafio: organizar seu tempo para o estudo das disciplinas e realizar as atividades programadas, desafio da autonomia.

Entretanto, sabendo das variáveis presentes no processo de aprendizagem, além do conhecimento sobre as interfaces de comunicação e suas peculiaridades nas relações com os sujeitos, questiona-se:

- Na modalidade EAD é preciso que os alunos sejam autônomos em relação aos estudos sem ficar na dependência do professor?
- A assistência do professor/tutor – interação síncrona e assíncrona, incentiva o aluno a continuar aprendendo?
- O domínio das tecnologias e participação nas atividades propostas como *chats* e fóruns favorecem a aprendizagem?
- O material pedagógico oferecido pela plataforma WEB facilita a compreensão dos conteúdos?

Portanto, busca-se, na literatura, nos documentos da instituição de ensino superior participante da pesquisa, como o Projeto Pedagógico, o qual apresenta o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e por meio de questionários aplicados para um grupo de 310 discentes da EAD, elementos que destacam os desafios encontrados por eles, de modo que possam contribuir com a pesquisa, favorecendo a compreensão das possíveis causas de resistências acerca de cursos na modalidade a distância. É imprescindível elaborar esclarecimentos, pesquisas e discussões mais amplas sobre essa temática, para que tal realidade acompanhe o processo evolutivo dessa modalidade de ensino tão presente atualmente.

Assim, este estudo tem a intenção de analisar os possíveis desafios encontrados durante o percurso formativo na visão de discentes de uma Universidade do Vale do Paraíba.

Partindo dessa realidade e tendo como base a vivência da pesquisadora que atuou como professora presencial e tutora *on-line* no curso de licenciatura na modalidade de educação a distância, a motivação para essa pesquisa se deu no sentido de compreender quais os elementos que favorecem ou que limitam o aprendizado dos estudantes, fato este gerador de sucesso ou de evasão, quando as possibilidades pedagógicas não são suficientes para sustentar essa permanência.

Esta pesquisa tem como base os estudos de autores que demonstram como as intencionalidades de uma educação pautada no uso de novas tecnologias podem impactar na qualidade formativa dos alunos e, conseqüentemente, como propulsora de um aprendizado coerente às exigências da sociedade em constante transformação.

Alguns autores citados nessa pesquisa afirmam que a EAD tem recebido grande prospecção no cenário educacional, tornando-se uma possibilidade de democratização do ensino e inclusão social. Assim, seria possível o acesso ao conhecimento garantido por este meio, promovendo possibilidades e permitindo o desenvolvimento de competências e habilidades para a vida e para o mundo do trabalho. Vale ressaltar que, com a ascensão da modalidade EAD, o perfil do público estudantil se modificou, muitos decidiram trocar os cursos presenciais pelos que utilizam meios e tecnologia de informação. Morar longe dos centros urbanos que ofereciam cursos presenciais e não dispor de meio, tanto de tempo quanto de transporte, já não é considerado um problema.

Para o desenvolvimento da pesquisa, optou-se por utilizar o ambiente virtual, plataforma WEB oferecida para alunos matriculados em diferentes cursos na modalidade EAD, de uma universidade do Vale do Paraíba do estado de São Paulo como fonte direta para a coleta de dados, compreendendo as diferentes culturas que integram a comunidade dos discentes ingressantes dos cursos.

A escolha pela instituição foi estimulada devido à atuação profissional da pesquisadora na mesma e a grande expansão da EAD nos últimos anos.

Espera-se com a divulgação do trabalho, contribuir com a interpretação dos desafios e a garantia do conhecimento científico e, conseqüentemente o sucesso da aprendizagem por meio da compreensão de interferências pedagógicas, ambientais e afetivas.

1.1 Problema

Entender como se desenvolve a aprendizagem nos alunos da EAD é imprescindível para a prática educacional. Esta modalidade de ensino, baseada em tecnologias, precisa ser melhor instrumentalizada, tanto no aspecto material – aparato pedagógico, de recursos físicos e tecnológicos, das práticas pedagógicas – participação do aluno em fóruns e *chats*, avaliações, a interação, o *feedback*, enfim, o sucesso na busca pela aprendizagem.

Sendo o aluno da EAD protagonista no processo de aprendizagem, o qual assume a responsabilidade por seu aprendizado, mediante a oferta de diferentes atividades de aprendizagem – ativas, práticas e colaborativas, questiona-se:

- Será que o aluno da EAD está preparado para enfrentar os desafios da tecnologia?
- Será que o aluno consegue se organizar com autonomia para cumprir com todas as atividades propostas pelo curso na modalidade EAD?

- Será que o professor presencial e o tutor *on-line* apoiam o aluno da EAD nas suas tarefas formativas?
- Será que a plataforma WEB contribui com aquisição do conteúdo trabalhado na disciplina proposta?

Neste sentido, a questão norteadora para a pesquisa é:

Quais os fatores encontrados, durante o percurso formativo na visão dos alunos matriculados em cursos na modalidade EAD, que promovem a aprendizagem?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar os desafios que envolvem o processo ensino-aprendizagem, na visão de alunos matriculados em cursos na modalidade EAD, encontrados durante o percurso formativo.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar o perfil dos participantes da pesquisa;
- Identificar os desafios encontrados pelos alunos de educação a distância durante o percurso do curso;
- Quantificar nas dimensões propostas por Sun *et al* (2007) – Dimensão Aluno, Dimensão Professor/Tutor, Dimensão Curso, Dimensão Tecnologia, Dimensão Modalidade EAD, Dimensão Ambiente do Curso e os desafios encontrados pelos alunos participantes da pesquisa.

1.3 Delimitação do Estudo

A pesquisa tem como objeto a análise dos desafios encontrados pelos discentes que estão matriculados em cursos na modalidade EAD oferecidos por uma Universidade do Vale do Paraíba.

Para a delimitação do estudo foram selecionados cursos de licenciatura, cursos superiores de tecnologia e bacharelados oferecidos na modalidade EAD, utilizando-se o espaço virtual – plataforma WEB, que serve de referência aos alunos.

A instituição utilizada como referência para a pesquisa é uma autarquia municipal, com autonomia financeira, administrativa e pedagógica, considerada centro formador, disseminador, sistematizador e produtor do conhecimento. Localizada no Vale do Paraíba, oferece cursos superiores na modalidade EAD. Autorizada por meio de uma Portaria do MEC, publicada no Diário Oficial da União. A IES, em 2018, apresentava 13,5 mil alunos, sendo que 1731 deles cursavam a modalidade EAD; oferecia 14 (quatorze) cursos de licenciatura, 9 (nove) cursos superiores de tecnologia e 2 (dois) bacharelados na modalidade EAD.

1.4 Relevância do Estudo / Justificativa

O tema escolhido pretende conhecer os diferentes desafios que ora são promotores de possíveis desistências dos cursos por parte dos alunos ativos matriculados em cursos de licenciatura, cursos superiores de tecnologia e bacharelados, todos na modalidade EAD desta Universidade. Como também identificar nas dimensões propostas por Sun; Tsai; Finger; Chen (2007) – Dimensão Aluno; Dimensão Professor/Tutor; Dimensão Curso; Dimensão Tecnologia; Dimensão Modalidade EAD; Dimensão Ambiente do Curso – os desafios encontrados pelos alunos participantes da pesquisa, verificando o grau de satisfação com o ambiente virtual de ensino-aprendizagem.

Esta Instituição de Ensino Superior (IES) oferece cursos de licenciatura, bacharelados e cursos superiores de tecnologia, nas modalidades presencial e EAD e, ao formar seus alunos para o exercício da docência, com o intuito de assumirem seus papéis de mediadores do conhecimento, as possibilidades pedagógicas no decorrer deste percurso, devem colaborar para a efetiva melhoria da qualidade do ensino, sem gerar insatisfação por parte dos alunos.

Atualmente, a EAD, como uma modalidade de ensino, favorece a formação humana, sendo intensificada pelo uso de tecnologias de informação e comunicação e pela mediação de professores e tutores que auxiliam na construção do conhecimento mesmo a distância. A interatividade provoca o desenvolvimento de competências e habilidades, como a tomada de decisão, a criatividade e a autonomia do educando. Tais habilidades são consideradas fundamentais para a identidade profissional e inserção no trabalho e na sociedade. A diversidade se dá em todos os campos de atuação do ser humano – psíquico, social, cultural, econômico.

Entende-se que o papel do professor presencial e do tutor *on-line* neste processo educacional, dos cursos de licenciatura e cursos superiores de tecnologia à distância, é

fundamental, pois devem eles desenvolver atividades de mediação pedagógica, acompanhamento e avaliação, tanto presencialmente como a distância. Dessa forma, o incentivo, a motivação para a resolução de problemas e a orientação são determinantes e perfazem as funções tanto do professor presencial como do tutor *on-line*, possibilitando uma comunicação eficiente, tornando a aprendizagem efetiva.

A intervenção proposta pela tutoria, que se realiza em diferentes ambientes, como residência, trabalho, *lan-houses*, torna o atendimento amplo e flexível aos alunos, incentivando e mediando o processo de aprendizagem, dando “retorno às pontuações e dúvidas dos alunos, tanto de caráter pedagógico como acadêmico, por meio de *feedback*, que é uma forma importante de interação entre tutor e aluno” (PPC, Pedagogia, Licenciatura Modalidade a Distância, 2016, p.59).

A pesquisa pretende oferecer contribuições para reflexões sobre os desafios encontrados pelos alunos que ingressam na modalidade EAD, podendo promover contribuições acerca das ações propostas pela IES pesquisada, contribuindo para uma melhor compreensão dos desafios manifestados pelos alunos participantes da pesquisa, podendo servir como base para o desenvolvimento de novos estudos sobre o tema.

1.5 Organização da Pesquisa

A Introdução descreve o que será encontrado no primeiro capítulo desta pesquisa, sendo apresentadas as definições de ensino aprendizagem, o avanço das tecnologias de informação e comunicação (TICs), a EAD e sua forma de ensino, o papel do professor/tutor, a relação professor/tutor-aluno-conhecimento e a mediação pedagógica neste contexto.

Em seguida é apresentado o problema, que ressalta a pergunta que norteará o trabalho. São expostos também o objetivo geral e os objetivos específicos, a delimitação do estudo e a justificativa que expõe a motivação para a realização da pesquisa.

O segundo capítulo tem como objetivo contextualizar a EAD sob a ótica de diferentes autores que serão pesquisados, a fim de fundamentar o estudo que será desenvolvido evidenciando sua história, seu progresso na Educação brasileira, os processos de aprendizagem mediados – conhecendo os elementos da EAD, tema do trabalho, propondo revisão bibliográfica sobre a Teoria da Distância Transacional de Michael G. Moore (2002), os caminhos para a autonomia e diálogo dos alunos da modalidade EAD, o ambiente e estrutura pedagógica, o Modelo de Sun (2007) e seus construtos, que servirão de aporte para a

análise dos desafios enfrentados pelos alunos na EAD, na visão dos mesmos.

O terceiro capítulo tem como propósito expor a metodologia utilizada nesta pesquisa, apontando o tipo de pesquisa, a população, a amostra, os instrumentos e procedimentos para coleta e análise de dados. Expõe conceitos e estratégias para a realização e análise dos questionários.

O quarto capítulo apresenta os resultados e discussão dos dados coletados na pesquisa, incluindo o panorama das respostas emitidas pelos alunos participantes da pesquisa.

Em seguida, expõe as reflexões e as considerações finais do trabalho.

2 CONTEXTUALIZANDO A EAD

Nesta seção serão apresentados elementos que contribuem para o entendimento sobre a educação a distância. Inicialmente será demonstrada uma linha do tempo, desde o surgimento das primeiras propostas de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias, o aprimoramento dos estudos sem a necessidade do contato direto em tempo e espaço determinados, a mediação feita pelo professor/tutor e a função pedagógica. Para esta análise foi realizado um estudo nas bases de dados com o objetivo de traçar um panorama acerca das pesquisas sobre a Educação a Distância (EAD) no cenário brasileiro e como esta modalidade tem sido ampliada gradativamente com propósito de democratização do ensino superior. Serão descritos os conceitos sobre educação a distância, tutoria e a função pedagógica que leva ao aprendizado e, conseqüentemente a formação pautada na qualidade do ensino. Todas essas questões serão trazidas por meio de um aporte teórico, fornecendo sustentação à realização da pesquisa, auxiliando a pesquisadora na compreensão e análise dos dados obtidos.

Nessa investigação bibliográfica foram consultados os bancos de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da *Scientific Electronic Library* (SciELO), da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), Google Acadêmico e periódicos, livros, dissertações e teses sobre Educação a Distância.

Em decorrência da utilização crescente de multimídias e ferramentas de interação, novas abordagens envolvendo o ensino-aprendizagem à distância têm surgido no processo de construção de cursos na modalidade EAD. Com o avanço das mídias digitais e da expansão da Internet, torna-se possível o acesso a um grande número de informações, permitindo a interação e a colaboração entre seus participantes – alunos, tutores, professores, equipe técnica, que podem ou não estar distantes geograficamente ou inseridos em contextos diferenciados.

Portanto, para entender a dimensão da educação proposta pela EAD, a qual envolve a aprendizagem e suas relações, como autonomia do aluno, colaboração entre seus personagens, diálogo, os desafios e a mediação pedagógica, foi necessária uma busca sistemática para levantar a literatura capaz de sustentar uma discussão a partir do viés dos desafios encontrados pelos discentes matriculados nesta modalidade de ensino. O levantamento de alguns termos descritores e palavras relacionadas à modalidade a distância foram necessários e inseridos, como:

- Aprendizagem colaborativa;
- Autonomia;
- Diálogo;
- Desafios;
- Mediação Pedagógica.

Apresenta-se a seguir, em forma de tabela, os dados relativos ao levantamento bibliográfico. Os dados contidos na Tabela 1 referem-se a um número significativo de textos relacionados à Educação a Distância, que dizem respeito às inovações tecnológicas e metodológicas voltadas ao trabalho pedagógico.

Tabela 1: Descritores encontrados no banco de dados

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)				
APRENDIZAGEM COLABORATIVA	AUTONOMIA	DIÁLOGO	DESAFIOS	MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA
			MAIA, MEIRELLES (2002) LORENÇATTO (2011) GATTI (2014)	
Scientific Eletronic Library (SciELO)				
APRENDIZAGEM COLABORATIVA	AUTONOMIA	DIÁLOGO	DESAFIOS	MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA
		VERAS, FERREIRA (2010)	SEGENREICH (2006) GOMES (2013)	VERGARA (2007) CARVALHO (2007) VERAS, FERREIRA (2010) CENCI, COSTAS (2013)
Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED)				
APRENDIZAGEM COLABORATIVA	AUTONOMIA	DIÁLOGO	DESAFIOS	MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA
ALUKO, HENDRIKZ, FRASER (2011)	RIBAS (2010)	MOORE (2013)	TORTORELI, PAIXÃO, CAMPOS (2014)	ROSINI, FIGUEIREDO, AMARAL (2016)

		SCHNEIDER (2014)	ROSINI, AMARAL, PALMISANO, ROQUE (2014) SOUSA, VARGAS, MASSENSINI (2014)	
--	--	---------------------	--	--

Periódicos, livros, dissertações e teses sobre Educação a Distância

APRENDIZAGEM COLABORATIVA	AUTONOMIA	DIÁLOGO	DESAFIOS	MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA
KENSKI (2008)	KENSKI (2008)	RIBAS (2010)	MORAN (2004)	CARVALHO (2007)
SILVA, RIBAS, KNAUT (2014)	BRUNO- FARIA, FRANCO (2011)	BRUNO- FARIA, FRANCO (2011)	RABELLO, PEIXOTO (2006)	TURRA (2007)
CORRÊA (2014)	MOORE (2013)	SALDANHA (2012)	CAPELETTI (2014)	SALDANHA (2012)
LYTRAS, ERNESTO, MATHKOUR (2016)	BOCCIA, TERÇARIOL, TROVA (2018)	SILVA, MELO, CAMPOS (2016)	MARCUZZO, GUBIANI, LOPES, REGIO (2015) BRITO, BORGES, ALVES, SILVA (2018)	OLIVEIRA, SANTOS (2013) MORÁN (2015) SILVA, MELO, CAMPOS (2016) BRAGA, CHENA, MOREIRA, MACHADO (2017) NOGUEIRA, MELO (2018)

Fonte: Elaborada pela autora

O primeiro deles, “*aprendizagem colaborativa*”, traz Kensky (2008); Aluko, Hendrikz, Fraser (2011); Silva, Ribas, Knaut (2014); Corrêa (2014); Lytras, Ernesto, Mathkour (2016) como autores de referência para o trabalho, já que os mesmos defendem a ideia de que as tecnologias devem ser utilizadas no sentido de mediar a aprendizagem, tornando-a colaborativa, envolvendo seus participantes, que são professor/tutor-aluno no ato de aprender, sendo a participação de todos indispensável, “cada membro do grupo é

responsável pela sua aprendizagem e a aprendizagem dos demais participantes” (KENSKI, 2008, p.15), possibilitando que o conhecimento seja permanentemente re-construído e reelaborado. O professor é incansável, media o conhecimento ao acreditar no potencial de cada aluno, motivando-os na caminhada do aprendizado, favorecendo a aprendizagem significativa. A interação com o aprendizado, aquela que ocorre na mente dos aprendizes, entre os alunos e recursos humanos e não humanos e nas estratégias utilizadas para aprender, ajuda os indivíduos a monitorar e a regular sua aprendizagem. Os sistemas de aprendizagem e plataformas de colaboração formam um canal para facilitar o aprendizado e a colaboração em vários contextos, bem como para o aprendizado e para a colaboração, apoiando novas formas de empreendedorismo.

O segundo descritor “*autonomia*”, apresenta Kenski (2008); Ribas (2010); Bruno-Faria, Franco (2011); Moore (2013); Boccia, Terçariol, Trova (2018) como autores estudados. Segundo eles, o aluno caminha para a autonomia quando tem maior grau de responsabilidade com relação ao seu aprendizado, ao cumprir as tarefas propostas, ao expor sua opinião e ter seu saber respeitado, permitindo a construção do conhecimento em diferentes ambientes. Quanto maior o envolvimento do aluno com o curso, com o processo de ensino aprendizagem, mais objetivos serão alcançados, entre eles, a autonomia do educando, seja na participação das atividades como na elaboração própria de um plano de estudos. Criando uma atmosfera de “aprendizado autodirigido” (MOORE, 2013, p.162), avaliando seu desempenho e fazendo ajustes adequados. A modalidade a distância exige que o aluno, que a escolhe, “abandone a passividade, seja autônomo e ativo no encaminhamento do processo da construção de seu próprio conhecimento” (BOCCIA; TERÇARIOL; TROVA, 2018, p.3).

Ainda com relação à autonomia, num estudo divulgado por Oliveira, Souza, Moellwald, Corrêa, Hinckel e Bastos, pontua que a autonomia é um dos pilares para o sucesso do estudo na modalidade EAD, sendo os meios utilizados pela tecnologia de informação uma forma de interação, “[...] a capacidade do aluno autorrelacionar-se com os conteúdos, através da autonomia, construindo conhecimento” (OLIVEIRA; SOUZA; MOELLWALD; CORRÊA; HINCKEL; BASTOS, p.43, 2010).

O “*diálogo*”, terceiro descritor, é citado por Ribas (2010); Veras, Ferreira (2010); Bruno-Faria, Franco (2011); Saldanha (2012); Moore (2013); Schneider (2014); Silva, Melo, Campos (2016). Os autores defendem o diálogo na relação pedagógica, pois permite a troca de saberes, criando um clima propício para um processo de avaliação e autoavaliação da aprendizagem, “sem traumas e bloqueios, permitindo assim a livre comunicação, sendo clara e precisa [...] tornando-se componente essencial do aspecto social da aprendizagem” (RIBAS,

2010, p. 7), favorecendo uma experiência positiva na aprendizagem. O professor/tutor ao assumir uma postura de diálogo, permite ao aluno construir sua própria “inteligência, [...] ao ser ouvido e refletir sobre a fala do outro”, possibilitando o desenvolvimento, “de permanente construção, em que modifica e é modificado pelo outro” (VERAS; FERREIRA, 2010, p.229). Salientam a importância do diálogo entre alunos-professores durante o curso, sendo um fator que indica a permanência do aluno na modalidade EAD; a ideia de diálogo na interação a distância, também ressaltada por Moore (2013), entre professor-aluno “é acompanhado por uma mudança de controle do processo de aprendizado, que passa do professor para o aluno, [...] cada um contribui e se baseia na contribuição de outro(s) participante(s)” (MOORE, 2013, p.296, 298). Diálogo implica em reciprocidade que se estabelece a partir da coparticipação de um sujeito com outro, “é também o encontro de confiança, criticidade de pessoas” (SCHNEIDER, 2014, p.4), as quais procuram perceber o mundo para transformá-lo e “ao transformarem se humanizam”. O diálogo mediado pelo tutor também pode ser de forma escrita: chat e fórum, exemplos de interação por meio da escrita digital; são considerados “espaços de discussões e de registros que podem ser retomados, revistos, recuperados [...] que, apesar de não serem manifestações orais, [...] apresentam condições situacionais diversas pautadas pela necessidade dos interlocutores” (SALDANHA, 2012, p.8).

Para compor o quarto descritor, “*desafios*”, foram analisados textos dos seguintes autores: Maia, Meirelles (2002); Moran (2004); Rabello, Peixoto (2006); Segenreich (2006); Lorençatto (2011); Gomes (2013); Sousa, Vargas, Massensini (2014); Tortoreli, Paixão, Campos (2014); Rosini, Amaral, Palmisano, Roque (2014); Freitas, Franco (2014); Capeletti (2014); Gatti (2014); Marcuzzo, Gubiani, Lopes, Regio (2015); Brito, Borges, Alves, Silva (2018). Segundo esses autores, vive-se uma etapa sedutora na educação e é preciso reestruturá-la em “novos moldes, formatos, propostas, desafios” (MORAN, 2004, p.31). Os cursos oferecidos na modalidade EAD precisam estar focados na construção do conhecimento, na interação, na aprendizagem cooperativa, no estudo autônomo. O professor/tutor deve conhecer melhor seu aluno, seu perfil, hábitos de estudo, motivar a aprendizagem, avaliando as dificuldades e propondo medidas que viabilizem maior participação do educando nas atividades propostas, para que possa externalizar suas dúvidas e, a partir de um diálogo mantido, poder saná-las, garantindo o processo de ensino aprendizagem, pois “[...] à medida que o aprendiz passa a conhecer seus próprios processos cognitivos, ele se torna mais autônomo, capaz de regular e gerenciar a própria aprendizagem” (RABELLO; PEIXOTO, 2006, p.6). Para Lorençatto, “a dinâmica de interação via meios

digitais pode otimizar características de aprendizagem dos estudantes que potencializam a aprendizagem” (LORENÇATTO, 2011, p.3), nesse sentido, o autor pontua a dificuldade de alguns alunos, a inexperiência pessoal com relação ao uso da tecnologia, não dispendo de condições suficientes para realizar atividades que demandam autonomia, relatando a importância que se deve dar ao diálogo, não se tornando “apenas o derramamento de informações ou a transferência dos modos do presencial na estrutura do ambiente de ensino aprendizagem a distância” (LORENÇATTO, 2011, p.11), mas que a dificuldade ora manifestada pelo aluno possa se tornar um desafio promovendo a interação, a troca, o conhecimento.

Ainda com relação aos desafios, Gomes (2013) pontua que a educação deva estar pautada na liberdade, com menos hierarquia nas relações interpessoais, mais horizontalidade dos relacionamentos, menos professor como detentor do saber e poder, que os participantes do processo negociem os saberes e o poder, que esteja menos centrada na avaliação feita pelo professor, creditada pela comunidade, “enfim, numa educação em rede que começa fora da escola, nas comunidades (virtuais) de relacionamento e de prática, envolve e é envolvida pela escola e volta às comunidades” (GOMES, 2013, p.19). Sousa, Vargas e Massensini (2014) fazem referência ao sistema de avaliação, designada como situação de aprendizagem, em que o aluno é desafiado a pesquisar e a interagir para buscar soluções. Outro desafio, segundo Rosini, Amaral, Palmisano, Roque (2014) é a globalização e a competitividade que vem ao encontro do advento e aumento do acesso à informação, que ‘requer e precisa englobar novos públicos frente à adoção de novos modelos e formatos institucionais” (ROSINI; AMARAL; PALMISANO; ROQUE, 2014, p.2). Freitas e Franco (2014) concordam que, levando em conta as especificidades da educação a distância, formar professores autores e formadores para promoverem a aprendizagem na modalidade EAD é um grande desafio, já que é preciso práticas de leitura e escrita digital e o reconhecimento da modalidade EAD como inovação no processo de ensino aprendizagem, pois “[...] em tempos de inovação tecnológica [...], reflexões sobre os desafios apresentados pelos recursos que a cibercultura nos apresenta e os reflexos desta realidade na tarefa de ensinar e no processo de aprender, seja em uma modalidade presencial ou a distância” (FREITAS; FRANCO, 2014, p.153).

Estudos como de Capeletti (2014) evidenciam que a falta de conhecimento, compreensão, domínio das ferramentas disponibilizadas no ambiente de EAD e o fato de “[...] não existir o professor ao lado, naquele momento, para sanar essa dúvida, pode se tornar algo desanimador” (CAPELETTI, 2014, s/p.), além de ter que incorporar novos hábitos de leitura, passando do texto impresso em papel para a tela do computador, essas dificuldades podem se

tornar um desafio para o discente continuar estudando na modalidade EAD. Marcuzzo, Gubiani, Lopes, Regio (2015) citam a satisfação do aluno matriculado em curso na modalidade EAD como sendo um dos fatores que justifica sua permanência e conclusão do curso. A satisfação envolve a facilidade de acesso às informações que melhoram o desempenho do aluno com relação ao seu aprendizado, como tempo de resposta do professor/tutor, *feedback* das atividades, o tutor possuir conhecimento necessário para a utilização dos recursos e instrumentos didáticos, que, segundo os autores (SUN et al, 2007 apud MARCUZZO, GUBIANI, LOPES, REGIO, 2015) “a continuidade da aprendizagem é garantida por meio do interesse de professores e tutores em solucionar problemas, atender as necessidades dos alunos e responder os questionamentos, fatores que, aliados, possuem relação direta com o nível de satisfação dos alunos, resultando na decisão de realizar um curso a distância.

Um dos grandes desafios da EAD, segundo BRITO, BORGES, ALVES, SILVA (2018, p.2) “[...] é a quebra do paradigma da distância, uma vez que ainda é recorrente a necessidade do contato pessoal com o professor e com os colegas”, por outro lado, com o avanço da EAD, com a utilização da internet e computadores que permitem converter recursos como vídeos, áudios, textos de forma síncrona ou assíncrona, em um único programa de comunicação, promove a busca da superação dessas barreiras. Dessa forma, permite ao “[...] aluno interagir e cooperar com diferentes sujeitos, contextos e objetos de conhecimento, enriquecendo a sua formação” (2018, p.5).

O quinto descritor, “*mediação pedagógica*”, é composto pelas ideias de: Carvalho (2007); Vergara (2007); Turra (2007); Veras, Ferreira (2010); Saldanha (2012); Cenci, Costas (2013); Oliveira, Santos (2013), Morán (2015); Rosini, Figueiredo, Amaral (2016); Silva, Melo, Campos (2016); Braga, Chena, Moreira, Machado (2017); Nogueira, Melo (2018). Faz-se necessário compreender o significado desse conjunto de palavras, mediação pedagógica, para que as ideias dos autores possam ser esboçadas no corpo desse trabalho. A mediação pedagógica traz o professor como aquele que planeja e executa ações/condições para que a aprendizagem aconteça, seu papel como incentivador, motivador, orientador, consultor e colaborador faz toda diferença no processo de aprendizagem, pois a participação do aluno, que também é de colaboração para que o aprendizado aconteça, exige dele certo grau de responsabilidade, sendo o protagonista de sua aprendizagem. Com a utilização de mídias, o ambiente educativo da EAD exige um trabalho de colaboração entre seus interlocutores – professor/tutor-aluno-*design* instrucional, pois entende-se que as propostas pedagógicas, juntamente com os ambientes virtuais, devam favorecer o processo de ensino aprendizagem, é

necessário diálogo – motivador, amistoso e que abra espaços para trocas, que favoreça a interação entre docentes e alunos.

Dessa forma, Carvalho (2007) já frisava que o aluno da EAD, durante seu caminho na aquisição do conhecimento, também deveria receber orientação de seus professores, que, durante a interação mantida entre eles, a aprendizagem poderia ser facilitada a partir do incentivo recebido de um professor/tutor, pois apoiado nessa interação, por meio de ferramentas disponibilizadas por essa modalidade de ensino, o professor/tutor cria um ambiente que favorece a aprendizagem. Assim “é fundamental que este professor adquira ou desenvolva habilidades de relacionamento interpessoal que valorize um processo de formação flexível, com abertura para o diálogo e negociação constantes durante a aprendizagem” (CARVALHO, 2007, s/p.). Vergara (2007) faz menção ao relacionamento existente na modalidade EAD, ressaltando que ele se expande a todos os envolvidos no processo, agregando professor, aluno, tutor, mentor, equipe técnica, equipe administrativa, enfim, há um estreitamento entre todos, facilitando para o aluno “condições que lhe permitam aprender a questionar, a dialogar, a refletir, a criticar, a aprender” (VERGARA, 2007, 5). Segundo Feuerstein (1997 apud Turra, 2007), “[...] é somente por meio da interação do sujeito com outros sujeitos capazes de mediar informações necessárias, estando estes sujeitos integrados a um meio ambiente favorável e estimulante, que o desenvolvimento cognitivo acontece” (TURRA, 2007, p.300).

De acordo com Veras e Ferreira (2010), o professor que se preocupa como os alunos compreendem o conteúdo, planejando ações que atendam às necessidades de seus educandos, exercendo seu papel de incentivador, motivador, orientador favorece o avanço dos alunos, pois desperta o interesse deles em participar das atividades programadas. Assim, ao demonstrar cuidado com o aluno, levando-o a perceber seus avanços e dificuldades, propicia condições afetivas positivas entre o aluno e os conteúdos acadêmicos, expressando na prática pedagógica o planejamento da disciplina, a escolha dos procedimentos de ensino, buscando a melhor forma de expor o conteúdo, levando em consideração os limites e possibilidades dos alunos; “[...] na avaliação, acompanhando o aluno e fazendo o *feedback* no decorrer de todo processo de ensino e aprendizagem” (VERAS; FERREIRA, 2010, p.233), compartilhando as responsabilidades que as situações pedagógicas exigem.

Ao se utilizar as mídias no ambiente educativo da EAD para promover a aprendizagem, considerando que a mediação pedagógica, como ressalta Saldanha (2012), também ocorre por meio da escrita, o papel do tutor ao dar seu *feedback* ao aluno, “viabiliza o

diálogo, a construção do conhecimento e o seu registro” (SALDANHA, 2012, p.6), ocorrendo a interferência em prol do conhecimento por meio de *chats* e fóruns.

Cenci e Costas (2013) citam Feuerstein ao se referirem à “mediação humana como possibilitadora das aprendizagens” (CENCI; COSTAS, 2013, p.256). Nesse sentido, o aprendizado ocorre a partir de problemas e situações reais, as quais os alunos vivenciarão pós estudos. Segundo Morán (2015), quando integramos saberes e valores às várias áreas de conhecimento, ocorre “*blended* de metodologias, com desafios, atividades, projetos, games, grupais e individuais, colaborativos e personalizados” (MORÁN, 2015, p.24). Para o autor, ao se elaborar uma proposta de ensino aprendizagem, esta deve trabalhar com modelos flexíveis, com desafios, com a informação contextualizada, ressaltando o equilíbrio entre o que foi planejado e a prática a ser desenvolvida de diversas formas e contextos diferentes, propondo novas metodologias, compartilhando projetos, atividades, soluções, integrando o presencial e o virtual. Nesse sentido, Rosini, Figueiredo, Amaral (2016) concordam que é necessário maior preocupação com todo o processo de ensino aprendizagem, sendo imprescindível a “integração entre os objetivos, conteúdos, atividades, tecnologias e pessoas envolvidas no processo educativo, onde esse cidadão esteja incluído em diferentes culturas educacionais” (ROSINI; FIGUEIREDO; AMARAL, 2016, p.6).

Silva, Melo e Campos (2016) abordam a afetividade e a motivação na mediação pedagógica. Ou seja, para as autoras, defendem que na EAD, “[...] a afetividade engajará o aluno ao curso e à aprendizagem dos conhecimentos científicos, através da motivação” (SILVA; MELO; CAMPOS, 2016, p.1). Existe uma interdependência entre afetividade e cognição, pois, na visão das autoras, a inteligência está agregada à afetividade, ao se estimular a inteligência, nutre-se a afetividade. Na pesquisa realizada por elas, um grupo significativo de alunos participantes relata ser o mediador pedagógico alguém que motiva o aluno, contribuindo para a conclusão do curso.

Braga, Chena, Moreira, Machado (2017), em seu trabalho, apresentam as ferramentas – síncronas (os participantes estão conectados simultaneamente) e assíncronas (os participantes interagem em tempos diferentes), como importantes recursos pedagógicos que devam ser utilizadas num sistema de comunicação; dessa forma, todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem devem utilizá-las para “dialogar com seus pares e com o material” (BRAGA; CHENA; MOREIRA; MACHADO, 2017, p.68), facilitando o acesso ao aprendizado. Ainda sobre o sistema de comunicação, Nogueira e Melo (2018) ressaltam a necessidade dos processos de ensino e aprendizagem estarem inseridos nos diferentes contextos da sociedade, tanto educativa como na produção de bens e consumo. Para as

autoras, “professores e alunos são capazes de gerir o processo de ensino e aprendizagem de forma compartilhada, participativa” (NOGUEIRA; MELO, 2018, p.3), valorizando a subjetividade de cada um e o respeito mútuo.

Segundo Mill (PEIXOTO; SANTOS, 2018, p.426), “a mediação é a própria relação, [...] não se trata de compreender a mediação como ponte estabelecida entre as práticas, os objetos, os sujeitos, considerados separadamente uns dos outros”. Neste sentido, concordam OLIVEIRA; SANTOS (2013, p.211), ressaltando a necessidade de “criar novas abordagens pedagógicas, próprias para o curso em EAD, e nesse sentido, a didática tem um papel fundamental”.

A mediação pedagógica nos remete à atitude colaboração, de permitir a comunicação de diferentes linguagens, buscando novas fontes de conhecimento por meio de tecnologia, favorecendo a interação, colaborando para que o aluno construa sua autonomia, “chegue a uma postura autônoma, crítica, “curiosa” e investigadora” (OLIVEIRA, SANTOS, 2013, p.212), estimulando a pesquisa.

Segundo Tarouco, torna-se imprescindível a mediação pedagógica em cursos a distância, mesmo com um ambiente estimulante e propício à aprendizagem, a mediação é capaz de “ensejar pesquisas, trocas, produção conjunta, reflexão, [...] a menor disponibilidade ao vivo do professor/tutor necessita ser compensada com materiais mais elaborados, mais autoexplicativos” (TAROUCO, 2012, p.89).

A EAD tem sido apontada, segundo Litto (2009), como solução para as carências educacionais, oferecendo oportunidade àqueles que almejam estudar sem abandonar o trabalho, conciliando horários. Nota-se que projetos de educação a distância são incluídos em políticas educacionais, conforme indica Alves (2009), atentando ao contexto cultural em que os educandos estão inseridos e às condições reais que se desenvolve, com o objetivo de proporcionar ao educando uma autonomia do ato de aprender.

Segundo Rabello e Peixoto (2006), a grande maioria dos alunos matriculados em cursos na modalidade EAD provém de outro tipo de modalidade de ensino, a tradicional, que pouco investe na postura ativa dos discentes no que se refere à construção do conhecimento e à sua autonomia. Em sua opinião, o trajeto entre uma educação formal tradicional para EAD torna-se um desafio, pois esta última requer do aluno a capacidade de estudo de forma autônoma, que não seja mediada pelo professor como detentor do processo de aprendizagem, tornando, dessa forma uma questão de sucesso para a aprendizagem.

2.1 A Educação a Distância através do tempo

Com a Revolução Científica iniciada no século XVII, as cartas comunicando informações científicas inauguraram uma nova era na arte de ensinar. Segundo Lobo Neto (1988), um primeiro marco da educação a distância foi o anúncio publicado na Gazeta de Boston, no dia 20 de março de 1728, pelo professor de taquigrafia Cauleb Phillips: "Toda pessoa da região, desejosa de aprender esta arte, pode receber em sua casa várias lições semanalmente e ser perfeitamente instruída, como as pessoas que vivem em Boston". (MARCUIZZO, 2013, p.31)

A Educação a Distância, em que muito se faz referência hoje, provém de uma variação terminológica que teve início com um método de se ensinar à distância por correspondência, datada da década de 1830, nos EUA (FORMIGA, 2009). Ela surgiu da necessidade do preparo profissional e cultural de milhões de pessoas que, por vários motivos, não podiam frequentar um estabelecimento de ensino presencial, e evoluiu com as tecnologias disponíveis em cada momento histórico, as quais influenciam o ambiente educativo e a sociedade. De lá pra cá, diante da necessidade de capacitação, muitas universidades passaram a oferecer esta modalidade de ensino, obtendo, assim, reconhecimento público.

Em 1833, um anúncio publicado na Suécia já se referia ao ensino por correspondência, e na Inglaterra, em 1840, Isaac Pitman sintetizou os princípios da taquigrafia em cartões postais que trocava com seus alunos. No entanto, o desenvolvimento de uma ação institucionalizada de educação a distância teve início a partir da metade do século XIX.

Em 1856, em Berlim, Charles Toussaint e Gustav Langenscheidt fundaram a primeira escola por correspondência destinada ao ensino de línguas. Posteriormente, em 1873, em Boston, Anna Eliot Ticknor criou a Society to Encourage Study at Home. Em 1891, Thomas J. Foster iniciou em Scarnton (Pensilvânia) o International Correspondence Institute, com um curso sobre medidas de segurança no trabalho de mineração. Pontua-se a ausência do diálogo, já que o ensino acontecia de maneira síncrona.

Em 1891, a administração da Universidade de Wisconsin aceitou a proposta de seus professores para organizar cursos por correspondência nos serviços de extensão universitária. Um ano depois, o reitor da Universidade de Chicago, William R. Harper, que já havia experimentado a utilização da correspondência na formação de docentes para as escolas dominicais, criou uma Divisão de Ensino por Correspondência no Departamento de Extensão daquela Universidade.

Por volta de 1895, em Oxford, Joseph W. Knipe, após experiência bem-sucedida preparando por correspondência duas turmas de estudantes, a primeira com seis e a segunda com trinta alunos, para o Certificated Teacher's Examination, iniciou os cursos de Wolsey Hall utilizando o mesmo método de ensino. Já em 1898, em Malmö, na Suécia, Hans Hermod, diretor de uma escola que ministrava cursos de línguas e cursos comerciais, ofereceu o primeiro curso por correspondência, dando início ao famoso Instituto Hermod.

No final da Primeira Guerra Mundial, surgiram novas iniciativas de ensino a distância em virtude de um considerável aumento da demanda social por educação, confirmando, de certo modo, as palavras de William Harper, escritas em 1886: "*Chegará o dia em que o volume da instrução recebida por correspondência será maior do que o transmitido nas aulas de nossas academias e escolas; em que o número dos estudantes por correspondência ultrapassará o dos presenciais.*". (LOBO NETO, 1998)

O aperfeiçoamento dos serviços de correio, a agilização dos meios de transporte e, sobretudo, o desenvolvimento tecnológico aplicado ao campo da comunicação e da informação influíram decisivamente nos destinos da educação a distância. Em 1922, a antiga União Soviética organizou um sistema de ensino por correspondência que em dois anos passou a atender 350 mil usuários. A França criou em 1939 um serviço de ensino por via postal para a clientela de estudantes deslocados pelo êxodo.

A partir daí, começou a utilização de um novo meio de comunicação, o rádio, que penetrou também no ensino formal. O rádio alcançou muito sucesso em experiências nacionais e internacionais, tendo sido bastante explorado na América Latina nos programas de educação a distância do Brasil, Colômbia, México, Venezuela, entre outros.

Após as décadas de 1960 e 1970, a educação a distância, embora mantendo os materiais escritos como base, passou a incorporar articulada e integradamente o áudio e o videocassete, as transmissões de rádio e televisão, o videotexto, o computador e, mais recentemente, a tecnologia de multimeios, que combina textos, sons, imagens, assim como mecanismos de geração de caminhos alternativos de aprendizagem (hipertextos, diferentes linguagens) e instrumentos para fixação de aprendizagem com *feedback* imediato (programas tutoriais informatizados) etc.

Atualmente, o ensino não presencial mobiliza os meios pedagógicos de quase todo o mundo, tanto em nações industrializadas quanto em países em desenvolvimento. Novos e mais complexos cursos são desenvolvidos, tanto no âmbito dos sistemas de ensino formal quanto nas áreas de treinamento profissional.

A educação a distância foi utilizada inicialmente como recurso para superação de deficiências educacionais, para a qualificação profissional e aperfeiçoamento ou atualização de conhecimentos. Hoje, cada vez mais foi também usada em programas que complementam outras formas tradicionais, face a face, de interação, e é vista por muitos como uma modalidade de ensino alternativo que pode complementar parte do sistema regular de ensino presencial.

Para Moore (2008), a educação a distância evoluiu ao longo da história, podendo ser caracterizada por diferentes gerações. A primeira foi marcada pelo meio de comunicação textual, através da correspondência; a segunda geração foi do ensino por rádio e televisão, a terceira não foi caracterizada pela tecnologia de comunicação, mas pela criação das Universidades Abertas. A quarta geração foi marcada pela interação à distância em tempo real, em cursos de áudio e videoconferência e, a mais recente, a quinta geração, é a que envolve o ensino e o aprendizado *on-line*, em classes e universidades virtuais, baseadas em recursos mediáticos <http://www>.

2.2 Panorama sobre a Educação a Distância no Brasil

A nova Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (LDB 9394/96), Decreto nº 9.057, Artigo 80, Seção II, artigo 4º, possibilitou a abertura e funcionamento de cursos de graduação e pós-graduação na modalidade EAD, constituindo-se uma nova metodologia de aprendizagem. A flexibilidade oferecida pela EAD permite maior aproximação entre aprendizagem e ambiente acadêmico.

Ainda segundo o Decreto 9.057/2017, a definição de EAD exposta no artigo 1º diz:

Considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2017)

Sobre a questão do acesso à universidade, Litto (2009) pontua que o Brasil, apesar de conter uma população acima de cem milhões de habitantes, foi o último país a estabelecer uma universidade aberta, a qual muitas vezes conhecida como a universidade que promove a

“segunda chance”, destinada àqueles que não conseguiram cursar o ensino superior na idade mais comum. Para ele

[...] A designação ‘aberta’ significa que a instituição não exige exame eliminatório (como um vestibular), possibilita ao aluno um programa que lhe garantirá um diploma acadêmico ou, simplesmente, lhe permitirá fazer cursos de seu interesse. (LITTO, 2009, p.15)

Numa realidade de país em desenvolvimento, a EAD, relatado por Litto (2009), serve, em parte, para garantir aos excluídos o acesso ao conhecimento. A internet promoveu esta oportunidade para educandos de todas as idades e em todas as áreas do conhecimento.

Mas e a aprendizagem, como vem sendo construída e garantida? Becker (2012) relata que entre 2003 e 2006, houve uma grande procura por cursos oferecidos na modalidade EAD, crescendo em 571 por cento, passando de 52 para 349 cursos, conforme cita a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), assim, não há outra opção, aprimorar a educação é uma necessidade.

É possível encontrar instituições educacionais que vislumbram a possibilidade de oferecer conteúdos educativos que promovam elementos para a reflexão do indivíduo sobre sua condição de cidadão com direitos e deveres, de sujeito ativo, que é capaz de possuir instrumentos para interferir na sua realidade, pessoal e comunitária, isto é, a partir do conhecimento adquirido, o ser é construído e incluído.

No Brasil, a EAD, em mais de cem anos – Alves (2009), excelentes programas foram criados e, graças à existência deles, fortes contribuições foram dadas ao setor para que democratizasse a educação de qualidade, atendendo, principalmente, cidadãos fora das regiões mais favorecidas. Entende-se que a construção de sistemas educacionais voltados para a EAD deva preconizar a produção de programas instigantes e significativos, assim faz-se necessário dominar a linguagem do meio, explorar corretamente seus recursos e superar as limitações inerentes à sua natureza tecnológica. Por exemplo, a Universidade Aberta oferece comercialmente somente cursos a distância, sejam cursos regulares ou profissionalizantes.

A EAD evoluiu, segundo consta nos estudos de Maia & Mattar (2007); Marconcin (2010); Rodrigues (2010); Santos, (2010). No Brasil, no final do século XIX, foi divulgado, por meio de um anúncio de jornal, o primeiro curso por correspondência, o qual se propunha a ensinar datilografia. Em 1939, o Instituto Radiotécnico Monitor desenvolveu seu trabalho através de remessa de material impresso e transmissão de rádio; já em 1941, o Instituto Universal Brasileiro (IUB) iniciou cursos por correspondência.

A seguir, no Quadro 1, alguns acontecimentos que marcaram a história da EAD no nosso País:

Quadro 1: Acontecimentos e suas Épocas

ANO	ACONTECIMENTO
1904	Jornal do Brasil registra, na primeira edição da seção de classificados, anúncio que oferece profissionalização por correspondência para datilógrafo;
1923	Grupo liderado por Henrique Morize e Edgard Roquette-Pinto criou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro que oferecia curso de Português, Francês, Silvicultura, Literatura Francesa, Esperanto, Radiotelegrafia e Telefonia, dando início, assim, a Educação a Distância pelo rádio brasileiro;
1934	Projeto planejado por Edgard Roquette-Pinto – Rádio-Escola Municipal no Rio, para a então Secretaria Municipal de Educação do Distrito Federal, no qual os estudantes tinham acesso prévio a folhetos e esquemas de aulas, e também era utilizada correspondência para contato com estudantes;
1939	Surge, em São Paulo, do Instituto Monitor, o primeiro instituto brasileiro a oferecer sistematicamente cursos profissionalizantes a distância por correspondência, era conhecido como Instituto Rádio-Técnico Monitor;
1941	Surge o Instituto Universal Brasileiro, foi o segundo instituto brasileiro a oferecer cursos profissionalizantes sistematicamente. Fundado por um ex-sócio do Instituto Monitor, formou mais de 4 milhões de pessoas e hoje possui cerca de 200 mil alunos; juntaram-se ao Instituto Monitor e ao Instituto Universal Brasileiro outras organizações similares, que foram responsáveis pelo atendimento de milhões de alunos em cursos abertos de iniciação profissionalizante a distância. Algumas dessas instituições atuam até hoje. Neste mesmo ano, surge a primeira Universidade do Ar, que durou até 1944;
1947	Nova Universidade do Ar, patrocinada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Social do Comércio (SESC) e emissoras associadas, que tinha como objetivo oferecer cursos comerciais radiofônicos. Os alunos estudavam nas apostilas e corrigiam exercícios com o auxílio dos monitores; essa experiência durou até 1961, entretanto a experiência do SENAC com a Educação a Distância continua até hoje;
1959	A Diocese de Natal, RN, cria algumas escolas radiofônicas, dando origem ao Movimento de Educação de Base (MEB), marco na Educação a Distância não formal no Brasil. O MEB, envolvendo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o Governo Federal utilizou-se inicialmente de um sistema rádio-educativo para a democratização do acesso à educação, promovendo o letramento de jovens e adultos;
1962	Em São Paulo, é fundada a Ocidental School, de origem americana, focada no campo da eletrônica;
1967	O Instituto Brasileiro de Administração Municipal inicia suas atividades na área de educação pública, utilizando-se de metodologia de ensino por correspondência. Ainda neste ano, a Fundação Padre Landell de Moura criou seu núcleo de Educação a Distância, com metodologia de ensino por correspondência e via rádio;
1970	Surge o Projeto Minerva, convênio entre o Ministério da Educação, a Fundação Padre Landell de Moura e Fundação Padre Anchieta. Sua meta era a utilização do rádio para a educação e a inclusão social de adultos; o qual foi mantido até o início da década de 1980;
1972	Tem-se a criação do Projeto Logos I, curso a distância com duração de 12 meses e com o objetivo de qualificar professores em nível de 1º grau (Ensino Fundamental I).
1973	Inaugura-se o Logos II, em nível nacional, propondo a formação do 1º grau até o Magistério (2º grau – Ensino Fundamental II), com a utilização de material impresso.
1974	Surge o Instituto Padre Reus e na TV Ceará começam os cursos das antigas 5ª à 8ª séries (atuais 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental), com material televisivo, impresso e monitores;
1976	É criado o Sistema Nacional de Teleducação, com cursos através de material instrucional;
1979	A Universidade de Brasília, pioneira no uso da Educação a Distância, no ensino superior no Brasil, cria cursos veiculados por jornais e revistas, que em 1989 é transformado no Centro de Educação Aberta, Continuada, a Distância (CEAD) e lançado o Brasil EAD;
1981	É fundado o Centro Internacional de Estudos Regulares (CIER) do Colégio Anglo-

	Americano que oferecia Ensino Fundamental e Médio a distância. O objetivo do CIER é permitir que crianças, cujas famílias mudem-se temporariamente para o exterior, continuem a estudar pelo sistema educacional brasileiro;
1983	SENAC desenvolve uma série de programas radiofônicos sobre orientação profissional na área de comércio e serviços, denominada “Abrindo Caminhos”;
1991	Tem início o programa “Jornal da Educação – Edição do Professor”, concebido e produzido pela Fundação Roquete-Pinto e, em 1995, com o nome “Um salto para o Futuro”, foi incorporado à TV Escola (canal educativo da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação) tornando-se um marco na Educação a Distância nacional. É um programa para a formação continuada e aperfeiçoamento de professores, principalmente do Ensino Fundamental e alunos dos cursos de magistério. Atinge por ano mais de 250 mil docentes em todo o país;
1992	Criada a Universidade Aberta de Brasília, acontecimento de grande importância na Educação a Distância do Brasil;
1995	É criado o Centro Nacional de Educação a Distância; nesse mesmo ano, a Secretaria Municipal de Educação cria a MultiRio (RJ) que ministra cursos do 6º ao 9º ano, através de programas televisivos e material impresso. Também em 1995, foi criado o Programa TV Escola da Secretaria de Educação a Distância do MEC;
1996	Criada a Secretaria de Educação a Distância (SEED), pelo Ministério da Educação, dentro de uma política que privilegia a democratização e a qualidade da educação brasileira. É neste ano também que a Educação a Distância surge oficialmente no Brasil, sendo as bases legais para essa modalidade de educação, estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, embora somente regulamentada em 20 de dezembro de 2005 pelo Decreto nº 5.622 (BRASIL, 2005) que revogou os Decretos nº 2.494 de 10/02/98, e nº 2.561 de 27/04/98, com normatização definida na Portaria Ministerial nº 4.361 de 2004 (PORTAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO a, 2010);
2000	É formada a UniRede, Rede de Educação Superior a Distância, consórcio que reúne atualmente 70 instituições públicas do Brasil comprometidas na democratização do acesso à educação de qualidade, por meio da Educação a Distância, oferecendo cursos de graduação, pós-graduação e extensão. Nesse ano, também nasce o Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ), com a assinatura de um documento que inaugurava a parceria entre o Governo do Estado do Rio de Janeiro, por intermédio da Secretaria de Ciência e Tecnologia, as universidades públicas e as prefeituras do Estado do Rio de Janeiro;
2002	CEDERJ é incorporado à Fundação Centro de Ciências de Educação Superior a Distância do Rio de Janeiro (Fundação CECIERJ);
2004	Implantados pelo MEC vários programas para a formação inicial e continuada de professores da rede pública por meio da EAD: o Proletramento e o Mídias na Educação. Estas ações intensificaram a criação do Sistema Universidade Aberta do Brasil;
2005	Criada a Universidade Aberta do Brasil, parceria entre o MEC, estados e municípios; integrando cursos, pesquisas e programas de educação superior a distância;
2006	Entra em vigor o Decreto nº 5.773, de 09 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino, incluindo os da modalidade a distância (BRASIL, 2006);
2007	Entra em vigor o Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007, que altera dispositivos do Decreto nº 5.622 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2007);
2008	Em São Paulo, uma Lei permite o ensino médio a distância, onde até 20% da carga horária poderá ser não presencial;
2009	Entra em vigor a Portaria nº 10, de 02 de julho de 2009, que fixa critérios para a dispensa de avaliação in loco e dá outras providências para a Educação a Distância no Ensino Superior no Brasil (BRASIL, 2009);
2011	A Secretaria de Educação a Distância é extinta.
2012	Unesco define que, para as instituições de ensino, as dimensões são legais, gerenciais, financeiras, tecnológicas e pedagógicas, para a prática de educadores, estão em jogo maneiras de ensinar que são normativas, juntamente com um senso de identidade que é tanto pessoal e profissional
2016	Homologada a Resolução N.1 do MEC/CNE que estabelece Diretrizes e Normas

	Nacionais para a Oferta de Programas e Cursos de Educação Superior na Modalidade a Distância.
2018	A Portaria MEC n.451, de 16 de maio de 2018, define que “os recursos educacionais voltados para a educação básica, produzidos com recursos financeiros do MEC deverão ser sempre cursos educacionais abertos e, quando digitais, disponibilizados obrigatoriamente em sítios eletrônicos públicos”. Parcerias público-privadas estão previstas no novo instrumento da regulação do Ministério da Educação.

Fonte: http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf, Acesso em 28 ago., 2018; às 14h57min; Luciano Satler (2018): “Recursos Educacionais Abertos, um avanço na política pública brasileira”; Neves, Branco e Fidalgo (2018): “Ensino Médio a distância no Brasil: confrontos e possibilidades”

Segundo Gomes, a trajetória da EAD vem acompanhada do crescimento tecnológico do país, passando pela era do correio, do rádio e da televisão, atualmente, vive a era da internet; sendo que, para cada período, acumulou erros e acertos, contradições e incoerências, nem sempre inesperadas, já que problemas estruturais no campo educacional demandam correções urgentes, na tentativa de superar a defasagem educacional latente em diversas regiões do país. Para o autor, a EAD tem representado papel importante na expansão do ensino, ampliando o número de alunos, barateando custos e maximizando lucros. (GOMES, 2013, p. 13-14)

Finalizando essa seção, compreende-se que os meios digitais potencializam a aprendizagem, promovendo integração entre professor-aluno-ensino, podendo ocorrer em qualquer tempo e lugar, independentemente da presença física.

2.3 Os processos de aprendizagem mediados: conhecendo os elementos da EAD

Educação a Distância (EAD) é uma modalidade de educação mediada por tecnologias em que alunos e professores – presencial e tutor *on-line*, estão separados espacial e/ou temporalmente, isto é, não estão fisicamente presentes em um ambiente presencial de ensino-aprendizagem. Segundo Formiga (2009),

Vive-se um transbordamento permanente a linguagem própria à EAD. Esse transbordamento linguístico/terminológico se acentua pelos avanços das tecnologias de informação e comunicação (TICs) em vários países, que lideram as transformações frequentes das fronteiras do conhecimento, resultando em uma multiplicidade de novos termos para designar os fatos ou fenômenos. (FORMIGA, 2009, p.39)

Os benefícios assumidos por esta modalidade, como tecnologias da informação e comunicação, aprendizado interativo, o educando determina seu ritmo de aprendizagem, sua

velocidade, seus percursos, o investimento financeiro, passaram a se tornar atrativos para a aquisição do diploma de um curso superior.

Assim, esta modalidade exige do educando definições do que seja conhecimento e técnicas para autoavaliação. Este desempenho está intimamente conectado à acessibilidade tecnológica, mesmo que para sua finalização sejam otimizadas diferentes localidades, como residência, trabalho, *lan-houses*. A proposta é tornar o acesso ao conhecimento via internet, garantindo que as instituições de ensino cheguem até seus alunos. Embora haja diferentes maneiras de se usar os recursos tecnológicos para facilitar a aprendizagem, ainda há muito por ser feito.

Segundo o Censo EAD/BR (2012-2013, p.21), tem-se um “perfil de aluno muito peculiar, revelador da diversidade e da inclusão promovidas por essa modalidade de ensino”, idade, gênero e ocupação não são os únicos atributos deste público, é preciso ser organizado e comprometido, caso contrário, corre-se o risco de não cumprir com os prazos, acumulando conteúdo e levando-o a desistir do curso. É possível encontrar estudantes dedicados, comprometidos, proativos e responsáveis, ganhando vantagem com este tipo de ensino. A facilidade com o ambiente virtual, dominar as ferramentas, pode contribuir com a atuação destes estudantes, isto significa que, mesmo parecendo fácil, exige empenho e disciplina. Os Referenciais de Qualidade do MEC pontuam que “Para muitos alunos, parece ser fácil estudar a distância. Na verdade, não é. Estudar a distância exige perseverança, autonomia, capacidade de organizar o próprio tempo” (BRASIL, 2005a, p.14), sendo um desafio, exigindo novos aprendizados, não apenas de conteúdos, mas de comportamentos.

Ainda com relação ao aluno inscrito na modalidade EAD, Guimarães (2012) nos remete à nomenclatura “novo aprendente”, que, em decorrência das mudanças ocorridas na educação informal, as pessoas aprendem de maneira cada vez mais autônoma. Azevedo (2012) reforça afirmando ser o aluno o indivíduo quem aprende e não o professor quem ensina.

O professor *on-line*, como todo professor, é imprescindível para o processo de ensino-aprendizagem, não sendo descartável, nem substituível. Com relação às formas de participação, Gatti (2009) afirma

No caso dos processos de educação a distância observa-se a importância do professor, desde a criação/produção/revisão/recomposição dos materiais didáticos, até aos contatos com os alunos, mais diretos ou indiretos, em diferentes momentos, por diferentes modalidades: na colocação de temas, de problemas, em consultas, em tutoria, em revisões, em processos de recuperação, etc;

por e-mails, por webcam, por telefone, em bases de atendimento, etc. [...] quando bem formado, ele detém um saber que alia conhecimento e conteúdos à didática e às condições de aprendizagem para segmentos diferenciados. Educação para se ser humano se faz em relações humanas profícuas. (GATTI, 2009, p. 91)

A formação dos docentes, especialistas ou não em EAD, perpassa a dimensão técnica, humana, o conhecimento a ser transmitido, o contexto político. Niskier (2009) resume isto em aquisição de competência, abrangendo o saber e o fazer, a teoria e a prática, os princípios e os processos da tecnologia educacional, se pautando no respeito às nossas diversidades culturais-sociais-econômicas.

Tendo em vista a aquisição do conhecimento mediante a relação de aprendizagem mantida entre professor-aluno, Becker (2008), afirma ser este fenômeno concebido a partir de concepções pedagógicas, que podem avançar, retardar ou até impedir o processo de construção do conhecimento.

Com a introdução da comunicação mediada por tecnologias, como computador, tablet, celular entre outros, emergem novas práticas de ensino, que segundo Teles (2009), nos levam a novas reflexões sobre o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem, requerendo técnicas de ensino diferentes, baseando-se na pedagogia apropriada aos ambientes colaborativos *on-line*. Ainda segundo o autor, ambientes colaborativos *on-line*, são ambientes gerenciados pelo professor, mas os alunos têm participação ativa, independente da tecnologia utilizada.

Dessa forma, a grande evolução vivenciada pela educação a distância, permite perceber que os elementos pedagógicos responsáveis pela apropriação do conhecimento foram sendo transformados ao longo do tempo, moldando formas de acesso e de permanência coerentes para atender os sujeitos que, dentro das suas historicidades também levam para dentro das instituições de ensino seus anseios acerca do pertencimento a uma sociedade, com propósito de qualificar-se para o trabalho e exercer sua profissão. A EAD qualifica na medida em que oferece oportunidades que só serão possíveis de serem concretizadas justamente por causa das características que a define e que veremos a seguir.

Conforme cita Bulcão (2009), na literatura é possível encontrar propostas de novas teorias de aprendizagem, sistemas tecnológicos inovadores, novas ações práticas de aferição do aprendizado.

Vários desafios associados à concretização da aprendizagem são relevantes, como a estrutura dos programas educacionais, a interação entre alunos e professores, e a natureza e o grau de autonomia do aluno são citados por Moore (2002).

Grandes são as expectativas sobre como ensinar e como aprender. É certo que avançamos em tecnologia, programas, satélites, computadores, canais exclusivos para educação. Vale ressaltar a importância de estratégias pedagógicas consistentes, que contribuam com o sucesso da aprendizagem no âmbito da EAD, como a mediação pedagógica que, segundo Maia (2012), envolvem os modos e meios de produção e disponibilização dos materiais utilizados, influenciando diretamente sobre a aprendizagem do aluno e sobre seus modos de agir e participar.

De acordo com Valente (2009), esta promoção pode acontecer por meio da inclusão de outros meios como imagem, som, vídeo, além do tradicional texto, podendo substituir documentos impressos, como livros, revistas e mesmo enciclopédias.

A aprendizagem é ressaltada por Bianco (2009) quando afirma em seu texto sobre o estado da arte componentes conceituais importantes

O adulto constrói um conhecimento se estiver motivado, por estar, de alguma forma, relacionado a uma necessidade ou desafio, ou se ele perceber a importância daquela aprendizagem para sua vida, seja no plano pessoal, profissional ou social, o que conduz para a compreensão de que a contextualidade e a significância são as bases da aprendizagem para o desenvolvimento de competências. (BIANCO, 2009, p.63)

Assim, a interação entre educando e professor é fundamental para o processo de construção do conhecimento. Dessa forma, espera-se compreender de que forma o aluno da EAD é capaz de resolver os possíveis problemas relacionados à aprendizagem encontrados no decorrer do curso. Entende-se então que atos pedagógicos são necessários à aprendizagem, que deve existir um ambiente de colaboração entre educando e educador, mesmo na EAD. A função pedagógica inclui o apoio ao processo de aprendizagem do aluno e do grupo, criando um ambiente de comunicação fácil e confortável, no qual o aluno se sinta integrante da comunidade virtual a qual pertence, não se sentindo isolado dos colegas, recebendo incentivo por parte do professor.

Os atos pedagógicos são citados por Teles (2009) e define que

A função pedagógica inclui todos os atos do professor com o objetivo de apoiar o estudante em alcançar determinada competência de aprendizagem relevante para a disciplina. A função pedagógica inclui: *Feedback*, Orientações, Informações, Opiniões/ Preferências/ Conselhos, Questões, Resumo, Referências de fontes externas. (TELES, 2009, p.76)

É possível observar também, nos trabalhos de Piaget, a preocupação com a interação, pois, tanto a epistemologia genética quanto o socioconstrutivismo de Vygotsky, apesar de suas diferenças, ressaltam que é por meio das interações que os seres humanos se desenvolvem e aprendem. Dessa forma, entende-se que a tradicional sala de aula presencial e o moderno ambiente virtual de aprendizagem, que historicamente se desenvolveram separadamente, vêm se descobrindo mutuamente complementares (TORI, 2009, p.122).

Entender como se desenvolve a aprendizagem é entender como se processa a educação. É entender a diversidade, como se dá o processo de aprendizagem existente em diferentes ambientes: numa sala de aula ou mediada por computador, celular, tablete, notebook.

Num estudo sobre a equidade na modalidade EAD, Santarosa, Conforto, Vieira, Schneider e Cheiran ponderam:

Ao instituir um processo de formação em tecnologias digitais acessíveis, todo recurso educacional digital se cristaliza e representa um estágio de desenvolvimento sociocultural da humanidade [...], assim, a inclusão [...] consolida-se como a dimensão que assegura a todos os cidadãos o acesso e a participação, sem discriminação, em todos os seus níveis e serviços sociais. Essa dimensão relaciona-se diretamente com os direitos humanos e com uma aceção básica de equidade social. A dimensão eletiva da inclusão assegura que, independentemente de qualquer condição, a pessoa tem o direito de se relacionar e interagir com os grupos sociais em função dos seus interesses. (SANTAROSA, CONFORTO, VIEIRA, SCHNEIDER, CHEIRAN, 2016, p.55)

Acessibilidade pode ser compreendida como o direito de participação econômica, política, social e cultural. A nossa Constituição preconiza como direito e garantia fundamental ao ser humano o acesso à informação e à comunicação.

Segundo Romiszowski (2009), faz-se necessária a compreensão, o entendimento das complexidades trazidas pela diversidade cultural, tanto pedagógicas quanto linguísticas, salientando o que está oculto, como os métodos, os conteúdos e as avaliações. A autora ainda reflete sobre os fatores culturais que podem influenciar no processo de aprendizagem e que um deles é a tecnologia, pois os alunos podem se manifestar em outro ambiente, no qual a realidade sócio-educacional sofre diferentes experiências *on-line*, esta abertura amplia a influência dos fatores culturais.

Evidencia-se grande preocupação, por parte dos autores, sobre a qualidade da aprendizagem. Se a intenção é utilizar recursos tecnológicos para melhorar a educação, algumas questões se tornam relevantes dentro do processo das práticas pedagógicas: cultura,

diversidade, pedagogia, currículo, organização, atitudes promovedoras do processo ensino-aprendizagem.

Diante dessa análise, faz-se pertinente citar autores que apresentam as particularidades da modalidade EAD, destacando seus elementos. O Quadro 2, apresenta os autores e seus elementos:

Quadro 2: Elementos da EAD e seus Autores

AUTOR/ANO	ELEMENTOS
Keegan <i>et al</i> (1991)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ separação física entre professor e aluno; ▪ influência da organização educacional: planejamento, sistematização, plano, projeto, organização dirigida; ▪ utilização de meios técnicos de comunicação; ▪ previsão de uma comunicação de mão dupla; ▪ possibilidade de encontros ocasionais com propósitos didáticos e de socialização e participação de uma forma industrializada de educação.
Aretio (1994)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ distância física professor-aluno; ▪ estudo individualizado e independente; ▪ o uso de tecnologias; ▪ comunicação bidirecional.
Santos (1999)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ serviços síncronos – relação professor-aluno em tempo real, e assíncronos – relação professor-aluno não necessariamente ao mesmo instante de tempo; ▪ tecnologias de vídeos classificadas em: via única – considera os sistemas de vídeo em que não existe interação entre os participantes e via-dupla – sistemas de vídeo que permitem interação entre os participantes.
Moran (2002)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias; ▪ professores e estudantes estão separados espacial e/ou temporalmente; ▪ professores e estudantes não estão juntos fisicamente, mas podem estar conectados por meio de tecnologias, como a internet, ou outros meios como o correio, o rádio, a televisão, o vídeo, o CD-ROM, o telefone, o fax; ▪ no ensino a distância, o professor é alguém que ensina a distância.
Moore e Kearsley (2005)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ discentes e docentes estão separados pela distância e, algumas vezes, pelo tempo; ▪ influência de uma organização educacional: planejamento e preparação dos materiais de aprendizado; ▪ utilização de meios técnicos e de mídia; ▪ providências para comunicação em duas vias; ▪ possibilidades de seminários (presenciais) ocasionais e participação na forma “mais industrial” de Educação.

Fonte: MARCUZZO, 2013, p.39-41

O Quadro 2 apresenta alguns dos principais elementos citados pelos autores: distância física professor-aluno, isto é, professores e estudantes não estão juntos fisicamente, mas podem estar conectados por meio de tecnologias; utilização de meios técnicos e de mídia, comunicação bidirecional. Esses elementos serão abordados no decorrer da pesquisa.

Dando continuidade aos processos de aprendizagem mediados, homologada em 2016, a Resolução N.1 do MEC/CNE estabelece Diretrizes e Normas Nacionais para a Oferta de Programas e Cursos de Educação Superior na Modalidade a Distância, neste documento é possível encontrar os elementos citados no Quadro 2. Nas Disposições Gerais é possível observar grande preocupação com relação à mediação didático-pedagógica que envolvem os

processos de ensino e aprendizagem. O Documento reforça que a aprendizagem ocorre a partir de meios e tecnologias de informação e comunicação (TICs), garantindo a política de acesso. O pessoal envolvido com este processo deve ser qualificado, promovendo acompanhamento e avaliação compatíveis, propiciando maior articulação, assegurando efetiva interação e complementariedade entre a presencialidade e a virtualidade “real”, o global e o local, a subjetividade e a participação democrática nos processos de ensino e aprendizagem em rede. Todos devem estar envolvidos, tanto estudantes quanto profissionais da educação – professores, tutores e gestores, a fim de desenvolver atividades educativas em lugares e/ou tempos diversos.

Com relação ao material didático, avaliação e acompanhamento da aprendizagem, a Resolução esclarece que as IES que atuam na modalidade EAD devem estar atentas à Legislação e às Diretrizes e Normas Nacionais, pois as instituições respondem pela “organização acadêmica, execução e gestão de seus cursos; pela definição dos currículos, metodologias e elaboração de material didático; pela orientação acadêmica dos processos pedagógicos; pelos sistemas de acompanhamento e da avaliação da aprendizagem, assim como pela formação e gestão dos profissionais da educação (professor, gestor e tutor), técnicos, em sua sede e polos de EAD”. Afirma ainda que são elementos constitutivos dos cursos superiores na modalidade EAD: as tecnologias, as metodologias e os recursos educacionais, materializados em ambiente virtual multimídia interativo, inclusive materiais didáticos, bem como os sistemas de acompanhamento e de avaliação de aprendizagem. (BRASIL, 2016, p.2)

A reflexão sobre os elementos da EAD é importante, pois as abordagens pedagógicas que orientam os cursos nessa modalidade, devem se pautar nas relações interpessoais, onde prevaleçam o aprendizado, a colaboração, a autonomia; onde o professor/tutor não seja o detentor do saber, que haja troca de saberes entre todos os participantes do processo e que o mesmo seja avaliativo, que os recursos tecnológicos como softwares, recursos audiovisuais e didáticos, os meios de interação entre aluno e professor/tutor por meio de *chats* e fóruns favoreçam a criticidade e o diálogo.

2.4 A Teoria da Distância Transacional de Michael G. Moore

2.4.1 O surgimento da Teoria da Distância Transacional

Nas décadas de 1960 e 1970, estudos e práticas na educação a distância seguiam uma orientação industrial, dava-se ênfase na separação geográfica e na utilização dos meios de massa, com intuito de alcançar o maior número de estudantes. Especialistas como Wedemeyer, Peters e Holmberg contribuíram para uma melhor compreensão do que seja ensinar e aprender a distância. (CARMO, 2016)

Já em meados de 1972, surge, em língua inglesa, a primeira tentativa de definir uma teoria da Educação a Distância. Mais tarde foi denominada de “teoria da distância transacional” (ABED, 2002, p.2)

Pelas mãos de Dewey (1946), nasce o conceito de Transação, que ocorre entre professores e alunos no ambiente de separação, remetendo para a interação entre ambientes, indivíduos e comportamentos, sendo possível ocorrer a modificação do sujeito.

Esta transação, no âmbito da EAD – denominado ambiente, tem implicações no ensino e na aprendizagem porque os alunos e professores – denominados indivíduos, estão significativamente separados, o que exige comportamentos diferentes. O conceito de “Distância Transacional” diz respeito ao espaço psicológico e comunicacional que é necessário gerir na EAD para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. (MOORE, 1993 apud PELLI; ROSA, 2016).

Moore, em 1997, faz distinção entre a distância física e a distância pedagógica. A distância física é diferente de distância pedagógica, pois, entende-se como distância pedagógica, a Distância Transacional, que se apoia em três variáveis de grande importância, que são Diálogo Educacional, Estrutura do Programa e Autonomia do Aluno.

Segundo Moore (2013), diálogo é a inter-relação, é intencional, quando um transmite a instrução e o outro responde. Estrutura do programa, ao ser organizado por uma instituição, deve ser estruturado de uma forma adequada à modalidade EAD, preparado e distribuído por meio de tecnologias, articulando o que os alunos precisam aprender e de que forma o aprendizado será avaliado. Já a autonomia do aluno significa ter capacidade para tomar decisões a respeito de seu próprio aprendizado.

A seguir, no Quadro 3, segundo Moore & Kearsley (2013), o desenvolvimento teórico da EAD:

Quadro 3: Desenvolvimento teórico da Educação a Distância

PESQUISADOR/ANO	CONCEITUAÇÃO TEÓRICA
Otto Peters (1967)	A EAD dependia do emprego de métodos industriais de instrução para ser bem-sucedida.

Desmond Keegan (1980)	Baseado nos elementos essenciais, propõe uma definição mais abrangente da EAD.
Börje Holmberg (1981)	Criou o conceito de “conversação didática dirigida”, pautado na conversação entre professores e alunos.
Michael G. Moore (1983)	Desenvolveu a Teoria da Distância Transacional, a qual propõe a diminuição da distância transacional e o aumento no grau de autonomia dos alunos, sendo estes fatores preponderantes na EAD.
Randy Garrison (1989)	Amplia a proposta de Michael G. Moore propondo seis tipos de interação a distância.
Terry Anderson (1995)	A partir das formas de interação dos alunos, desenvolve o “teorema da equivalência em EAD”.
Saba e Shearer (1994)	Ampliaram a ideia de interação em EAD de Michael G. Moore a partir da “teoria refinada da interação a distância”.
Shin (2001)	A partir do conceito de interação a distância de Moore, desenvolveu o conceito de interação presencial, ou presença transacional.

Fonte: Moore & Kearsley, 2013, p. 293-305

O Quadro 3 apresenta, resumidamente, os principais atributos que conceituam a EAD, ilustrando seu desenvolvimento teórico.

É possível evidenciar o lado histórico, onde seu crescimento está relacionado com as exigências do mercado, com as necessidades industriais, com o aprimoramento da mão de obra. A partir da sua institucionalização, cresce a necessidade de interação entre seus participantes, alunos e professores, desenvolvendo programas que favoreçam o processo de ensino aprendizagem, estreitando a distância, possibilitando o diálogo entre professor-aluno-tutor.

Para Carmo (2016), a EAD, baseada nas questões transacionais, aponta para a capacidade de personalização e de compartilhamento do controle da transação educacional, viabilizada por uma comunicação frequente dentro do contexto de aprendentes.

2.4.2 Dimensões da Distância Transacional: estrutura, diálogo e autonomia

Sabe-se que o aluno da EAD, que utiliza as tecnologias digitais, as quais permitem aumentar o alcance e as possibilidades de ensino e aprendizagem oferecidos por esta modalidade, desenvolve-as em qualquer tempo e espaço, conforme suas demandas e necessidades. Moore (1997), a partir da sua Teoria, muda o foco de discussão da distância geográfica (espaço-tempo) para a distância psicológico-comunicacional entre professores e alunos na modalidade EAD *on-line*.

Com a análise das dimensões propostas pela Teoria Transacional, espera-se compreender o uso dos recursos tecnológicos a favor do processo de ensino e aprendizagem, enfatizando a estrutura, o diálogo e a autonomia do aluno, favorecendo as relações pedagógicas e interações que envolvem professores e alunos a distância.

É certo que os conceitos de diálogo e interação são muito parecidos, e que muitas vezes são utilizados como sinônimos, mas na Teoria Transacional, o diálogo é intencional, construtivo e valorizado por cada parte; no diálogo os intervenientes contribuem para a construção de algo que seja comum, o que não se passa nas interações que até podem ser negativas ou neutras.

Assim, cada parte num diálogo, é um ouvinte respeitoso e ativo, que elabora e adiciona algo à contribuição de outra parte ou partes. O termo "diálogo" é reservado para interações positivas, onde o valor incide sobre a natureza sinérgica da relação entre as partes envolvidas. O diálogo, em uma relação educacional, é direcionado para o aperfeiçoamento da compreensão por parte do aluno. É através do diálogo que professores e alunos interagem. No diálogo, cada parte, professor e aluno, contribui para a construção ou reconstrução de algo que lhe é comum, o que não se verifica nas interações que até podem ser negativas ou neutras. Em EAD, segundo Teixeira e Barros (2018), a dimensão dialógica é a que melhor se harmoniza com a modalidade em ambientes virtuais, pois, a partir dos avanços tecnológicos, existe a possibilidade de autoria, coautoria e compartilhamento (p.370). Dessa forma, o diálogo educacional poderá ser influenciado pelas seguintes variáveis: Meios de comunicação, Tipo de conteúdo, Características dos professores e dos alunos, Condições físicas. O sucesso do ensino a distância depende muito da criação de oportunidades adequadas para o diálogo professor-aluno, mas também de materiais didáticos estrutura dos de forma a reduzir a distância transacional. Assim, é possível melhorar o diálogo educacional e reduzir a distância transacional através dos meios de comunicação.

Existe uma relação entre o meio de comunicação utilizado e a qualidade do diálogo produzido, podendo resultar num tipo de comunicação mais ou menos dinâmica, unidirecional ou bidirecional, que fomente um diálogo mais espontâneo ou mais reflexivo. Um dos mais importantes fatores ambientais e que, geralmente atrai mais atenção das pessoas – tanto dentro quanto fora da Educação a Distância, é o meio de comunicação. À medida que o campo da Educação a Distância amadurece, espera-se que uma atenção maior seja dada a outras variáveis além do meio de comunicação, especialmente o projeto de cursos, a seleção e treinamento dos instrutores e o estilo de aprendizagem dos alunos.

Segundo Moore (2002), fica evidente que, um programa educacional no qual a comunicação entre professor e aluno se dá única e unidirecionalmente por conteúdos de autoestudo, televisão, áudio ou correspondência, não terá nenhum diálogo professor-aluno simplesmente porque estes meios não permitem o envio de mensagens dos alunos de volta ao

professor. Os alunos, via de regra, respondem interiormente ao que é transmitido pelo meio unidirecional, mas não conseguem responder individualmente ao professor.

Em contrapartida, um aluno que utiliza o meio bidirecional, dialoga com o professor. O diálogo é menos espontâneo, mas talvez mais ponderado e reflexivo que um curso semelhante ministrado numa sala de aulas ou numa conferência mediada por computador.

Parece óbvio que esta natureza interativa do meio de comunicação é um fator determinante do diálogo no ambiente de ensino-aprendizagem. Estruturando-se os meios de comunicação, é possível ampliar o diálogo entre alunos e seus professores e assim reduzir a distância transacional, assim, a estrutura do programa deve estar atenta à criação de oportunidades adequadas para o diálogo professor-aluno, bem como materiais didáticos estruturados de forma a reduzir a distância transacional.

Assim como o diálogo, a estrutura também é qualitativa, e, tal como o diálogo, a extensão da estrutura num programa é determinada, principalmente, pela natureza dos meios de comunicação empregados, pela filosofia, pelas características emocionais dos professores, pelas personalidades e outras características dos alunos, e pelas restrições impostas pelas instituições educacionais.

Cita-se programas mais e menos estruturados; os mais estruturados ou altamente estruturados, tornam o diálogo professor-aluno inexistente e a distância transacional entre eles é grande, como é o caso de programas de televisão gravados. Já os menos estruturados, com pequena distância transacional, possuem muito diálogo e pouca estrutura predeterminada, os alunos recebem instruções e orientação de estudo por meio do diálogo com um instrutor, onde a estrutura é relativamente aberta, dando respaldo às interações individuais; a extensão do diálogo e a flexibilidade da estrutura podem variar de programa para programa. É esta variação que dá a um programa maior ou menor distância transacional que outro.

Pergunta-se: o quanto de estrutura é necessário em um programa para projetar adequadamente interações e apresentações estruturadas? Moore (2002) salienta que é preciso muita habilidade para facilitar o grau de diálogo, tornando-o suficiente e adequado para determinados alunos, que para superar a distância transacional, torna-se necessária a estruturação adequada da instrução e do uso adequado do diálogo, sendo bastante trabalhoso. Pois requer o envolvimento de habilidades diferentes e exige que as mesmas sejam sistematicamente organizadas e aplicadas, necessitando de mudanças no papel tradicional dos professores, fornecendo a base para a seleção dos meios para a instrução. Em EAD, o ensino não é um ato individual; é um processo colaborativo, reúne equipes de planejamento e redes de distribuição, além de um certo número de especialistas. Como modelo, pode-se citar o da

equipe pedagógica, sendo composta por especialistas em conteúdo, designers instrucionais e especialistas em meios, equipe esta que fornece materiais estruturados que são então usados como base para o diálogo entre alunos e professores especializados, muitas vezes chamados de tutores, atendendo a necessidade do aluno em adquirir prática, *feedback* e aconselhamento.

Com relação à estrutura de processos educacionais, Moore (2002) identifica um conjunto de processos que, na sua perspectiva, devem ser considerados na estruturação de um programa para EAD. Seriam a Apresentação, que é disponibilizar informações gerais através de meios gravados; Apoio à motivação do aluno, estimulando e mantendo seu interesse; Estímulo à análise e à crítica, desenvolvendo habilidades cognitivas de alto nível com atitudes e valores associados; Aconselhamento e assistência, orientando e acompanhando os alunos na utilização dos recursos didáticos e na resolução de problemas; Organização prática, aplicação, testes e avaliação, isto é, criar atividades para a aplicação dos conhecimentos; Organização na construção do conhecimento por parte do aluno, criando condições para o diálogo e para a partilha no processo de construção do seu conhecimento.

É necessário ainda, selecionar o meio ou conjunto de meios mais apropriados para determinado programa em EAD, ou seja, na seleção do meio de comunicação mais adequado, importa considerar as características inerentes ao aluno e ao conteúdo, no qual diferentes processos de ensino podem ser mais adequadamente disponibilizados através de diferentes meios. Moore (2002) conclui que o aluno ganha com o potencial de conteúdos altamente estruturados e integrados com vários tipos de meios de comunicação, como por exemplo, o diálogo através de correio eletrônico e videoconferência.

Outro fator de relevância é a autonomia do aluno frente ao processo de ensino-aprendizagem, visto que a autonomia do aluno é a capacidade de centralizar a aprendizagem, delineando os seus objetivos, esta capacidade se faz pertinente no sentido de ser fundamental para definir a distância transacional em EAD, sendo que uma maior distância transacional corresponde a uma maior autonomia, menos diálogo, programas mais estruturados.

Por outro lado, sendo uma menor distância transacional significa maior autonomia, mais diálogo, programas menos estruturados. Isto é, quanto “menor a distância transacional, maior a satisfação dos alunos com o ambiente de aprendizado, incluindo interações com o instrutor, colegas, conteúdo do curso e interface” (MOORE, 2013, p.327); quanto menor autonomia, maior distância transacional.

Segundo Moore (2002), a autonomia do aluno é a medida pela qual, na relação ensino-aprendizagem, é o aluno e não o professor quem determina os objetivos, as experiências de aprendizagem e as decisões de avaliação do programa de aprendizagem. Um aluno é

independente do professor quando é capaz de abordar assuntos sem a mediação deste. Os estudos revelam que os alunos possuidores de competências avançadas no nível de autonomia preferem programas com menos diálogo e com pouca estrutura. Já os alunos mais dependentes, preferem programas com mais diálogo, numa perspectiva mais humanística.

De acordo com Moore (2002), desde que a teoria da Distância Transacional foi apresentada, o avanço mais importante em Educação a Distância foi o desenvolvimento de meios de telecomunicação altamente interativos, os quais são a teleconferência – redes interativas de computadores, redes de vídeo, áudio ou audiográficas. Esta interação trouxe a possibilidade de diálogo mais ágil com o professor e, por meio da conferência por computador, mais diálogo pessoal. Esses meios viabilizam programas menos estruturados que os meios interativos impressos ou gravados. Além do mais, permite uma nova forma de diálogo que pode ser chamado "diálogo entre alunos", que acontece entre alunos e outros alunos, em pares ou em grupos, com ou sem a presença de um professor em tempo real. Por audioconferência videoconferência e conferência por computador, os grupos aprendem através da interação intergrupos e intragrupos, potencializando o processo de ensino-aprendizagem.

Kowitz e Smith (1987 apud Moore, 2002) definem como "inteligência coletiva" a terceira e mais avançada forma de instrução, após o ensino de conhecimentos básicos e de habilidades técnicas, isto é, grupos e "grupos virtuais" também oferecem a oportunidade de exercícios orientados para o desenvolvimento de habilidades de análise, síntese e crítica do conhecimento, assim como testagem e avaliação, permitindo que os alunos exerçam e desenvolvam sua autonomia por meio de apresentações para as turmas e servindo, por outro lado, como fonte de recursos para seus pares, reforçando e aumentando a motivação, além da independência.

A teleconferência abre novas oportunidades à EAD, reduzindo a distância e promovendo o diálogo entre os mediadores do conhecimento, promovendo o compartilhamento das atividades, pois o professor a distância tem acesso a uma maior variedade de atividades do que teria um professor sem este recurso, criando uma atmosfera mais amigável e encorajadora do que formas menos dialógicas de ensino e até mesmo do que muitos ambientes de aprendizagem convencionais.

Dessa forma, a teleconferência desenvolve a autonomia, favorece a criação de recursos, promove a motivação; diversifica as atividades; cria uma atmosfera mais amigável; encoraja o diálogo; diminui a estrutura e o controle. Moore, já em 1983, revela que a interação professor-aluno na teleconferência é mais dialógica e menos estruturada.

A utilização das potencialidades das novas tecnologias, para fomentar a comunicação em EAD, tem provocado a discussão em torno de alguns conceitos. A interação é um destes conceitos, que importa rever, analisando-se os principais agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. “A interação implica inter-relação do ambiente e das pessoas com os padrões de comportamento em uma situação.” (Boyd e Apps, 1980 apud Moore, 2013)

Segundo Garcia (2014), “as tecnologias mediadoras de processos educacionais, cada vez mais interativas, foram e são desenvolvidas, aperfeiçoadas e aplicadas para poder vencer a distância ou, ao menos, minimizá-la”. (GARCIA, 2014, p.82)

Nesse sentido, Moore (2013) denomina EAD como sendo a inter-relação das pessoas – professores e alunos, em ambientes os quais estão separados entre si, “[...] a distância é um fenômeno pedagógico, e não simplesmente uma questão de distância geográfica” (MOORE, 2013, p.295). O autor, em 1989, propôs três tipos de interação: Aprendizente-Conteúdos; Aprendizente-Professor; Aprendizente-Aprendente. Que são definidos da seguinte forma: Aluno-Conteúdo: Comunicação unidirecional, Aprendizagem autodirigida; Aluno-Professor: Interação que se estabelece através dos meios de comunicação síncronos e assíncronos disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem, Incentiva os alunos numa melhor compreensão dos conteúdos, Comunicação bidirecional orientada pelo moderador; Aluno-Aluno: Aprendizagem colaborativa (TECCOGS, 2014, p.73-80).

A Teoria de Moore é estruturada por meio do diálogo, da estrutura do curso¹ e da autonomia. É por meio dessa organização que é possível medir a distância transacional, que depende diretamente da proporcionalidade inversa do diálogo e da estrutura do programa, sendo assim, quando o diálogo aumenta e a estrutura do programa diminui, a Distância Transacional diminui e vice-versa. Quando se elabora a estrutura do curso², há que ter em conta o público-alvo. A autonomia do aluno surge da maturação, sendo que, quanto mais autônomo, maiores são as possibilidades de êxito neste tipo de ensino.

Com a evolução das TIC, surge o ensino por teleconferência que em parte humanizou a EAD. Antes da sua introdução na EAD, a forma de interação era unilateral, através da radio, vídeo, correio, etc., tendo um elevado grau de complexidade. Já com a evolução tecnológica e a implementação da teleconferência na educação, a comunicação passou a ser bilateral,

¹ Um curso é formado pelos seguintes elementos: objetivos de aprendizado, temas do conteúdo, apresentações de informações, estudos de caso, ilustrações geográficas e de outra natureza, exercícios, projetos e testes. (MOORE e KEARSLEY, 2013, p.298)

² [...] a estrutura é determinada pela filosofia educacional da organização de ensino, pelos próprios professores, pelo nível acadêmico dos alunos, pela natureza do conteúdo e pelos meios de comunicação empregados. (MOORE e KEARSLEY, 2013, p.299)

proporcionando uma aprendizagem mais flexível e uma maior interatividade por parte dos intervenientes (aluno/professor), contribuindo para a construção coletiva do conhecimento.

A EAD não se explica pela separação geográfica entre professor e estudante, mas pela quantidade e qualidade de interação e pelo tipo de estrutura pedagógica presentes. Os sujeitos estarão, de fato, distantes se não existir diálogo, mesmo que se encontrem no mesmo espaço físico. “O sucesso da educação a distância é determinado pela capacidade da instituição e do instrutor individual de proporcionar a estrutura apropriada na elaboração dos materiais de aprendizagem.” (MOORE, 2013, p.309)

2.5 Caminhos para a autonomia e diálogo dos alunos da modalidade EAD

Na Educação a Distância, a autonomia do aluno é primordial para que sua aprendizagem seja eficaz. É certo que este aluno se encontra, de certa forma, “distante” do professor e da instituição de ensino, dessa forma, ele tem que assumir sua própria aprendizagem, sendo capaz de organizar e gerir o tempo de estudo e os conteúdos que deverão ser estudados, buscando informações complementares em diferentes fontes de estudo.

Segundo Guimarães (2012), o aluno de EAD, também conhecido como “novo aprendiz” (p.126), aponta mudanças significativas no que está acontecendo sobre o processo de como se dá o modo de aprender e a necessidade de continuar a aprender por toda a vida, se torna cada vez mais autônoma. Um novo paradigma sobre aprendizagem se estabeleceu a partir da inserção da tecnologia, da convergência digital. O aprendiz assume um papel central neste processo, não podendo ser tratado como um receptor passivo, deve ser incluído como autor, cocriador, avaliador, comentador crítico, estabelecendo seu próprio ritmo para estudar, além de definir quando está disponível e disposto a se dedicar.

Ainda sobre como aprender, Bezerra e Carvalho (2011) ressaltam que a aprendizagem, na EAD, resulta do trabalho do estudante, sua reação frente ao conteúdo, sua interação com o tutor. Dessa forma, citam Peters (2003), o qual

defende a ideia de que a EAD é uma modalidade de educação com objetivos, estudantes, métodos, mídias e estratégias diferentes, [...] que a situação educacional, o clima de aprendizagem, os métodos de apresentação e os métodos de aquisição do conhecimento são diferentes. Para ele não há uma interação direta entre professores e estudantes, a interação é mediada por artefatos, o processo ensino-aprendizagem ocorre predominantemente, por uso de linguagem

escrita, ao invés da linguagem oral (2003 apud BEZERRA e CARVALHO, 2011, p. 238),

criando um espaço de ação gerenciado pelo próprio aluno, revelando outra característica desta modalidade de ensino, a autonomia, permitindo que ele mesmo construa seu próprio conhecimento.

Por meio de recursos didáticos e métodos de ensino-aprendizagem, além das restrições de tempo e localização, o aluno é capaz de adaptar o conteúdo às suas necessidades específicas. Além dos recursos materiais, se faz necessário que os professores, em vez de agirem como meros disseminadores de informação, tornem-se facilitadores da aprendizagem, projetando materiais e individualmente, orientando e aconselhando os alunos ao longo de seus processos de aprendizagem. Este processo de ensino-aprendizagem ajuda as pessoas a atender suas necessidades educacionais, fazendo uso de um amplo espectro de tecnologias digitais, incluindo plataformas que fornecem as funcionalidades usuais de um polo de atendimento presencial.

É possível encontrar relatos sobre o ensinar e o aprender em EAD em outros trabalhos. Segundo Kenski (2008), a mediação realizada pelas tecnologias de informação e comunicação (TICs) aproximam pessoas, possibilitando que interajam e se comuniquem, com o objetivo de ensinar e aprender. O que a autora deixa nítido é que não são as tecnologias que vão revolucionar o ensino, mas sim a educação. A maneira como a tecnologia é utilizada para a mediação entre professores, alunos e a informação, podendo ser revolucionária, ou não. Os processos de interação e comunicação no ensino sempre dependeram muito mais das pessoas envolvidas no processo, do que das tecnologias utilizadas, sejam o livro, o giz ou o computador e as redes.

Para Kenski (2008), desde os momentos mais remotos de como ensinar, era exigido forte aproximação entre os participantes do processo, mestre e aprendiz, porém, o fato de estarem próximos fisicamente, não significava a existência de diálogo e interação entre eles. O mestre, detentor do saber, o qual constituía-se do conhecimento a ser ensinado, era imitado pelo aprendiz, numa atitude de submissão e silêncio, devendo aprender pela observação. A ligação criada entre eles era de respeito e atenção, pois o mestre deveria ser imitado, não havia momento para diálogo ou trocas “[...] a relação com o conhecimento encarnado no mestre, gerava um outro grau de interação social entre professores e alunos” (p.10), para tanto, o mestre ensinava por meio de perguntas, as quais eram muitas.

Dessa forma, interagir com as informações e com as pessoas é fundamental no processo de aprendizagem, tornando as múltiplas interações e trocas comunicativas, entre

parceiros do ato de aprender, uma possibilidade de aprendizagem, fazendo com que os conhecimentos sejam permanentemente reconstruídos e reelaborados, pois a interação pressupõe envolvimento, um ensino baseado em trocas e desafios, pois professores e alunos são seres sociais e que aprendem melhor, ainda segundo Kenski (2008), em um sistema cooperativo.

Para a autora, o aprender, baseado em trocas de informações e opiniões e no trabalho coletivo, tornam o processo de ensino-aprendizagem mais avançado e interativo, pois, sendo mediado pelas tecnologias digitais, a participação intensa de todos é indispensável, cabendo ao professor orientar o processo, estimular o grupo para participar e apresentar opiniões, criando um clima amigável de envolvimento para que todos possam superar suas inibições de comunicar-se virtualmente com seus colegas.

Em uma abordagem cooperativa de ensino, o aluno tem maior autonomia e maior grau de responsabilidade, pois tem tarefas a cumprir, expondo-se mais facilmente, sempre haverá tempo e espaço para a apresentação das suas opiniões, quando não, sendo solicitado – pelo professor e pelos colegas – a se posicionar, dizer o que pensa, tomar partido. Em EAD, os trabalhos cooperativos desenvolvidos nas redes, incluem mecanismos de comunicação que permitem às pessoas ver, ouvir e enviar mensagens umas às outras, dessa forma, o compartilhamento da área de trabalho garante que essas pessoas usem o mesmo ambiente virtual para trabalharem ao mesmo tempo, ou em momentos diferentes, e que se utilizem das mesmas informações. Nas comunidades virtuais em que vigoram os princípios da aprendizagem colaborativa, cada membro do grupo é responsável pela sua aprendizagem e a aprendizagem dos demais participantes (Kenski, 2008).

A aprendizagem colaborativa, segundo autores citados no trabalho de Kenski, Pierre Lévy e Derrick Kerckhove (1999), destaca a participação ativa e a interação, tanto dos alunos como dos professores, no qual o conhecimento construído socialmente e, por isso, o processo educativo é favorecido pela participação social em ambientes que propiciem a interação, a colaboração e a avaliação, tornando os ambientes de aprendizagem colaborativos ricos em possibilidades e que propiciem o crescimento do grupo. Para que isto seja possível, elementos são necessários à aprendizagem colaborativa, que de acordo com a autora (KENSKI, 2008, p.17) são:

- a. “A interdependência do grupo”: os alunos são responsáveis pela sua própria aprendizagem, os quais formando um grupo, têm um mesmo objetivo e devem trabalhar juntos para alcançá-lo, facilitando, assim, a aprendizagem de todos os membros do grupo; atitudes

- como essa facilitam a aprendizagem, tanto a individual quanto de outros grupos. Todos os alunos interagem e todos contribuem para o êxito da atividade;
- b. “A interação”: ao se propor a trabalhar em equipe, fluindo a aprendizagem colaborativa, melhora-se a competência dos alunos;
 - c. “O pensamento divergente”: não existe o elemento do grupo que se posicione como o elemento mais “esperto” ou ostensivamente como líder, pois a tomada de consciência que todos podem compartilhar suas perspectivas, competências e base de conhecimentos, favorecem a elaboração de atividades, tarefas mais complexas, que exigem maior colaboração em vez de competição;
 - d. “Avaliação”: ocorre o favorecimento da interação do grupo e a hétero-avaliação, devendo estimular métodos baseados em jogos de perguntas, exercícios.

O processo de ação colaborativa no ensino leva ao caminho da autonomia, onde todos auxiliam na execução das tarefas, superam desafios, a construção é colaborativa – tanto do seu próprio conhecimento quanto da coletividade, as contribuições pertencem a uma via de mão dupla, sendo fornecidas a todos e servem para que possam executar melhor seu trabalho.

Os novos processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias visam ir além da relação entre ensinar e aprender; busca-se a formação de um novo homem, autônomo, crítico, consciente da sua responsabilidade individual e social, enfim, um novo cidadão para uma nova sociedade (Kenski, 2008), pois os novos meios de comunicação mudam as formas de interação entre as pessoas, influenciando seu dia a dia e seu aprendizado, a partir de metodologias que visam o processo de ensinar e aprender.

2.6 Ambiente e estrutura pedagógica

É possível encontrar, no meio acadêmico, inúmeros artigos sobre educação a distância. Vergara (2007), em seu artigo, cita Decretos datados de 1998 e 2005 que definem a EAD como modalidade de ensino, que possibilita a autoaprendizagem, mediada por ferramentas tecnológicas didático-pedagógicas, tornando-se mais uma forma de se educar, mais uma abertura à tradicional relação ensino/aprendizagem. A internet tornou possível a educação *on-line*, permitindo a conexão de diferentes computadores, diferentes marcas e tamanhos, a Web lhe dá inteligência por meio da interação entre textos, imagens e sons. Tecnologias como computação, microeletrônica e telecomunicações abrem caminhos e novas possibilidades para

a EAD, pois cada vez mais estão sendo colocadas à disposição dos alunos, linguagens interativas. Segundo a autora, o ambiente Web pode disponibilizar textos, orientações de professores, bibliotecas, avaliações, e realizar *chats*, fóruns, correio eletrônico, podendo os arquivos serem de diversos formatos: apresentações, planilhas, textos, animações interativas ou não e outros, sem contar que muitos dos materiais utilizados em EAD podem nutrir cursos presenciais, sendo possível ter caráter de desenvolvimento do aluno para a aquisição de novas competências profissionais, ou que tenha caráter educacional, o que inclui o desenvolvimento integral do educando.

Tão quanto os cursos presenciais, os cursos a distância não se esgotam nas figuras professor e aluno, deve-se levar em conta a confiabilidade que os mesmos devam oferecer. EAD exige cuidados no que se refere aos aspectos como tecnologia, softwares gerenciadores de ambientes virtuais de aprendizagem, capacidade dos equipamentos, legislação, além dos modelos pedagógicos e papel das equipes acadêmica, técnica de produção, de operações e da equipe comercial, porém, apesar de todo este aparato envolvendo a aprendizagem, nem sempre o aprender e reter o que aprendeu estão garantidos. O aluno pode ou não aprender e sua aprendizagem pode ou não estar garantida.

De acordo com Coutinho (2009), para a aprendizagem ser eficaz, é preciso uma orientação pedagógica adequada, que se responsabilize pelos resultados e por padrões de qualidade. É importante ressaltar o quanto é complexa a função do professor enquanto orientador do processo de aquisição do conhecimento, exigindo dele o domínio de uma prática educativa que seja formativa e mediatizada, devendo ser estratégico, sendo o mediador entre currículo, interesses e capacidades dos alunos, viabilizando o processo de ensino-aprendizagem.

Veras e Ferreira (2010) pontuam que, a prática pedagógica quando pautada em uma relação de corresponsabilização, favorece a participação ativa de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. A EAD, ao introduzir alunos e professores em uma nova realidade pedagógica, utilizando ambientes virtuais de aprendizagem, possibilita a mediação entre alunos, professores e conhecimento. Torna-se importante então, avaliar a qualidade do ensino proporcionada por estes ambientes de apoio ao ensino. Esta avaliação deve focalizar desde a qualidade percebida pelo aluno, passando pela utilização dos recursos pelos professores, observando a interação entre os usuários do sistema, e ainda a interação entre usuários, sistema, máquina e tarefa.

Segundo Vergara (2007), a modalidade EAD traz consigo possibilidades e desafios que podem influenciar no ambiente de estudo do aluno, pois, é exigido deste aprendente,

autonomia e responsabilidade, sendo monitorado por si próprio e, quando necessitar, deve saber pedir ajuda. As possibilidades, mencionadas pela autora, seriam

[...] o fato de que permite ao aluno compatibilizar seu curso com suas possibilidades de tempo, realizá-lo no ritmo desejado e em qualquer local disponível, desenvolver independência, comportamento proativo e autodisciplina na busca de seu desenvolvimento. (VERGARA, 2007, p.3)

Quanto aos desafios, a autora pontua que podem ocorrer com relação à tecnologia, como dificuldades relacionadas à potência, capacidade do computador, promovendo a lentidão ao acessar as tarefas e a falta de flexibilidade do programa com relação a esses fatores. Outros empecilhos poderiam ocorrer pela falta de domínio com a tecnologia, com o computador em si, com a metodologia da EAD.

A autora também se refere à questão cultural como sendo um desafio, pois no Brasil é comum e muito valorizado o contato olho a olho, dessa forma, a falta do contato físico pode tornar o estudo solitário. Além da dificuldade em estudar sozinho, o aluno matriculado na modalidade EAD poderá esbarrar nos enunciados mal elaborados, pouco claros, que segundo Vasconcellos e Bergamaschi (2001) podem ser reforçados com a ausência de *feedback* por parte dos professores-tutores; “[...] *feedbacks* dizem respeito a observações do aluno e respostas das equipes a essas observações. É uma rua de mão-dupla” (VASCONCELLOS; BERGAMASCHI, 2001, p.5).

Outro desafio, por parte dos alunos, diz respeito à leitura e interpretação de textos e outros códigos linguísticos, se o aluno não tem essa habilidade desenvolvida e se tem pouco domínio na utilização de recursos de multimídia. (VERGARA, 2007, p.4)

Vale ressaltar a necessidade de se escrever o conteúdo de forma assertiva, garantindo a compreensão por parte de quem lê, assim, o conteúdo da EAD precisa ser escrito de forma diferente, possibilitando sua interpretação, pois, se aluno não tem essa habilidade desenvolvida ou tem pouco domínio na utilização dos recursos oferecido, tais problemas podem comprometer a execução de uma tarefa exigida. Dessa forma, faz-se necessária a escrita clara, simples e objetiva, tornando adequadas as formas de comunicação, contribuindo de maneira desejável para a interação professor/aluno, valendo tanto para o professor quanto para o aluno.

Além destes fatores pontuados, Veras (2010) ressalta a necessidade de o professor tomar decisões que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem, sendo a afetividade uma delas. De acordo com a autora,

[...] podemos afirmar que a afetividade constitui um fator de grande importância no processo de desenvolvimento do indivíduo e na relação com o outro, pois é por meio desse outro que o sujeito poderá se delimitar como pessoa nesse processo em permanente construção. Nesse sentido, é essencial que o professor de Ensino Superior também esteja envolvido nesse processo, considerando a afetividade como parte do desenvolvimento, buscando a formação integral dos estudantes universitários e uma vivência positiva da aprendizagem. (VERAS, 2010, p.221)

Pontua ainda que, para a construção de propostas pedagógicas, deve-se considerar a dimensão afetiva, cabendo ao professor articular os aspectos afetivo e cognitivo. Assim, a tomada de decisão do professor na escolha dos objetivos de ensino, no ponto de partida do processo de ensino-aprendizagem, na organização dos conteúdos, nos processos e atividades de ensino e nos procedimentos de avaliação, constitui-se fator fundamental das relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos escolares ou acadêmicos, na mediação com o professor. A atuação pedagógica favorece não apenas o avanço cognitivo dos alunos, mas propicia condições afetivas positivas entre o aluno e os conteúdos acadêmicos.

Ainda segundo Silva, Melo e Campos (2016), com base na perspectiva psicogenética walloniana, a afetividade permeia todas as relações entre o aluno-mediador e o objeto do conhecimento e que, na EAD, será a afetividade a grande responsável pelo engajamento do aluno ao curso e à aprendizagem, por meio da motivação. Ressaltam ainda que a mediação pedagógica é reconhecida como principal estratégia no processo de ensino e aprendizagem da EAD, existindo uma interdependência permanente entre afetividade e cognição.

Visto que a afetividade interfere na aprendizagem, compreender como se constitui esta relação de interdependência, se faz necessária. Entender como se processam as ações pedagógicas e como os professores e alunos se relacionam, ajudam a refletir sobre outra questão, a evasão. O que pode levar um aluno a abandonar um curso? Um conflito com seu professor-mediador ou outro aluno? Problemas pessoais, devido ao estímulo do seu professor? São vários os questionamentos. Nesse sentido, segundo Silva, Melo e Campos (2016), se quisermos garantir o sucesso da aprendizagem na EAD devemos nos atentar para a qualidade da mediação pedagógica que vem sendo oferecida aos discentes dessa modalidade de ensino, pois a motivação impulsiona necessidades, interesses, desejos e atitudes particulares no sujeito. Sem deixar de mencionar a interatividade como o principal elemento de acompanhamento de cursistas, seja por meio do fórum, chat, lista de discussão, entre outros elementos de forma a acompanhar o aluno (Silva, Melo e Campos, 2016, p.10).

Silva, Ribas e Knaut (2014) também mencionam a afetividade em seus trabalhos, pontuando que

[...] a afetividade, é elemento fundamental para o processo de aprendizagem significativa, pois, contribui ativamente em todas as relações, além de atuar decisivamente na percepção, sentimento, memória, autoestima, sendo um ingrediente essencial para o equilíbrio da personalidade humana. De acordo com o grau de afeto disponibilizado entre ambos que a interação se realiza contribuindo para o desenvolvimento do conhecimento criativo e envolvente. Nesta dinâmica esplêndida entre diálogo, interatividade e afetividade ocorre uma aprendizagem significativa, que por sua vez jamais será esquecida. Ao contrário, devido ao processo ativo, responsável, empreendedor, os alunos absorvem cada detalhe, significados para posteriormente reproduzirem como cidadãos, profissionais de qualidade atuantes na sociedade. (SILVA, RIBAS E KNAUT, 2014, p.4)

Desse modo, a postura do professor, do tutor e do aluno deve ser repensada, pois na modalidade de ensino a distância, todos devem reconhecer seu lugar enquanto mediadores do conhecimento; o aluno tem que ter o compromisso de acompanhar seu crescimento e se auto avaliar, já que devem agir de forma autônoma.

2.7 O Modelo de Sun e seus construtos – construção de um modelo de ensino

De acordo com seus estudos, Sun *et al* (2007) afirma que as características da EAD preenchem os requisitos de aprendizagem em uma sociedade moderna e criaram uma grande demanda por *e-learning* por parte de empresas e institutos de ensino superior – entende-se por *e-learning* o uso de tecnologia de telecomunicação para fornecer informações para educação e treinamento. Para os pesquisadores, “é basicamente um sistema baseado na web que disponibiliza informações ou conhecimento para usuários ou alunos e desconsidera restrições de tempo ou proximidade geográfica”. (SUN *et al*, 2007, p.2)

O estudo pontua que a procura por este tipo de ensino está em crescimento e que existem falhas no processo, o que podem contribuir para o afastamento do aluno deste ambiente de aprendizagem; ele cita uma variedade de fatores que afetam a satisfação do aluno.

Dessa forma, a partir de uma pesquisa, foi realizada uma investigação sobre os fatores críticos que afetam a satisfação dos alunos no *e-learning*. Sun *et al* (2007) desenvolveu um modelo integrado com seis dimensões: aprendizes, instrutores, cursos, tecnologia, design e

ambiente. O estudo procura identificar fatores considerados críticos sobre a satisfação dos usuários, podendo ajudar as instituições a adotar a tecnologia de *e-learning* superando possíveis obstáculos e, portanto, reduzindo o risco de falha durante a implementação.

Sobre a aprendizagem *on-line*, Sun *et al* (2007) afirmam que, embora tenha vantagens sobre a educação presencial tradicional (Piccoli *et al.*, 2001), as preocupações incluem tempo, intensidade de trabalho e recursos materiais envolvidos na execução de ambientes de *e-learning*, merecendo atenção dos gerentes e projetistas de sistemas.

A investigação realizada por Sun *et al* (2007), a qual originou o modelo desenvolvido, apresenta a reunião de diferentes linhas teóricas em uma única abordagem, conforme ilustra o Quadro 4.

Quadro 4: Fatores críticos que afetam a satisfação dos alunos e seus autores

AUTOR/ANO	ELEMENTOS
Arbaug (2000)	▪ Utilidade e facilidade de uso percebidas; flexibilidade do <i>e-learning</i> ; interação com os participantes da classe
Piccoli <i>et al</i> (2001)	▪ Maturidade, motivação; conforto tecnológico, atitudes tecnológicas, ansiedade com relação ao computador e crenças epistêmicas; estilos de ensino, autoeficácia, disponibilidade, objetivo e construtivismo; qualidade, confiabilidade e disponibilidade, ritmo, sequência, controle; conhecimento conceitual, conhecimento procedimental, conhecimento factual; tempo, frequência e qualidade
Stokes (2001)	▪ Temperamento dos alunos: guardião, idealista, artesão e racional
Arbaug (2002)	▪ Percepção de flexibilidade do meio; utilidade e facilidade de uso percebidas; variedade de mídia, experiência prévia do instrutor, comportamentos imediatos virtuais e interação
Arbaug e Duray (2002)	▪ Utilidade e facilidade de uso percebidas; flexibilidade percebida
Hong (2002)	▪ Sexo, idade; aptidão escolar, estilos de aprendizagem; habilidades iniciais de informática; interação com o instrutor e com os colegas; atividades do curso, sessões de discussão e tempo gasto no curso
Thurmond <i>et al</i> (2002)	▪ Conhecimentos de informática, cursos realizados, conhecimento inicial sobre tecnologia de <i>e-learning</i> ; lugar de moradia; idade; recebem comentários em tempo hábil; oferecem vários métodos de avaliação; tempo para gastar, discussões programadas, trabalho em equipe, conhecimento dos instrutores
Kanuka e Nocente (2003)	▪ Motivar objetivos, modos cognitivos e comportamentos interpessoais

Fonte: SUN *et al*, 2007, p.3

O Quadro 4 traz as principais ideias que nortearam a pesquisa realizada por Sun e seus colaboradores. Os fatores abordados e discutidos pelos autores citados apontam quase todos os aspectos do ambiente na modalidade EAD; no entanto, de acordo com Sun *et al* (2007, p. 2) esses aspectos nunca foram integrados em uma estrutura sujeita a exame para validação e relacionamento.

Percebe-se a preocupação dos autores com relação à facilidade de manejo com a tecnologia, consideradas atitudes tecnológicas, que envolvem a motivação, disciplina para com o estudo e interação com o ambiente e seus participantes, alunos e instrutores. A preocupação com o aprendizado também é evidenciada ao citarem os estilos de aprendizagem e os métodos utilizados para a garantia do ensino aprendizagem.

Diante dessa análise, Sun *et al* (2007) apresentam seis dimensões usadas para avaliar os fatores vitais para as atividades de *e-learning* e que podem afetar a satisfação dos alunos: dimensão do estudante, dimensão do instrutor, dimensão do curso, dimensão tecnológica, dimensão do design e dimensão ambiental.

A pesquisa realizada pelos autores indica as dimensões e seus treze fatores envolvidos (SUN *et al*, 2007, p.3) da seguinte forma:

- a. dimensão do aluno: a atitude do aluno em relação aos computadores, a ansiedade do aprendiz com o computador e a autoeficácia da Internet do aluno;
- b. dimensão do instrutor: tempo de resposta do instrutor e atitude do mesmo em relação ao *e-learning*;
- c. dimensão do curso: flexibilidade e qualidade do curso de *e-learning*;
- d. dimensão da tecnologia: qualidade da tecnologia e qualidade da Internet;
- e. dimensão do design: uso e facilidade de uso;
- f. dimensão ambiental: diversidade na avaliação e a interação percebida pelo aprendiz com os outros.

As seis dimensões envolvem 13 construtos, que estão representadas na Figura 1:



Figura 1: Dimensões e seus construtos
 Fonte: Sun, Tsai, Finger, Chen, Yeh (2007)

As seis dimensões e seus treze constructos oferecem condições de estudo e de possíveis análises junto às instituições de ensino superior para que a aprendizagem se torne mais efetiva, garantindo a satisfação dos alunos nas dimensões abordadas em seu estudo.

Segundo Sun *et al* (2007), a aprendizagem *on-line* apresenta preocupações com relação à aprendizagem dos alunos, ressaltando o tempo, a intensidade de trabalho e recursos materiais envolvidos na execução de ambientes na modalidade EAD.

A partir da investigação realizada pela pesquisadora nos trabalhos publicados por Sun *et al* (2007), elaborou-se o questionário o qual foi aplicado a 310 alunos ativos matriculados na modalidade EAD na Instituição pesquisada. Para adequar o questionário à realidade dos participantes da pesquisa, a pesquisadora realizou alguns ajustes nos descritores propostos por Sun, assim, alguns itens foram retirados e outros incluídos, o que apresenta a reunião de diferentes linhas teóricas em uma única abordagem.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa classifica-se como básica de natureza exploratória e descritiva. Estruturada como um estudo de caso. Como metodologia para este estudo foi selecionada a revisão bibliográfica, seguindo-se a aplicação de questionário *on-line*, elaborado com questões fechadas aos alunos de diferentes cursos na modalidade EAD oferecidos por uma Universidade do Vale do Paraíba.

Para Gil (2008), as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores, são as que apresentam menor rigidez no planejamento, envolvendo levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Ainda segundo o autor, estudos de caso têm como propósitos: 1) explorar situações da vida real, sendo os limites não claramente definidos; 2) preservar o caráter unitário do objeto estudado; 3) descrever a situação do contexto em que está sendo feita uma determinada investigação; 4) formular hipóteses ou desenvolver teorias e 5) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações complexas que não permitam o uso de levantamentos e experimentos. Assim, este trabalho teve início com a revisão da literatura, para conhecimento sobre o assunto, após foi realizado a pesquisa documental, para compreender os procedimentos da instituição e posteriormente aplicado questionário *on-line* aos alunos matriculados na instituição pesquisada.

A utilização da pesquisa exploratória é coerente com a base teórica sobre o assunto pesquisado, relacionando a teoria com a prática sobre os desafios encontrados por alunos matriculados em cursos de licenciatura, cursos superiores de tecnologia e bacharelados na modalidade EAD.

Segundo Gil, pode-se definir método como caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento (GIL, 2008, p.8).

Para a realização da pesquisa se fez necessária a análise documental dos cursos de licenciatura, tecnologia e bacharelados oferecidos pela IES na modalidade EAD, como o Projeto Político Pedagógico (PPP), bem como sua infraestrutura, disciplinas, polos de atendimento e corpo docente.

Gil (2008) afirma ser esta fonte capaz de “proporcionar ao pesquisador dados em quantidade e qualidade suficiente para evitar a perda de tempo e o constrangimento que caracterizam muitas das pesquisas em que os dados são obtidos diretamente das pessoas”

(GIL, 2008, p. 147), ressaltando a sua importância como fonte histórica. Para o autor, essa técnica, se bem utilizada, permite reconstituir a trajetória do caso e/ou objeto de análise, percebendo-se as suas nuances e resultados, o que pode permitir uma visão analítica, descritiva e/ou avaliativa conforme os objetivos da pesquisa.

O referido autor reporta-se também à necessidade de realizar a leitura preliminar dos documentos para obter visão global do seu teor. Posteriormente, realizá-la seletivamente, destacando os pontos, os aspectos mais relevantes, interessantes e intrigantes relacionados ao tema/objeto de pesquisa.

Com a abordagem escolhida, buscou-se compreender o envolvimento dos aspectos presentes no processo de ensino-aprendizagem, que são autonomia para estudo e tempo; interação entre pessoas, materiais disponibilizados e tecnologia; internet de qualidade; *feedback* dos professores/tutores, pois, sendo o aluno da EAD protagonista no processo de aprendizagem, o qual assume a responsabilidade por seu aprendizado, a oferta de diferentes atividades de aprendizagem – ativas, práticas e colaborativas, devem favorecer este processo, compreendendo quais são os desafios encontrados na visão dos alunos matriculados em cursos na modalidade EAD. A abordagem quantitativa, do tipo *survey* utilizada, baseia-se de acordo com o modelo de Sun *et al.* (2007), que melhor se adapta ao contexto, atendendo aos objetivos específicos. A discussão fomentada por este trabalho é referente aos desafios encontrados pelos discentes durante o percurso dos cursos na modalidade EAD da Instituição de Ensino participante da pesquisa.

3.1. Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa se caracteriza como exploratória, que segundo Gil tem “como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p.27). Classificada como pesquisa descritiva que, segundo Gil (2008) tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Quanto à sua natureza, classifica-se como uma pesquisa básica, que, de acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE – Manual de Frascati (2013), pesquisa básica consiste na realização de trabalhos teóricos ou experimentais,

cuja finalidade principal seja a aquisição de novos conhecimentos sobre os fundamentos de fenômenos e fatos observáveis, sem objetivo particular de aplicação ou utilização.

Para a abordagem da pesquisa optou-se pela quantitativa, pois embora se caracterize por um estudo dos fenômenos de natureza social, utiliza dados vindos de levantamentos amostrais focando a análise da percepção dos alunos em termos das variáveis dependentes e independentes sobre a satisfação com o modelo EAD com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. Pressupõe a testagem de hipóteses e modelos teóricos já aplicados buscando o “estabelecimento de correlações matemáticas (estatísticas) e causais entre fatos (GUERRA, 2014, p.13)”.

3.2. População

Segundo Lakatos e Marconi (2007), a amostra é uma parcela convenientemente selecionada do universo – população, sendo um subconjunto do universo.

Esta pesquisa aborda uma universidade do Vale do Paraíba. A população ativa da modalidade EAD na Instituição é de 1731 alunos, a população ativa corresponde a 310 alunos.

O critério de escolha dos alunos foi o de estarem matriculados em cursos de licenciatura, cursos superiores de tecnologia e bacharelados na modalidade EAD.

Dessa forma, a participação dos 310 alunos ativos matriculados por curso escolhido, totalizou um índice de 84,8% em licenciatura, 11,6% em cursos superiores de tecnologia e 3,54% em bacharelado.

3.3. Instrumentos e Procedimentos para Coleta de Dados

Por utilizar seres humanos para a coleta de dados, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU), que tem a finalidade maior de defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Após sua aprovação, por meio de protocolo, foi solicitada a autorização para se realizar a coleta de dados. A pesquisa foi aprovada através do parecer consubstanciado do CEP Nº 2.603.096, CAAE 83784517.2.0000.5501.

Como instrumento de pesquisa, optou-se por questionário fechado para obtenção de dados categóricos e métricos para confirmação do modelo teórico em que se baseia.

Para o procedimento de coleta de dados foi realizado um convite, via plataforma WEB, a qual explicava a finalidade da pesquisa, relevância e necessidade da colaboração. No contato, aceitando o convite, o aluno deveria clicar no *link* para responder ao questionário. Esta opção lhe garantia a participação na pesquisa, sendo-lhe garantido o sigilo de sua identidade, bem como assegurada sua saída do presente estudo, se assim desejarem, a qualquer tempo, para ciência de todos os participantes – Seção 1 do questionário. As Seções de 2 a 6 do questionário são compostas por questões que, segundo Lakatos e Marconi (2008), são denominadas limitadas ou alternativas fixas.

A Seção 6, Minha Opção pela EAD, é composta por questões que consistem uma série de afirmações a respeito de determinados itens, envolvendo a autonomia do aluno, sua relação com os professores e tutores, o diálogo e a estrutura pedagógica do curso escolhido; assim, utilizou-se a escala de Likert, que, segundo Nogueira (2002), consiste de uma série de afirmações a respeito de um determinado objeto, para cada afirmação há uma escala de cinco pontos, correspondendo nos extremos a “discordo totalmente” e “concordo totalmente”.

Os alunos que aceitaram participar da pesquisa tiveram acesso ao questionário *on-line* durante o período de 24 de maio a 10 de agosto de 2018.

As informações, armazenadas no formato digital, serão mantidas sob tutela desta pesquisadora por um período de cinco anos, para quaisquer fins necessários a valorização da pesquisa ou interesse de revisão dessa pesquisadora, reforçando que são conteúdos sigilosos e que não serão expostos a qualquer tipo de análise que comprometa os participantes. Após esse período serão devidamente inutilizadas.

Para coletar os dados, foi selecionado o questionário com questões fechadas que, segundo Gil (2008, p.121), é definido “...como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.”– aplicado aos alunos dos cursos de licenciatura, cursos superiores de tecnologia e bacharelados na modalidade EAD.

Gil (2008) é um dos autores que tratam da temática e que consideram o questionário uma técnica bastante viável e pertinente. Sob o ponto de vista de Lakatos e Marconi (2007, p.203), “...questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escritos e sem a presença do entrevistador”.

Como toda técnica de coleta de dados, o questionário também apresenta uma série de vantagens e desvantagens. Ainda segundo Lakatos e Marconi (2007, p.203), as vantagens são: economia de tempo, viagens e obtém um grande número de dados; atinge maior número de pessoas simultaneamente; abrange uma área geográfica mais ampla; economiza pessoal; obtém respostas mais rápidas e mais precisas; há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato; há mais segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas; há menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador; há mais tempo para responder, em hora mais favorável; há mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento; obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis. Quanto às desvantagens: percentagem pequena dos questionários que são retornados; grande número de perguntas sem respostas; não pode ser aplicado a pessoas analfabetas; impossibilidade de ajudar os informantes em questões mal compreendidas; dificuldade de compreensão, por parte dos informantes, leva a uma uniformidade aparente; na leitura de todas as perguntas, antes de responde-las, pode uma questão influenciar a outra; a devolução tardia prejudica o calendário ou sua utilização; desconhecimento das circunstâncias em que foram preenchidos torna difícil o controle e a verificação; nem sempre é escolhido quem responde ao questionário, invalidando, portanto, as questões; exige um universo mais homogêneo.

Assim, construiu-se o questionário o qual faria parte da segunda etapa da pesquisa. Esse questionário, com base no Modelo de Sun *et al* (2007), que integra as seis dimensões – aprendizes, instrutores, cursos, tecnologia, design e ambiente – procurou identificar os fatores considerados críticos sobre a satisfação dos alunos. Dessa forma, a análise das respostas poderia ajudar as instituições a adotarem a tecnologia de *e-learning* superando possíveis obstáculos e, portanto, reduzindo o risco de falha durante a implementação.

Com base neste Modelo, utilizando-se as dimensões propostas por Sun *et al* (2007), procurou-se avaliar os fatores vitais para as atividades da Educação a Distância.

A partir do modelo desenvolvido pelos pesquisadores, que apresenta os fatores que podem afetar a satisfação dos alunos com relação à sua aprendizagem (dimensão do estudante, dimensão do instrutor, dimensão do curso, dimensão tecnológica, dimensão do design e dimensão ambiental) e a reunião de diferentes linhas teóricas em uma única abordagem, elaborou-se o questionário o qual foi aplicado a 310 alunos ativos matriculados na modalidade EAD na Instituição pesquisada. Para a aplicação do mesmo, ajustes se fizeram necessários, alguns itens foram retirados e outros incluídos.

O questionário conta com questões que envolvem as dimensões:

1. Do Aprendiz: atitude do aluno em relação ao uso de computadores; ansiedade do aluno com o computador; autoeficácia do aluno com a Internet;
2. Do Instrutor: tempo de resposta do instrutor; atitude do instrutor em relação ao *e-learning*;
3. Do Curso: flexibilidade do curso de *e-learning*; qualidade do curso de *e-learning*;
4. Da Tecnologia: qualidade da tecnologia; qualidade da Internet;
5. De Design: utilidade percebida; fácil de usar;
6. Ambiental: diversidade em avaliação; o aluno percebeu a interação com os outros.

A proposta do trabalho está pautada na discussão sobre a aprendizagem significativa na EAD, valorizando a autonomia, o diálogo e os recursos para que o processo ensino-aprendizagem ocorra neste ambiente de ensino.

Referenciar-se em autores como Moore (2002, 2007, 2013, 2014) e Sun *et al* (2007), tornam o trabalho envolvente e dinâmico, já que os mesmos ressaltam a importância do relacionamento e interação aluno-professor-tutor-prática pedagógica essenciais para o desempenho dos alunos nesta modalidade de ensino. O questionário desta pesquisa foi elaborado com base na Teoria Transacional de Moore (2002) e no Método de Sun (2007), que identifica as dimensões propostas por Sun; Tsai; Finger; Chen (2007) – Dimensão Aluno; Dimensão Professor/Tutor; Dimensão Curso; Dimensão Tecnologia; Dimensão Modalidade EAD; Dimensão Ambiente do Curso e os desafios encontrados pelos alunos participantes da pesquisa, verificando o grau de satisfação com o ambiente virtual de ensino-aprendizagem e sua interação com os diferentes elementos geradores de aprendizagem dentro da modalidade EAD. Os autores reconhecem que a aprendizagem significativa se dá a partir das relações pessoais, com o meio e com a tecnologia, que vai desde a utilização de materiais didáticos até a interação com os participantes.

Por meio de questionário com questões fechadas que, de acordo com Lakatos e Marconi (2007), é um instrumento de coleta de dados composto por perguntas selecionadas, levando em consideração a forma, a extensão, as facilidades para preenchimento e classe de pessoas a quem é enviado o questionário. A opção por questões fechadas se deu por serem mais comumente utilizadas, porque conferem maior uniformidade às respostas e podem ser facilmente processadas (GIL, 2008).

Assim, aplicou-se um questionário com questões fechadas aos alunos dos cursos de licenciatura, cursos superiores de tecnologia e bacharelados na modalidade EAD. Portanto tornou-se conveniente estabelecer distinções entre as questões abordando diferentes conteúdos. Assim, com base na fundamentação teórica realizada, houve a necessidade de

identificar em qual curso os alunos estariam matriculados, se licenciatura – primeira ou segunda, se cursos de tecnologia ou bacharelados, todos na modalidade a distância. Para Gil,

Construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa. (GIL, 2008, p.121)

Para tal, o questionário aplicado contou com seções as quais eram de respostas obrigatórias. As seções foram denominadas seguindo uma ordem crescente de entrada, permanência e envolvimento dos alunos com o curso escolhido. Dessa forma, o questionário foi dividido em seis seções, que foram: Convite, Perfil, Cursos que concluiu ou está concluindo, Ingresso na EAD, Tempo em que está na Universidade, Minha Opção pela EAD. Ainda de acordo com Gil (2008), as questões envolveram fatos – dados concretos e fáceis de precisar, como sexo, idade, curso que está matriculado, sendo respondidas com facilidade, e questões sobre atitudes e crenças, as quais envolveram seu desempenho e expectativas com relação à instituição de ensino a qual está matriculado.

Com relação às questões que manifestavam opiniões sobre seu desempenho e possíveis desafios, utilizou-se a Escala de Likert que, segundo Gil (2008), é de elaboração mais simples e de caráter ordinal. De acordo com Silva Júnior e Costa (2014, p.2), a escala de verificação de Likert consiste em tomar um construto e desenvolver um conjunto de afirmações relacionadas à sua definição, para as quais os respondentes emitirão seu grau de concordância. Assim, pede-se ao aluno que manifeste sua concordância em relação ao enunciado, seguindo uma graduação: discordo totalmente (1), discordo parcialmente (2), indiferente (3), concordo parcialmente (4), concordo totalmente (5). Este método foi utilizado com intenção de mensurar “a estrutura dos programas educacionais, a interação entre alunos e professores, e a natureza e o grau de autonomia do aluno” (MOORE, 2002, p.2).

Utilizou-se a Teoria de Moore, a qual define a

[...] transação a que denominamos Educação a Distância ocorre entre professores e alunos num ambiente que possui como característica especial a separação entre alunos e professores. Esta separação conduz a padrões especiais de comportamento de alunos e professores. A separação entre alunos e professores afeta profundamente tanto o ensino quanto a aprendizagem. Com a separação surge um espaço psicológico e comunicacional a ser transposto, um espaço de potenciais mal-entendidos entre as intervenções do instrutor e as do aluno. (MOORE, 2002, p.2)

Diante da aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética da UNITAU, conforme Parecer do n.º. 2.603.096 (ANEXO A) e autorização da instituição, ocorreu a coleta de dados e empreendeu-se na busca dos sujeitos. Deste modo foi enviado o questionário aos alunos, via plataforma WEB. O questionário *on-line* (APÊNDICE I) foi composto por seis seções, denominadas Seção 1: Convite, explicando a finalidade da pesquisa e solicitando a participação dos mesmos; Seção 2: Perfil, com duas questões; Seção 3: Sobre seu curso EAD, cursos que você concluiu ou está concluindo, com quatro questões; Seção 4: Ingresso na EAD, com uma questão; Seção 5: Tempo em que você está na universidade, com uma questão; Seção 6: Minha Opção pela EAD, com três tópicos, sendo Motivos da escolha pela EAD, Motivos da escolha pelo seu curso, Percurso do curso, totalizando 33 questões, proporcionando a identificação do perfil dos alunos na instituição, suas trajetórias pessoais e profissionais, e expectativas quanto à aprendizagem e sucesso acadêmico.

O questionário aplicado seguiu o critério construído por Sun *et al* (2007), um modelo integrado com seis dimensões: aprendizes, instrutores, cursos, tecnologia, design e ambiente – o qual propõe uma investigação sobre os fatores críticos que afetam a satisfação dos alunos no *e-learning*, identificando fatores considerados críticos sobre a satisfação dos alunos. As Dimensões foram abordadas em dezessete questões, assim distribuídas:

- a. Dimensão do aluno (a atitude do aluno em relação aos computadores, a ansiedade do aprendiz com o computador e a autoeficácia da Internet do aluno):
 - Você acredita que na educação a distância é preciso que os alunos sejam autônomos em relação aos estudos sem ficar na dependência do professor?
 - Foi difícil participar de fóruns de discussões?
 - Foi fácil acompanhar as discussões nos *chats*?
 - Você acredita que a ansiedade com relação ao uso do computador afeta significativamente a aprendizagem?
- b. Dimensão do instrutor (tempo de resposta do instrutor e atitude do mesmo em relação ao *e-learning*):
 - Você acredita que na modalidade a distância a interação entre professor e aluno é a mesma que no ensino presencial?
 - Você acredita que para haver um processo de ensino e aprendizagem é preciso o contato diário com o professor?

- Você acredita que a assistência oportuna do professor quando o aluno enfrenta problemas, incentiva o aluno a continuar aprendendo?
 - Você acredita que a atitude do professor/tutor em relação à TI influencia positivamente na aprendizagem?
 - A educação a distância prevê a comunicação via tecnologia. Você acredita que é possível uma educação sem contato com o professor diariamente?
- c. Dimensão do curso (flexibilidade e qualidade do curso de *e-learning*):
- Você acredita que a diversidade das formas de avaliação e interação entre professor/tutor-aluno favorecem a permanência e continuidade do curso?
 - Você acredita que no curso a distância existam as mesmas exigências e rigor acadêmico de um curso presencial?
- d. Dimensão da tecnologia (qualidade da tecnologia e qualidade da Internet):
- Considero o sistema de aprendizado baseado nas tecnologias de EAD fácil de usar.
 - Você acredita que a falta de domínio dos recursos tecnológicos seria um dos motivos que levaria à evasão da educação a distância?
- e. Dimensão do design (utilidade e facilidade de uso):
- Aprender a operar um sistema de aprendizado baseado nas tecnologias de EAD é fácil para mim.
 - Usar o sistema de aprendizado a distância melhora meu desempenho no curso.
- f. Dimensão ambiental (diversidade na avaliação e a interação percebida pelo aprendiz com os outros):
- O material de estudo disponibilizado na plataforma atende suas necessidades de aprendizagem do conteúdo.
 - Usar o sistema de aprendizado a distância melhora a eficácia do curso.

Todos os itens formadores das dimensões propostas por Sun *et al* (2007) foram adaptados à realidade da IES participante da pesquisa, conforme ilustra a tabela a seguir:

Tabela 2: Síntese das Dimensões propostas por Sun *et al* (2007)

DIMENSÕES	CONSTRUCTOS	QUESTÕES
ALUNO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ a atitude do aluno em relação aos computadores; ▪ a ansiedade do aprendiz com o computador e a autoeficácia da Internet do aluno. 	4
PROFESSOR / TUTOR	<ul style="list-style-type: none"> ▪ tempo de resposta do instrutor; ▪ atitude do mesmo em relação ao <i>e-learning</i>. 	5
CURSO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ flexibilidade; ▪ qualidade do curso de <i>e-learning</i> 	2
TECNOLOGIA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ qualidade da tecnologia; ▪ qualidade da Internet. 	2
EAD	<ul style="list-style-type: none"> ▪ utilidade; ▪ facilidade de uso. 	2
AMBIENTE	<ul style="list-style-type: none"> ▪ diversidade na avaliação; ▪ interação percebida pelo aprendiz com os outros. 	2

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Dessa forma, dos 1731 alunos ativos na modalidade EAD da Instituição participante da pesquisa, 310 alunos responderam ao questionário, abrangendo a compreensão dos diferentes desafios que ora são promotores de possíveis desistências dos cursos por parte dos alunos ativos matriculados em cursos de licenciatura, cursos superiores de tecnologia e bacharelados, todos na modalidade EAD desta IES.

Assim, pretendeu-se compreender os fatores que dificultam e/ou que favorecem a garantia da aprendizagem durante o percurso formativo na visão dos alunos matriculados nos cursos de licenciatura, cursos superiores de tecnologia e bacharelados na modalidade EAD, verificando as intencionalidades pedagógicas que viabilizarão a aprendizagem dos alunos, com sua permanência ou desistência do curso nessa modalidade de ensino.

3.4. Procedimentos para Análise de Dados

Com o intuito de responder ao problema da pesquisa, a análise dos dados quantitativos foi aplicada. Segundo os autores pesquisados, pautando-se na compreensão do papel da quantificação na pesquisa educacional, a análise quantitativa constitui-se em um trabalho que favorece

[...] a informação que não pode ser diretamente visualizada a partir de uma massa de dados, podendo sê-lo se tais dados sofrerem algum tipo de transformação que permita uma observação de um outro ponto de vista. (Falcão e Régnier, 2000 apud GATTI, 2004)

Gatti (2004, p.14) afirma ainda que “a quantificação abrange um conjunto de procedimentos, técnicas e algoritmos destinados a auxiliar o pesquisador a extrair de seus dados subsídios para responder à(s) pergunta(s) que o mesmo estabeleceu como objetivo(s) de seu trabalho”. Segundo a autora, estes métodos quantitativos de análise servem de recursos para o pesquisador, pois o mesmo deverá lidar com a reflexão proposta sem deixar se levar pelos resultados, devendo realizar tratamento adequado para que, por meio dos indicadores, possa compreender os questionamentos feitos inicialmente, permitindo a exteriorização das semelhanças ou proximidades entre as respostas.

Compreender os problemas estudados pressupõe conhecimento de seus contornos, que segundo Gatti (2004) permite escapar ao uso mecânico de técnicas de análise quantitativa, permitindo detectar os maus usos dessas técnicas e as distorções de análises. Para a autora, existem diferentes formas de se obter quantificações, as quais dependem da natureza do objeto, dos objetivos do investigador e do instrumento de coleta.

De acordo com Gatti (2004),

Podemos, a grosso modo, distinguir três tipos de dados: categóricos, ordenados e métricos. Para cada um deles há possibilidades de tratamentos específicos. Os dados categoriais são aqueles que apenas podemos colocar em classificações (classes) e verificar sua frequência nas classes. Exemplo simples deste tipo de dado é a contagem de pessoas conforme seu sexo nas categorias masculino e feminino [...]. Categorizações permitem agrupamento segundo alguma característica, discriminando um agrupamento do outro. Podem-se cruzar categorizações obtendo maior detalhamento da informação [...]. Os dados são chamados de ordenados quando estão numa forma que mostra sua posição relativa segundo alguma característica, mas que não há associação de um valor numérico para essa característica, nem um intervalo regular entre uma posição e outra. [...] O terceiro tipo de dado – métrico - consiste de observações relativas a características que podem ser mensuradas e expressas numa escala numérica: os graus da temperatura; notas em uma escala definida. Cada tipo de dado implica tipos diferentes de tratamento estatístico possíveis. Lembramos que todas as medidas são arbitradas, criadas, inventadas, e não podem ser tomadas como sendo a própria natureza das coisas; isto também se aplica às categorias dos estudos de análise de conteúdo e outras análises dos modelos qualitativos. O que se procura ao criar uma tradução numérica ou categorial de fatos, eventos, fenômenos, é que esta tradução tenha algum grau de validade racional, teórica, no confronto com a dinâmica observável dos fenômenos. (GATTI, 2004, p.15).

Buscou-se em Sun *et al* (2007), fatores considerados fundamentais para o processo de ensino aprendizagem na modalidade EAD. O modelo proposto analisa as dimensões que podem favorecer ou não este processo, sendo eles dimensões propostas por Sun; Tsai; Finger; Chen (SUN *et al*, 2007, p.3), que são:

- Dimensão Aluno: Atitude do aluno em relação aos computadores, Ansiedade do aluno frente ao computador, Autoeficácia da Internet do aluno;
- Dimensão Professor/Tutor: Oportunidade de resposta do instrutor, Atitude do instrutor em relação ao *e-learning*;
- Dimensão Curso: Flexibilidade do curso de *e-learning*, Qualidade do curso de *e-learning*;
- Dimensão Tecnologia: Qualidade da tecnologia, Qualidade da Internet;
- Dimensão Modalidade EAD: Utilidade percebida, Facilidade de uso;
- Dimensão Ambiente do Curso: A diversidade na avaliação, Percepção da interação com os outros.

Na busca pela compreensão dos desafios encontrados pelos alunos matriculados em cursos na modalidade EAD, as barreiras expostas, o questionário foi construído com base na Teoria Transacional de Moore (2002) e no modelo de fatores fundamentais para o processo de aprendizagem proposto por Sun *et al* (2007).

Mediante a preocupação com relação à facilidade de manejo com a tecnologia – que são denominadas atitudes tecnológicas – que envolvem a motivação, disciplina para com o estudo e interação com o ambiente e seus participantes, alunos e instrutores, e a preocupação com o aprendizado, evidenciando diferentes estilos de aprendizagem e os métodos utilizados para a garantia do ensino-aprendizagem, optou-se por utilizar as dimensões propostas por Sun *et al* (2007), as quais avaliam os fatores vitais para as atividades de *e-learning* e que podem afetar a satisfação dos alunos com relação ao seu aprendizado.

4 RESULTADOS E DIVULGAÇÃO

A presente pesquisa pretende compreender os desafios relacionados à aprendizagem encontradas pelos alunos ativos matriculados em cursos de licenciatura, de tecnologia e bacharelado na modalidade EAD, a partir da investigação das respostas emitidas por meio de questionários. Dessa forma, pretende-se divulgar os fatores que influenciam na permanência ou desistência do ensino superior ofertado pela modalidade EAD.

Os dados estão apresentados sob forma de gráficos e poderão ser utilizados para a compreensão da proposta pedagógica de cursos na modalidade EAD da IES participante da pesquisa, evidenciando as necessidades de adequação do sistema de ensino para a construção do conhecimento. Conseqüentemente, o sucesso da aprendizagem por meio de interferências pedagógicas, ambientais e afetivas.

4.1 Conhecendo e Caracterizando a IES Participante da Pesquisa

A instituição utilizada como referência para a pesquisa é uma autarquia municipal, com autonomia financeira, administrativa e pedagógica, considerada centro formador, disseminador, sistematizador e produtor do conhecimento. Localizada na cidade de Taubaté, oferece cursos superiores na modalidade EAD; autorizada por meio da “Portaria MEC nº 53/2009, de 12 de fevereiro de 2009, publicada no Diário Oficial da União – D.O.U de 27 de março de 2009, Seção 1, p. 10”. Conta com 1731 discentes ativos cursando a modalidade EAD – 14 (quatorze) cursos de licenciatura, 9 (nove) cursos superiores de tecnologia e 2 (dois) bacharelados.

Conforme consta no *site* institucional, a IES tem como Missão “Transcender a função educacional local, atingindo reconhecimento e credibilidade da comunidade científica e acadêmica nacional e internacional, como uma instituição de excelência tecnológica e de conhecimento de ponta em ensino, pesquisa acadêmica e aplicada, extensão e formação da consciência social, ambiental e da cidadania”. Sua Visão: “Um centro de referência internacional em ensino, pesquisa acadêmica e aplicada e extensão, caracterizado pelo compromisso social de instituição pública e pela gestão competitiva, perenizando sua existência independentemente do nível de concorrência do mercado”.

O Manual do Candidato, que conta com a palavra do Reitor como Abertura, convida o aluno a conhecer a Universidade, podendo ter acesso às informações sobre o Processo

Seletivo EAD, a fim de proporcionar tranquilidade e comodidade no momento em que o aluno opta por realizar sua inscrição. O documento traz o passo-a-passo para se tornar um aluno EAD, situando-o dos procedimentos, como Processo Seletivo EAD 2018 e datas, formas e locais da inscrição, taxa que deverá ser paga; os cursos e polos oferecidos, contendo as orientações necessárias ao conhecimento da modalidade EAD – os componentes presencial e virtual / o formato é modular, com uma disciplina por mês, em regime seriado / cursos são realizados na modalidade a distância, mas com encontros presenciais mensais ou trimestrais, para a realização das avaliações / valor da matrícula e das mensalidades no Polo onde desejar estudar / formação de novas turmas – somente para os cursos que tiverem, no mínimo, inicialmente 20 alunos matriculados / se o polo não tiver o número mínimo de vagas preenchido, o aluno poderá escolher outro polo para matricular-se / as grades curriculares dos cursos e inscrições estão disponíveis no site; critérios de seleção; provas – datas, horários, duração, local, material para a sua realização, formato; divulgação do resultado; matrícula – período, como realizá-la; cronograma; endereços e contatos dos polos.

Com relação ao Projeto Pedagógico, o Núcleo Docente Estruturante (NDE) da IES – concebe-o como um documento dinâmico, que vai se construindo ao longo do tempo, nas atividades cotidianas dos sujeitos que lhe dão vida: docentes, alunos e equipes de gestão. Nele estão demonstradas diversas questões de formação definidas na legislação educacional, apresenta o Projeto Pedagógico dos Cursos (PPC), certa de que tal documento é o mais importante instrumento de gestão utilizado pela Coordenação de Curso e por seu Núcleo Docente Estruturante – NDE. Os Relatórios – Síntese e Atividades, analisados têm a preocupação de atender às Diretrizes definidas pelo CEE.

Os conteúdos curriculares foram incluídos na matriz curricular considerando sua relevância, atualização e coerência com os objetivos e com o perfil de um profissional com conhecimento em diferentes áreas científicas, linguísticas e culturais, e com domínio de metodologias e estratégias necessárias ao exercício das atividades profissionais, à utilização das novas tecnologias da informação e da comunicação – TICs e à prática da educação continuada ao longo da vida. Para tanto, a oferta de experiências de aprendizagem que superem a dicotomia entre teoria e prática, as fragmentações curriculares e o distanciamento que ocorre entre o saber e o fazer educacional norteiam o desenvolvimento desses conteúdos.

Dá-se especial atenção aos conteúdos, incluindo disciplinas que são obrigatórias nos termos da legislação vigente, como Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS. A temática da Educação Ambiental (Lei nº 9.795/99 e Decreto Nº 4.281/02) também é abordada com o objetivo de compreender o desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade, o uso dos

recursos naturais e suas consequências para o meio ambiente e a qualidade de vida do ser humano. Esta temática também é abordada de forma integrada, contínua e transversal, nos componentes curriculares dos cursos e nas atividades acadêmicas, de forma a permitir o aprofundamento do pensamento crítico-reflexivo, mediante estudos científicos, socioeconômicos, políticos e históricos a partir da dimensão socioambiental, valorizando a participação, a cooperação, o senso de justiça e a responsabilidade de toda a comunidade educacional.

As questões referentes às Relações étnico-raciais e História e cultura Afro-brasileira e indígena (Lei nº 11.645/08; Res. CNE/CP Nº 01/04) são abordadas nas Oficinas de Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento (ATPA), entre elas a de Pluralidade Cultural, Linguística e Diversidade Étnico-Racial. São abordados ainda, transversalmente, nas demais disciplinas dos cursos buscando integrar os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais das disciplinas aos temas emergentes de nossa sociedade.

A Instituição demonstra grande preocupação com os cursos oferecidos, redesenhando-os ao longo dos anos, para melhor se adequarem às necessidades apontadas pelas reformulações das diretrizes nacionais e estaduais, que buscam se adequar continuamente às necessidades prementes da formação de docentes para a Educação Básica, quando Licenciaturas. Destaca-se também que foram realizadas atividades de capacitação docente no ambiente virtual Moodle, que segundo Alves, Barros e Okada (2009), além dos aspectos técnicos que envolvem linguagem de programação, design e interface, o ambiente mobilizou educadores, estudantes e pesquisadores que, ao interagirem com o Moodle, constroem significados pedagógicos para as distintas interfaces presentes no ambiente. A capacitação tem o objetivo de oferecer suporte tecnológico associado à orientação pedagógica aos docentes de apoio e tutores eletrônicos dos cursos na modalidade EAD. Esse processo de formação continuada faz parte das ações rotineiras do Núcleo de Educação a Distância e tem favorecido o entrosamento entre os docentes, o alinhamento de ideias e procedimentos, a troca de experiências e a discussão sobre os fundamentos e metodologias da educação a distância.

Conhecer a instituição e compreender o seu contexto se faz necessário, possibilitando o entendimento e compreensão dos desafios enfrentados pelos alunos de EAD.

4.2 Caracterização dos Participantes da Pesquisa

Os dados coletados no questionário contribuíram para subsidiar a análise quantitativa, proporcionando a identificação do perfil dos alunos na instituição, suas trajetórias pessoais e profissionais.

As características que constituem cada um dos alunos participantes desta pesquisa encontram-se na tabela descrita a seguir:

Tabela 3: Características dos alunos participantes da pesquisa

IDADE	LICENCIATURA		SUPERIORES DE TECNOLOGIA		BACHARELADO		TOTAL
							
ATÉ 25 a	12	29	01	05	02	02	51
25-35 a	25	70	08	04	01	02	110
35-45 a	19	59	05	02	01	00	86
45-60 a	20	21	05	05	01	02	54
> 60 a	06	02	01	00	00	00	09
TOTAL	82	181	20	16	05	06	310

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Assim, a população ativa é composta por 310 alunos matriculados na modalidade EAD, dos 1731 alunos matriculados nos cursos de licenciatura, superiores de tecnologia e bacharelado, totalizando 17,9%, está representada na tabela a seguir:

Tabela 4: Alunos participantes da pesquisa por tipo de curso

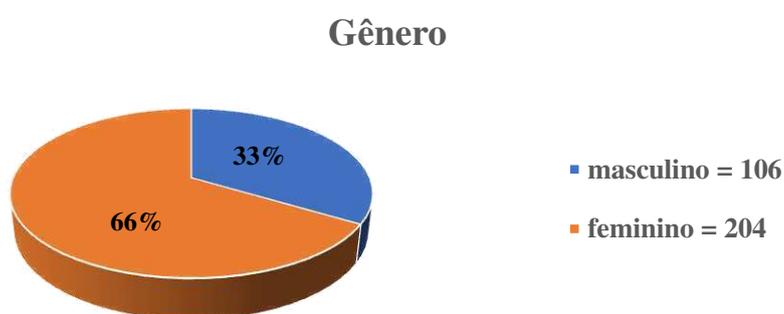
	LICENCIATURA	SUPERIORES DE TECNOLOGIA	BACHARELADO	TOTAL
	82	20	05	107
	181	16	06	203
TOTAL	263	36	11	310

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Para a elaboração do questionário foram utilizados seis termos-chave, sendo eles: perfil; sobre seu curso EAD; cursos que você concluiu ou está concluindo; ingresso na EAD; tempo em que você está na universidade; minha opção pela EAD.

O perfil dos 310 alunos participantes da pesquisa foi sintetizado nos gráficos abaixo, juntamente com as respostas. A seguir, o gráfico 1, apresenta o percentual de alunos e alunas que estão matriculados em cursos na modalidade EAD, oferecidos pela IES pesquisada

Gráfico 1: Percentual de alunos do sexo masculino e do sexo feminino



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

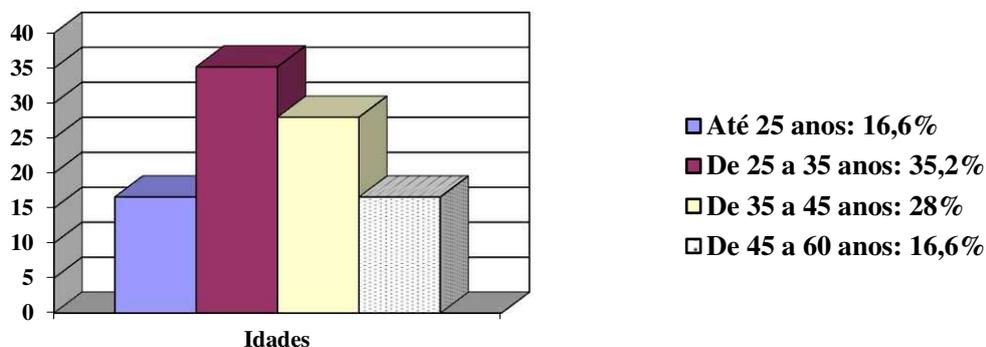
Conforme indica o Gráfico 1, constata-se maior concentração de mulheres nos cursos na modalidade EAD oferecidos pela Instituição pesquisada, representando 66%, isto é, do total de 310 alunos participantes, 204 participantes são do sexo feminino. Os outros participantes, que perfazem 106, são do sexo masculino.

Segundo Censo ABED/2016, com relação aos cursos regulamentados totalmente a distância, observa-se maioria de público feminino. As mulheres se encontram em 54% nas instituições educacionais com fins lucrativos e 55% nas entidades sem fins lucrativos; nas instituições públicas, a proporção do público feminino é ainda maior: 59% nas instituições públicas federais, 64% nas estaduais e 66% nas municipais. (Censo ABED/2016, p. 85)

Já o Gráfico 2, descreve a faixa etária dos alunos participantes, evidenciando maior incidência de alunos com idades entre 25-35 anos, isto é 35,2%; seguidos por alunos com idades entre 35-45 anos, 28%; em terceiro lugar, com idades até 25 anos e com idades entre 45-60 anos também fazem parte deste repertório, representando 16,6%, cada um dos dois grupos. Ainda segundo o Censo ABED/2016, a maior concentração de alunos em cursos a

distância está entre 26 e 30 anos e entre 31 e 40 anos, sendo que 29% dos cursos regulamentados é totalmente a distância. (Censo ABED/2016, p. 88)

Gráfico 2: Percentual de alunos de acordo com a idade



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Ainda com relação à idade, faz-se necessário evidenciar o curso que os alunos estão matriculados, relacionando-os à idade em que os participantes se encontram, pois, de acordo com o Censo ABED/2016, os alunos que cursam na modalidade EAD, conciliam estudo e trabalho, revelando que esta é uma característica muito acentuada na EAD, já que mais de 75% dos alunos de cursos regulamentados totalmente a distância estudam e trabalham. (Censo ABED/2016, p. 89)

De acordo com a tabela a seguir, na composição dos cursos, destacam-se os cursos de licenciatura, correspondendo a um percentual de 84,8% dos participantes da pesquisa.

Tabela 5: Idade dos alunos participantes da pesquisa e tipo de curso matriculado

IDADE	LICENCIATURA		SUPERIORES DE TECNOLOGIA		BACHARELADO		TOTAL
	♂	♀	♂	♀	♂	♀	
ATÉ 25 a	12	29	01	05	02	02	51
25-35 a	25	70	08	04	01	02	110
35-45 a	19	59	05	02	01	00	86
45-60 a	20	21	05	05	01	02	54
> 60 a	06	02	01	00	00	00	09
TOTAL	82	181	20	16	05	06	310

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Analisando a tabela, pode-se perceber que o maior percentual dos participantes encontra-se com idades entre 25 e 45 anos, assim de acordo com Guimarães (2012), o novo aprendiz aponta algumas das mudanças profundas que estão acontecendo, seja no modo como as pessoas aprendem, no que é preciso que aprendam ou na necessidade de aprender por toda a vida, de maneira cada vez mais autônoma. Dessa forma, Kenski (2009), esclarece que

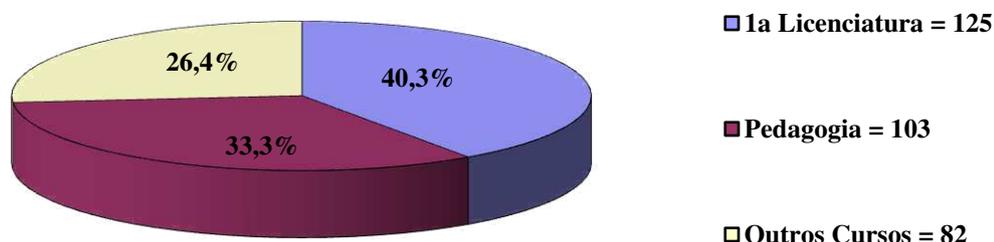
O processo de aprendizagem do adulto se desenvolve na seguinte ordem: sensibilização (motivação), pesquisa (estudo), discussão (esclarecimento), experimentação (prática), conclusão (convergência), compartilhamento (sedimentação). A motivação do adulto para a aprendizagem está diretamente relacionada às chances que ele tem de partilhar com sua história de vida. Portanto, o ambiente de aprendizagem com pessoas adultas é permeado de liberdade e incentivo para cada indivíduo falar de suas experiências, ideias, opiniões, compreensão e conclusão. (KENSKI, 2009, p.243)

Sendo assim, é possível identificar este novo aprendiz no Gráfico 2 e na Tabela 5, indicando um percentual de mais de 95 por cento de adultos com idade superior a 25 anos.

4.3 Cursos Oferecidos em EAD, Ingresso e Tempo de Universidade

Na sequência, observa-se que na escolha pelo curso EAD fica evidente a primeira licenciatura, atingindo quase metade dos participantes, isto é 40,3%. E que a preferência pela licenciatura em Pedagogia é significativa, conforme mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3: Curso EAD que está cursando



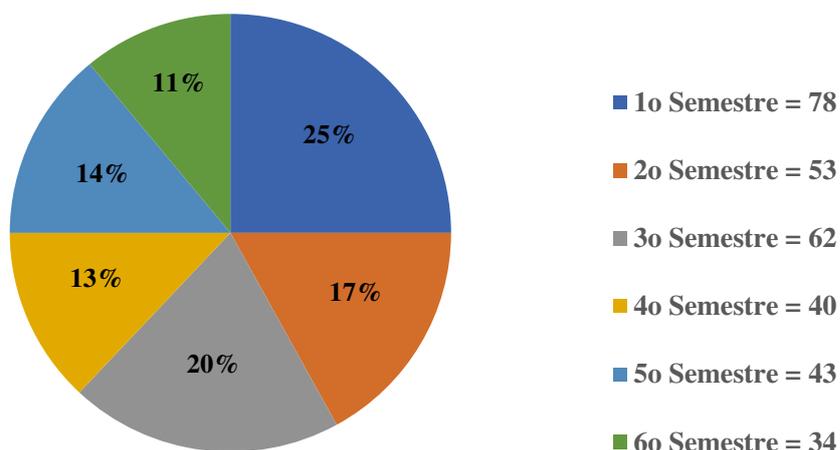
Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

De acordo com o Gráfico 3, a procura por cursos de licenciatura representa 73,6% das matrículas. Este dado vem ao encontro do Censo realizado pela ABED/2016, o qual esclarece

que a concentração das matrículas está nas licenciaturas, com 135.236 alunos matriculados, e 32.957 cursando licenciatura com bacharelado. Os cursos tecnológicos, com 91.086 alunos. A presença maciça de cursos técnicos e profissionalizantes, e mesmo das licenciaturas, reforça o valor da EAD para atender a demandas práticas de educação com resultados rápidos e perceptíveis na empregabilidade.

A pesquisa tem como objetivo investigar os desafios encontrados pelos alunos ativos matriculados em cursos de licenciatura, cursos superiores de tecnologia ou bacharelados na modalidade EAD durante a conclusão do curso. Desta forma, a análise do Gráfico 4 torna-se importante para a investigação da proposta, pois a permanência no curso é um indicativo que o aluno está superando as dificuldades encontradas.

Gráfico 4: Fase do curso em que o aluno se encontra



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

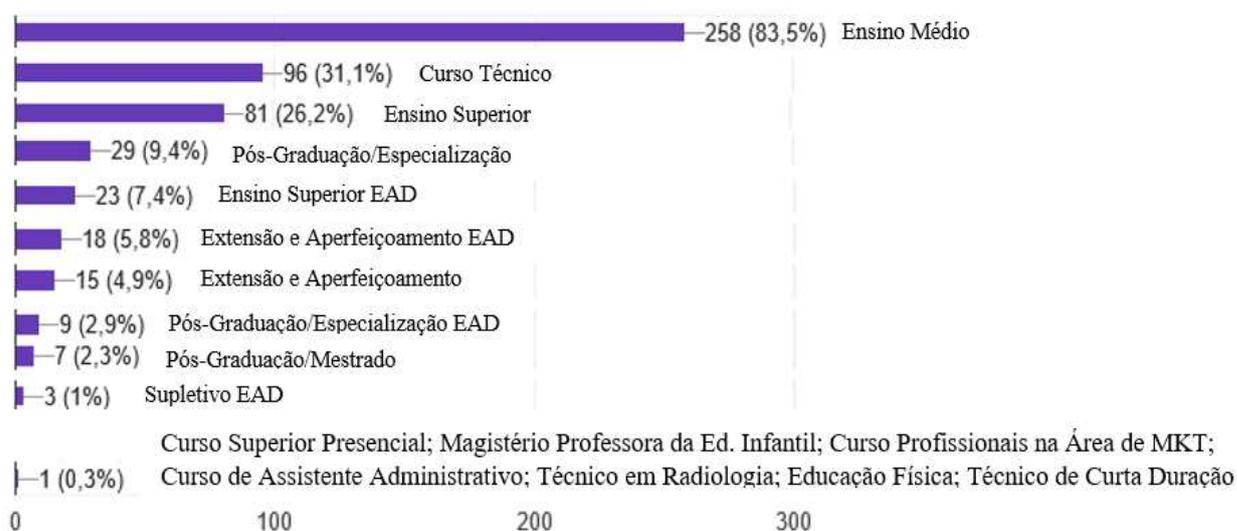
Verifica-se no Gráfico 4 que o ingresso de novos alunos na modalidade é significativo, o qual 20,3% deles permanecem até o final do primeiro semestre. Porém há uma queda na permanência destes alunos, segundo indica o gráfico, passando dos 25% para 11% no 6º semestre.

Segundo Moore (2014), a maioria dos alunos da EAD sente ansiedade quanto ao estudo, o que pode acontecer ao iniciar um novo curso ou passar a frequentar uma outra instituição de ensino. Cabe à instituição ficar atenta às necessidades destes novos alunos, acolhendo-os e se comprometendo a ajudá-los com relação à ansiedade iminente, preocupando-se com o fato de que estes alunos devem ser bem-sucedidos no processo de ensino-aprendizagem propostos por esta modalidade. Porém, percebe-se que há um rebaixamento no primeiro trimestre, chegando pela metade, o que, segundo Moore, a

ansiedade e o sentimento de estar “perdido” podem levar estes alunos à frustração e à desistência do curso.

A seguir, um esboço dos cursos que os alunos já concluíram ou ainda estão concluindo formam o Gráfico 5. É possível perceber a procura por outros cursos que também são oferecidos na modalidade EAD, sendo um indicativo que existe uma mudança de ambiente da educação formal para o ambiente da EAD, segundo Rabello e Peixoto (2006).

Gráfico 5: Cursos que você já fez e estão concluídos (opção de marcar mais de um curso)



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Conforme indica o Censo realizado pela ABED/2016, vale ressaltar que todas as áreas de conhecimento definidas pelo Ministério da Educação (MEC) estão representadas, revelando que a EAD tem potencial para atender alunos de todas as áreas de conhecimento. (Censo ABED/2016, p. 76)

De acordo com o Manual do Candidato da IES participante da pesquisa, o aluno tem acesso a informações detalhadas sobre o Processo Seletivo, a fim de proporcionar-lhe tranquilidade e comodidade no momento da sua inscrição.

Como critério de seleção, a EAD para todos os cursos, exige dos candidatos que comprovem ser portadores de certificado de conclusão do Ensino Médio, ou estudos equivalentes, até a data da matrícula, sob pena de perderem o direito à vaga, se aprovados. Além disso, o candidato deverá definir a forma de ingresso, escolhendo um dos formatos de seleção, como:

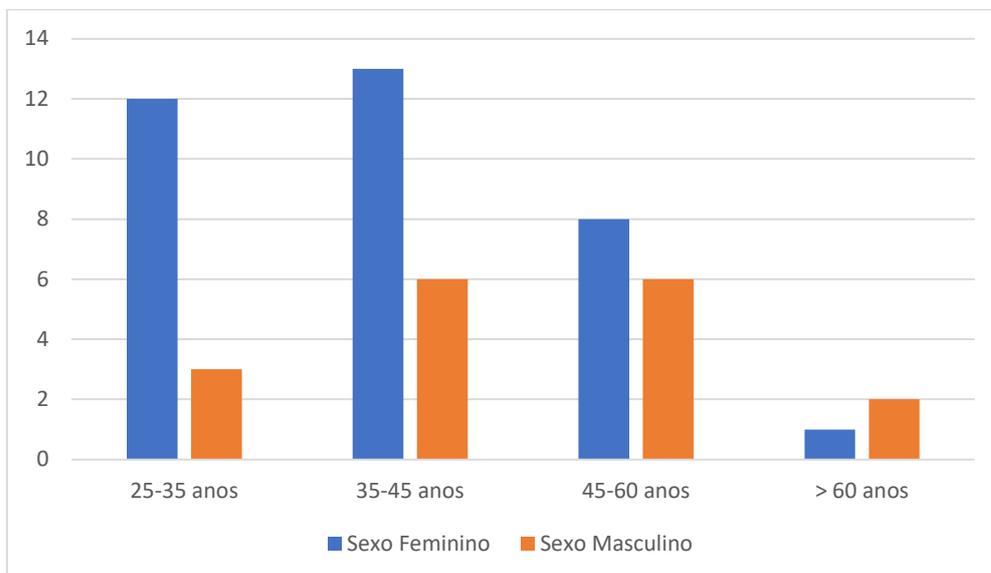
a. Utilizar somente a nota do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), realizado nos últimos 3 anos. Nesse caso, estará desobrigado de fazer a prova do processo seletivo [...]. b. Utilizar somente a nota obtida no Processo Seletivo EAD [...]. Nesse caso, deverá fazer a prova presencialmente em Polo a sua escolha [...]. Os Processos Seletivos EAD 2018/3, basicamente, constituir-se-ão de 01 (uma) prova de interpretação de texto, composta de 10 (dez) questões de múltipla escolha, que terá o valor máximo de 100 (cem) pontos. (MANUAL DO CANDIDATO, 2018, p.9-10)

Cabe aqui uma reflexão a respeito do número de respostas sobre a opção “Conclusão do Ensino Médio”. O Gráfico 5 indica que, dos 310 alunos participantes da pesquisa, 258 alunos, isto é, 83,5%, concluíram o Ensino Médio. Segundo o Manual do Candidato da IES (20018), existe a exigência dos candidatos que comprovem ser portadores de certificado de conclusão do Ensino Médio, ou estudos equivalentes, até a data da matrícula, dessa forma, questiona-se: Sendo o Ensino Médio uma exigência para cursar EAD, por que a opção de escolha do curso Ensino Médio não atingiu os cem por cento?

Buscou-se na legislação a compreensão do que seria o Ensino Médio, já que 16,5% não optaram por este curso. De acordo com a Lei no 5.692/71, o Ciclo Colegial do Ensino Médio passou a ser o Ensino de Segundo Grau, que por sua vez se tornaria o Ensino Médio, a partir da Lei no 9.394/96. Segundo o estudo proposto por Rigotti,

[...] o Ensino Médio atual equivale ao Ensino Médio 2º Ciclo, Clássico ou Científico. No entanto, nem sempre é tarefa fácil fazer uma compatibilização das séries nos diversos anos em casos como “Exame de Admissão” ou “5ª ou 6ª séries”, para citarmos dois exemplos. Tal compatibilização exigiria mais do que uma simples correspondência de anos de estudos, como uma comparação de aspectos didáticos e cognitivos. (RIGOTTI, 2015, p.133)

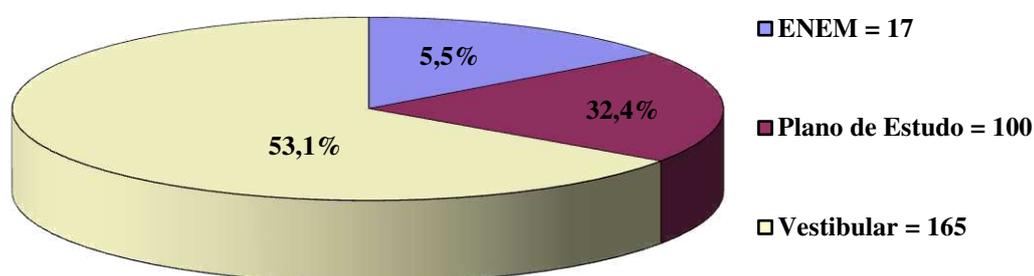
Dessa forma, faz-se pertinente analisar quais seriam os alunos que não assinalaram a opção da conclusão do Ensino Médio, pois a não compreensão da terminologia poderia ter sido um fator de não escolha por parte dos participantes. Assim, o Gráfico 6 ilustra a não escolha do Ensino Médio por 51 participantes da pesquisa.

Gráfico 6: Não opção pelo Ensino Médio

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

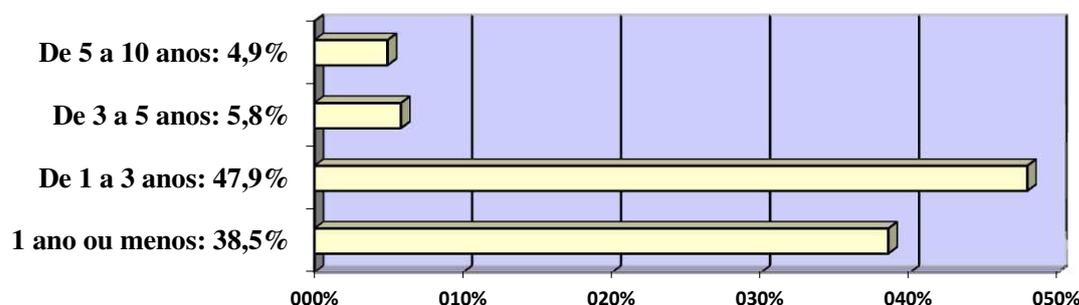
O Gráfico 6 indica que 15 participantes da pesquisa, com idades entre 25-35 anos, 19 participantes, com idades entre 35-45 anos, 14 alunos, com idades entre 45-60 anos, 03 alunos, maiores que 60 anos, não assinalaram a opção de ter concluído o Ensino Médio. Perfazendo 16,5% Percebe-se que alunos com idades de 35 a maiores de 60 anos, isto é, 36 alunos participantes da pesquisa, passaram pela mudança de terminologia, como indica Rigotti (2015) em seus estudos.

O Gráfico 7 ilustra o ingresso dos alunos na modalidade EAD, que se deu de diferentes maneiras, com maiores pontuações no Vestibular e Plano de Estudo, indicando 53,1% e 32,4% respectivamente. Este percentual de 32,4% para Plano de Estudos evidencia a procura por EAD para dar continuidade aos estudos, sendo este público formado por adultos com mais de 25 anos, conforme especifica o Gráfico 2.

Gráfico 7: Ingresso na EAD

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Com relação ao tempo de permanência na Instituição, de acordo com o Gráfico 8, o maior percentual está entre um e três anos de estudo na IES. Já os alunos que estão cursando o primeiro ano, representam 38,5% da amostra.

Gráfico 8: Tempo em que está na Universidade

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Faz-se necessária uma reflexão sobre a permanência de alunos na Instituição entre três e cinco anos, os quais perfazem 5,8%, uma camada considerável, segundo o Gráfico, o que nos leva a relacionar com a maioria do perfil feminino, que possa ter se afastado devido à criação dos filhos, o não conciliar trabalho-casa-faculdade. São hipóteses que poderão fazer parte de uma segunda etapa do trabalho de pesquisa, pois segundo Maia e Mattar (2007 apud Araújo, Oliveira, Marchisotti, 2016), a EAD garante flexibilidade para conciliação da vida profissional e estudo, não interferindo na rotina de trabalho, e o retorno percebido a curto prazo. Assim, a EAD é uma das melhores maneiras para ampliação do alcance dos cursos, proporcionando maiores chances de ingresso aos alunos interessados.

4.4 As Escolhas: Modalidade EAD e Cursos

No que se diz respeito à escolha – opção pela modalidade EAD e cursos, nesta etapa do questionário, representada pelo Gráfico 9 (a,b,c,d), os alunos se basearam nos fatores tempo, financeiro, curso presencial e a possibilidade do curso atender suas necessidades.

Foi utilizada a escala Likert, utilizando variações de 1 a 5, iniciando por discordo totalmente, discordo parcialmente, indiferente, concordo parcialmente e concordo totalmente.

Assim, com relação a ter maior flexibilidade para administrar o tempo, Gráfico 9.a, a grande maioria dos participantes, isto é, 211 alunos, optou por concordo totalmente, seguido por concordo parcialmente e indiferente.

Gráfico 9.a: Motivos da escolha pela EAD – Ter maior flexibilidade para administrar o tempo



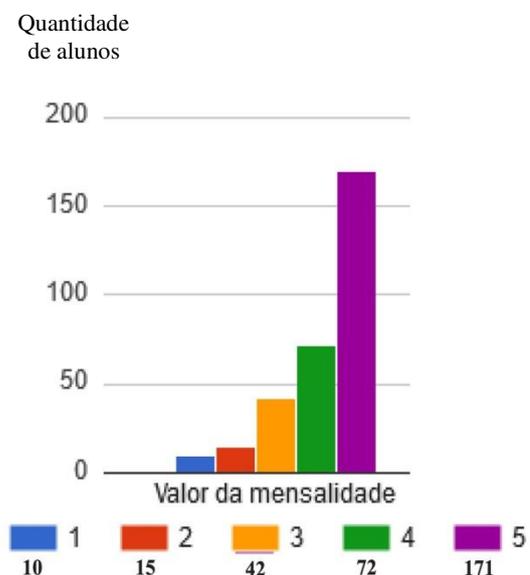
Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Apesar do índice percentual de 68% dos participantes concordarem com a flexibilidade em administrar seu tempo de estudo, percebe-se que ao gerir sua aprendizagem, o aluno deve ter em mente que o professor-tutor é um mediador, que o aluno tem maior autonomia para organizar seus estudos, tornando-se o organizador de seus próprios horários de estudo.

Com relação ao valor da mensalidade, Gráfico 9.b, dos 310 participantes da pesquisa, 171 concordaram totalmente com escolha de cursos na modalidade EAD por causa do valor oferecido pela IES, perfazendo 55%. Já 72 participantes, concordaram parcialmente; 42

alunos foram indiferentes e o restante, discordo parcialmente e discordo totalmente, 15 e 10 alunos respectivamente.

Gráfico 9.b: Motivos da escolha pela EAD – Valor da mensalidade



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

De acordo com o gráfico citado, acredita-se que o valor pago nas mensalidades, seja um dos incentivadores a continuar estudando nesta modalidade de ensino, já que o deslocamento diário do aluno à IES não ocorre, podendo investir financeiramente nos estudos a distância.

Segundo o Censo ABED/2016, constata-se que a EAD parece estar se firmando como opção de baixo custo no país, em comparação com cursos presenciais, pois

[...] das instituições que ofertam cursos regulamentados totalmente a distância, 17% cobram (ou afirmam que os alunos custam) entre R\$ 251 e R\$ 500, e 5% afirmam cobrar menos de R\$ 100. A grande maioria dos cursos que custam mais de R\$ 500,00 são presenciais, sendo que 2% das instituições que ofertam cursos regulamentados totalmente a distância afirmam cobrar (ou ter custos) entre R\$ 1.000 e R\$ 2.000 ao mês, e 1% afirmam cobrar (ou ter custos de) mais de R\$ 2.000. (Censo ABED/2016, p.7-8)

A dificuldade em encontrar um curso presencial, sendo este um dos motivos da escolha de um curso na modalidade EAD, representada no Gráfico 9.c, indica que 113 participantes concordam totalmente, perfazendo – mais de 36%.

Porém, 88 alunos, assinalaram discordar totalmente – mais de 28%. Resultados com uma diferença que dá a entender que a procura por EAD é uma das formas de se manter estudando, como mostra o Censo ABED/2016, revelando que a maioria dos alunos estuda e trabalha, característica muito acentuada na EAD, já que cursos presenciais, que predominavam anteriormente, dificultavam a manutenção do aluno em curso no ensino superior, sendo assim entende-se que a EAD democratizou o ensino superior.

Num estudo proposto por Fiuza e Sarriera (2013), com uma amostra de 605 participantes, com idades entre 18 e 61 anos, sendo 216 do sexo masculino (36%) e 384 do sexo feminino (64%), estudantes de cursos de graduação e pós-graduação de sete instituições públicas e privadas de ensino superior do Brasil, na modalidade EAD, 516 alunos são trabalhadores, isto é, precisam conciliar estudo e trabalho.

Gráfico 9.c: Motivos da escolha pela EAD – Dificuldade em encontrar um curso presencial na cidade em que reside



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Faz-se necessária a reflexão sobre a escolha de 88 participantes em não concordar com a dificuldade de se encontrar um curso presencial na cidade na qual residem.

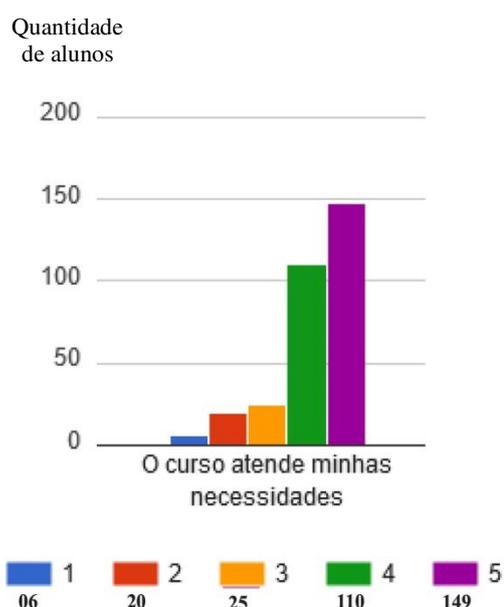
Conforme dados obtidos no Censo da ABED/2016, observa-se maior concentração de alunos em cursos de iniciação profissional, o que confirma os dados emitidos na Tabela 5, já que 110 alunos participantes da pesquisa encontram-se com idades entre 25 e 35 anos, faixa etária em que estão em plena atividade laboral. Dessa forma, a opção por cursos na

modalidade EAD vem ao encontro da necessidade de se trabalhar e estudar ao mesmo tempo, garantindo os diferentes níveis acadêmicos em todas as áreas de conhecimento.

Ainda com relação à escolha da EAD, foram analisadas respostas que indicavam a possibilidade de atendimento às necessidades dos alunos, que variam entre flexibilidade de tempo, estudar e trabalhar, não precisar se deslocar para estudar. Assim, o Gráfico 9.d representa estes fatores.

Se o curso atende ou não às necessidades dos alunos, ficou evidente que 149 alunos concordaram totalmente, perfazendo 48%; concordaram em parte 110 alunos, afirmando, o curso na modalidade EAD, atender suas necessidades. Dessa forma, a necessidade é conquistada por 83% dos alunos.

Gráfico 9.d: Motivos da escolha pela EAD – O curso atende minhas necessidades



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Durante a análise dos Gráficos, nota-se a escolha por cursos de licenciatura, e que o percentual feminino é maior. Assim, conforme autores estudados, a mulher tenta conciliar o tempo de trabalho dentro e fora de casa, havendo a possibilidade de se trabalhar um período em escola e o outro em casa.

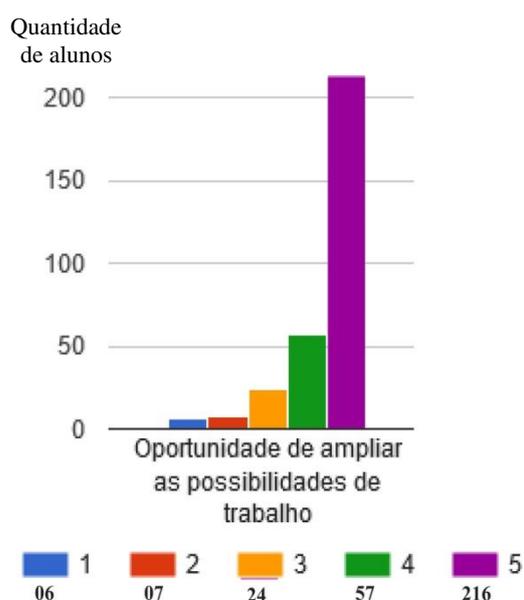
Dessa forma,

[...] relações entre o tempo, o trabalho e a aprendizagem dos saberes profissionais dos professores que atuam no ensino primário e secundário, isto é, dos saberes mobilizados e empregados na prática

cotidiana, saberes esses que dela se originam e que servem para dar sentido às situações de trabalho que lhes são próprias. (TARDIF e RAYMOND, 2000, p.209)

Com relação à oportunidade de ampliar as possibilidades de trabalho, exposto no Gráfico 10.a – no qual quase 216 participantes da pesquisa concordaram totalmente, com um percentual de quase 70% de adesão. Entende-se que a busca por melhores condições de trabalho está sendo viabilizada pela modalidade EAD, como indica Maia (2009, p. 203) em seu texto “[...] muito mais do que uma necessidade, é uma oportunidade de abrir novos mercados”, já que muitos alunos relatam não ter como continuar estudando num formato de curso presencial.

Gráfico 10.a: Motivos da escolha pelo curso – Oportunidade de ampliar as possibilidades de trabalho



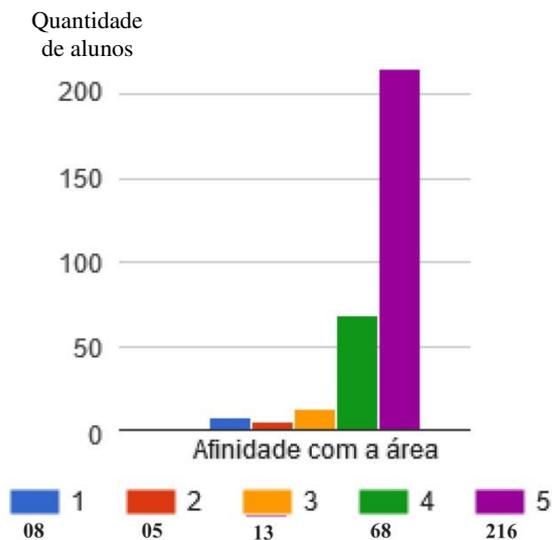
Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Com relação à realização de um sonho pessoal, 179 participantes responderam que concordam totalmente, que esta era um dos motivos da escolha do curso. De acordo com o Gráfico 3, o qual indica cursos de licenciatura, em que a maior procura é Pedagogia, realizar o sonho de ter um diploma é muito importante para 57,7% dos alunos matriculados na modalidade EAD, como mostra o Gráfico 10.b.

Gráfico 10.b: Motivos da escolha pelo curso – Realização de um sonho pessoal

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Ter afinidade com a área também faz parte da dimensão proposta por Sun *et al* (2007), pois a satisfação percebida pelo aluno é primordial para um aprendizado eficaz. Dessa forma, é possível comprovar, mediante as respostas, que mais de 70% dos alunos ativos matriculados na modalidade EAD, participantes da pesquisa, concordam totalmente que a afinidade com a área é determinante na escolha do curso, conforme indica o Gráfico 10.c.

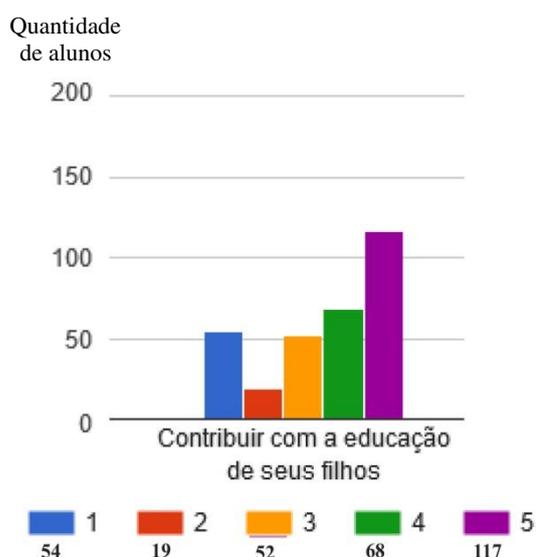
Gráfico 10.c: Motivos da escolha pelo curso – Afinidade com a área

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

A preocupação com a educação dos filhos também fez parte do questionário, pois a educação, sendo a capacidade de formar novas gerações, de acordo com os ideais culturais de cada povo e que, segundo Campos (2009, p. 272), educação e conhecimento são, portanto, pontos centrais no desenvolvimento humano. Dessa forma, 117 alunos participantes da pesquisa optaram por assinalar concordar totalmente, indicando esta preocupação em mais de 37% dos alunos ativos matriculados na IES.

Concordar parcialmente, ser indiferente e discordar totalmente, também tiveram marcações muito próximas, 68, 52 e 54. A margem percentual chegou a 56% nas três opções, cerca de 20% cada. Discordar parcialmente foi a escolha de 19 alunos, representando cerca de 6% dos alunos ativos matriculados na modalidade EAD, como mostra o Gráfico 10.d.

Gráfico 10.d: Motivos da escolha pelo curso – Contribuir com a educação dos filhos



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

É possível observar, analisando as respostas dadas pelos participantes, que a escolha do curso, no qual mais de 70% dos alunos optaram por licenciaturas, a afinidade com a área escolhida e a possibilidade de contribuir com a educação dos filhos, se complementam. Essa hipótese vai ao encontro do Censo da ABED/2016, que conclui que a maioria dos alunos matriculados na modalidade EAD é do sexo feminino, conforme mostra a Tabela 3, predominando nos cursos de licenciatura, com maior percentual em Pedagogia, sendo compostos por alunos com idades entre 25 e 45 anos. Dessa forma, pode-se ressaltar que aprendentes adultos-mulheres possuem preocupações em suas vidas voltadas para o trabalho, a família e a vida em sociedade.

4.5 Os Percursos durante o Processo Formativo: Dimensões e Desafios

Com relação ao percurso do curso, foram incluídas no questionário questões que envolviam opiniões sobre seu desempenho, limitações e desafios. Para tanto, houve a necessidade de formular indagações sobre motivos da escolha pela EAD, motivos da escolha pelo seu curso – já expostos no item anterior, e os percursos ocorridos durante o curso.

Segundo o modelo de Sun *et al* (2007), as hipóteses levantadas no questionário devem envolver dimensões como relacionamento entre aluno-aluno, aluno-professor-tutor, tecnologia, modelo de ensino e ambiente do curso. Ainda segundo os autores, a aprendizagem *on-line* traz preocupações com relação ao tempo, à intensidade de trabalho e os recursos materiais. Procurou-se, com o questionário, identificar o nível de interação do aluno com o ambiente de ensino e aprendizagem. Assim, esta etapa do questionário é composta por dezessete questões. Utilizou-se a escala Likert, com variações de 1 a 5, iniciando por discordo totalmente a concordo totalmente.

Procurou-se adaptar o modelo de Sun *et al* (2007) da seguinte forma:

- *Dimensão Aluno* – inclui constructos como: atitude, ansiedade e autoeficácia do aluno diante de computadores – *Você acredita que na educação a distância é preciso que os alunos sejam autônomos em relação aos estudos sem ficar na dependência do professor? / Foi difícil participar de fóruns de discussões? / Foi fácil acompanhar as discussões nos chats? / Você acredita que a ansiedade com relação ao uso do computador afeta significativamente a aprendizagem?*
- *Dimensão Professor/Tutor* – aborda os constructos relativos à adequação do tempo de resposta do professor/tutor e a atitude do professor/tutor em relação à tecnologia – *Você acredita que na modalidade a distância a interação entre professor e aluno é a mesma que no ensino presencial? / Você acredita que para haver um processo de ensino e aprendizagem é preciso o contato diário com o professor? / Você acredita que a assistência oportuna do professor quando o aluno enfrenta problemas, incentiva o aluno a continuar aprendendo? / Você acredita que a atitude do professor/tutor em relação à TI influencia positivamente na aprendizagem? / A educação a distância prevê a comunicação via tecnologia. Você acredita que é possível uma educação sem contato com o professor diariamente?*

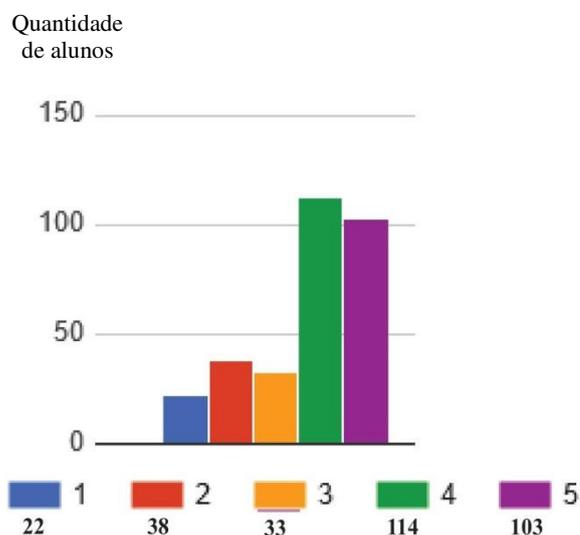
- *Dimensão Curso* – os constructos são: flexibilidade do curso e qualidade do curso com aprendizado *on-line* – *Você acredita que a diversidade das formas de avaliação e interação entre professor/tutor-aluno favorecem a permanência e continuidade do curso? / Você acredita que no curso a distância existam as mesmas exigências e rigor acadêmico de um curso presencial?*
- *Dimensão Tecnologia* – traz os constructos como: qualidade da tecnologia, qualidade do acesso da internet – *Considero o sistema de aprendizado baseado nas tecnologias de EAD fácil de usar. / Você acredita que a falta de domínio dos recursos tecnológicos seria um dos motivos que levaria à evasão da educação a distância?*
- *Dimensão Modalidade EAD* – os constructos são: utilidade percebida e facilidade de uso percebida – *Aprender a operar um sistema de aprendizado baseado nas tecnologias de EAD é fácil para mim. / Usar o sistema de aprendizado a distância melhora meu desempenho no curso.*
- *Dimensão Ambiente do Curso* – aborda os constructos: diversidade de avaliações, percepção do aluno em relação à interação com os outros e percepção da satisfação do aluno – *O material de estudo disponibilizado na plataforma atende suas necessidades de aprendizagem do conteúdo. / Usar o sistema de aprendizado a distância melhora a eficácia do curso.*

O Gráfico 11 apresenta os itens citados – Dimensões propostas por Sun *et al* (2007), sendo composto por dezessete elementos, assim designados: Gráfico 11.a até Gráfico 11.q.

A Dimensão Aluno está exposta nos Gráficos 11.a ao 11.d, a seguir:

Gráfico 11.a: Percurso do curso – Dimensão Aluno

- Você acredita que na educação a distância é preciso que os alunos sejam autônomos em relação aos estudos sem ficar na dependência do professor?



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

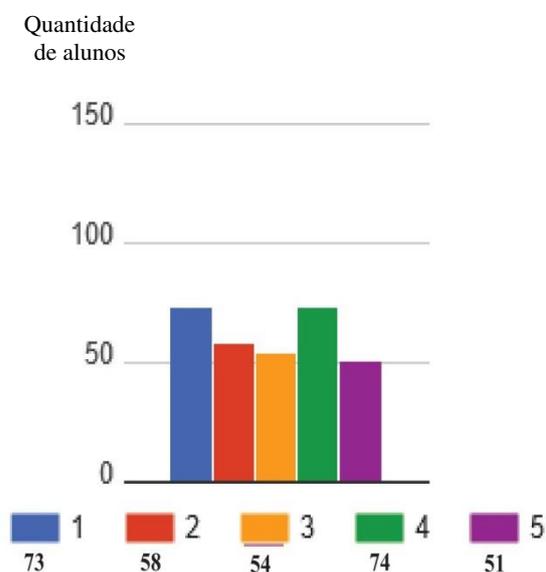
O Gráfico 11.a mostrou que, na visão dos participantes, a autonomia deve existir por parte dos alunos para que a aprendizagem seja significativa, dessa forma, optaram por concordo parcialmente 114 alunos – 36,77%; e concordo totalmente foi a escolha de 103 alunos – 33,22%.

Nota-se que existe um consenso entre quase 70% dos participantes da pesquisa que é necessário ter autonomia para se estudar na modalidade EAD, isto é, o aluno matriculado no ensino a distância deve desenvolver sua capacidade de gerenciar seu estudo, tornando-se o ator principal, decidindo o tempo em que será despendido para o cumprimento de suas atividades, organizando as prioridades, quais conteúdos deverá estudar para cumprir as tarefas que foram solicitadas, a fim de respondê-las em tempo hábil.

Para assuntos a respeito do manejo e facilidade com o uso da tecnologia, o Gráfico 11.b indicou que os alunos estão divididos com relação ao uso da ferramenta.

Gráfico 11.b: Percurso do curso – Dimensão Aluno

- Foi difícil participar de fóruns de discussões?



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Dessa forma, os alunos mantiveram suas respostas equiparadas, considerando a participação um item em desenvolvimento, pois 131 alunos participantes da pesquisa não apresentam dificuldade em compartilhar suas ideias num fórum de debate e 125 encontraram dificuldades em participar dos fóruns de discussões.

Em relação ao acesso aos programas do computador e outros elementos, como a internet, Oliveira (2012) já citava como importante que o aluno esteja familiarizado com o conhecimento necessário para se ter acesso aos serviços oferecidos pela rede mundial de computadores, tornando as condições de ensino-aprendizagem reais, possibilitando a inclusão educacional. Assim, a participação em fóruns, propostos como atividades de interação, só será possível mediante o conhecimento de ferramentas próprias para desenvolver uma conversa entre alunos, alunos e tutores, podendo sanar suas dúvidas com relação ao conteúdo estudado. O autor ainda coloca que o fato de acessar as ferramentas não significa que o discente esteja envolvido com o processo de aprendizado e interação.

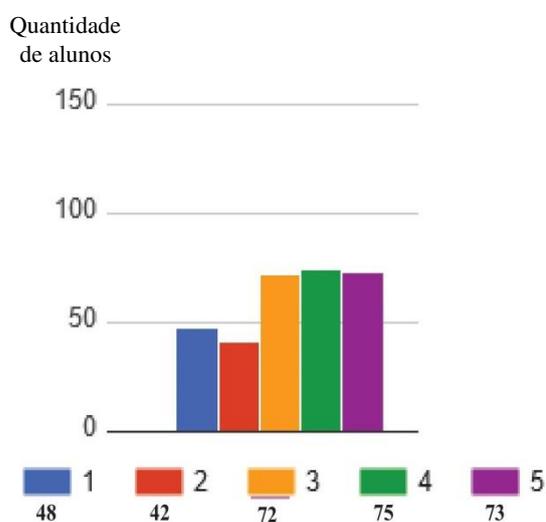
Destaca-se o fato de que se sentir motivado a participar da comunicação possa ser entendido como um desafio, pois de acordo com Araújo, Oliveira, Marchisotti (2016), a dificuldade do aluno expor sua ideia em comunicação escrita a distância é um dos fatores que faz com que o aluno não obtenha sucesso e influencia-o a desistir do curso.

Portanto, segundo os autores, acompanhar as discussões nos *chats* também pode tornar o aprendizado um desafio, pois o desempenho do aluno frente ao uso da tecnologia exigida por esta modalidade pode levá-lo à insatisfação, evitando sua participação.

Esse item, representado no Gráfico 11.c, considera a participação dos alunos nas discussões realizadas nos *chats*, que também seguiu o mesmo raciocínio, indicando que muitos alunos ainda estão se familiarizando com a tecnologia.

Gráfico 11.c: Percurso do curso – Dimensão Aluno

- Foi fácil acompanhar as discussões nos *chats*?

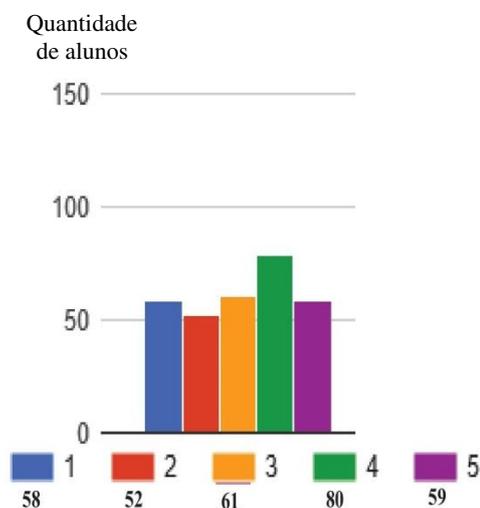


Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Sobre a ansiedade, fator que afeta significativamente a satisfação de aprendizagem na modalidade EAD, segundo Sun *et al* (2007), o Gráfico 11.d provou, mais uma vez, que os alunos estão se adaptando ao uso da tecnologia, deixando exposto a necessidade de se apropriar dos recursos da ferramenta, pois mais de 130 participantes consideram a ansiedade como um empecilho para a garantia do processo ensino e aprendizagem, indicando concordarem parcialmente ou totalmente com esta dificuldade, ou seja, 44,8% dos alunos.

Gráfico 11.d: Percurso do curso – Dimensão Aluno

- Você acredita que a ansiedade com relação ao uso do computador afeta significativamente a aprendizagem?



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Com relação à Dimensão Aluno, Percurso do curso – manuseio e domínio da tecnologia exigida pela modalidade EAD, os Gráficos 11.b, 11.c e 11.d indicam claramente que esse desafio precisa ser melhor analisado, já que o uso das TICs é fundamental no processo de aprendizagem dos alunos que se matriculam em cursos nessa modalidade. Assim, a reflexão proposta se dá mediante a investigação da faixa etária, já que 70% dos participantes do sexo masculino e 80% do grupo feminino têm entre 25 e 45 anos, dessa forma entende-se que quanto mais jovem for o aluno, mais interesse e domínio pela tecnologia.

Assim, para ilustrar a análise, seguem, em forma de tabela, os dados obtidos com relação à faixa etária, ao domínio da tecnologia e ao gênero. Conforme mostra a Tabelas 6:

Tabela 6: Tecnologia X Faixa Etária X Gênero

GÊNERO	FAIXA ETÁRIA	DIFÍCIL PARTICIPAR DE FÓRUNS				FÁCIL PARTICIPAR DE CHATS				ANSIEDADE COM O USO DO COMPUTADOR			
		20 a 35	35 a 45	45 a 60	>60	20 a 35	35 a 45	45 a 60	>60	20 a 35	35 a 45	45 a 60	>60
	1	12	03	06	02	05	03	09	04	08	01	05	02
	2	06	04	06	03	07	03	03	01	07	05	04	01
	3	06	09	04	01	14	07	05	01	17	01	03	02
	4	16	05	05	00	05	07	07	01	12	03	03	02
	5	09	04	04	01	16	03	03	00	04	04	04	00
	1	21	12	05	00	14	11	06	00	17	13	06	00
	2	24	10	06	00	16	09	03	00	20	10	04	01
	3	23	05	04	01	23	12	07	01	24	06	05	00
	4	18	24	07	00	30	14	08	00	32	17	08	00
	5	05	11	06	01	31	15	03	00	20	15	05	00

1	DISCORDO TOTALMENTE	2	DISCORDO PARCIALMENTE	3	INDIFERENTE	4	CONCORDO PARCIALMENTE	5	CONCORDO TOTALMENTE
----------	---------------------	----------	-----------------------	----------	-------------	----------	-----------------------	----------	---------------------

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2019

Os dados contidos na Tabela 6 refletem o quanto é desafiador para grande parte dos alunos participantes da pesquisa utilizar as ferramentas virtuais adequadamente para cada situação de aprendizagem, ou seja, dominar e saber utilizar as tecnologias empregadas nas diferentes atividades de ensino-aprendizagem. Pois, ao se considerar os dois aspectos – discordar e concordar, verifica-se que, do total de 310 alunos, 120 discordam e 127 concordam que seja difícil participar de fóruns de discussões; 94 discordam e 127 concordam que seja fácil acompanhar as discussões nos *chats*; 104 discordam e 125 concordam que a ansiedade com relação ao uso do computador afeta significativamente a aprendizagem.

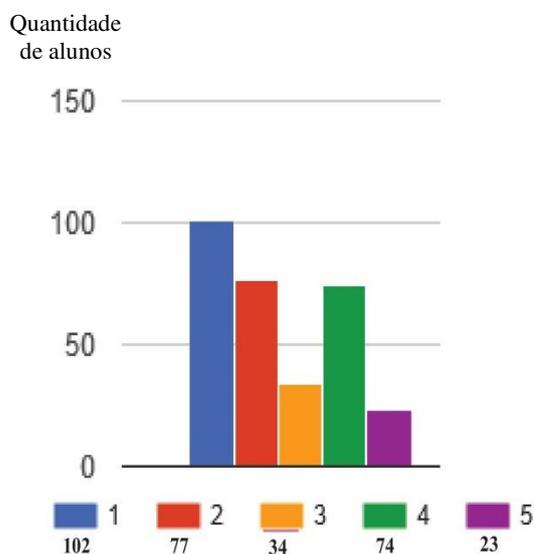
Ainda com relação à dificuldade do uso de ferramentas, Lima e Santos (2016), ressaltam ser mais provável que as novas gerações superem esse desafio com certa facilidade, já que os estudantes mais novos são mais estimulados, pela pressão social e interesse comercial, em consumirem-nas.

Evidencia-se este dado na Tabela 5 – Características dos alunos participantes da pesquisa, retratando o universo de estudantes mais novos que fazem uso de ferramentas para estudar na modalidade EAD, totalizando um universo de 161 participantes da pesquisa.

A Dimensão Professor/Tutor está exposta nos Gráficos 11.e ao 11.i, relacionados a seguir:

Gráfico 11.e: Percurso do curso – Dimensão Professor/Tutor

- Você acredita que na modalidade a distância a interação entre professor e aluno é a mesma que no ensino presencial?



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

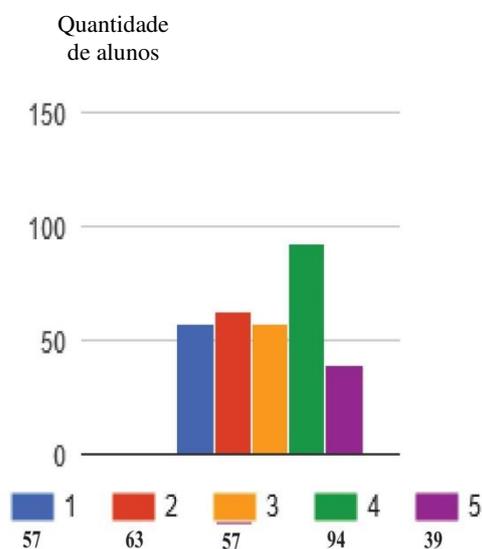
Com relação à Dimensão Professor/Tutor, Gráfico 11.e, 102 participantes discordaram totalmente que na modalidade a distância. Já 77 participantes discordaram parcialmente e 34 foram indiferentes. Esses itens foram os que mais se destacaram, permitindo verificar que os alunos ainda necessitam da interação com o professor.

Este dado traz uma reflexão sobre a dificuldade do discente que está matriculado na modalidade EAD ser o agente da aprendizagem. Segundo Silva; Ribas; Knaut (2014), esse modelo de aprendizagem centrada no aluno é fundamental para desenvolver atitudes de autonomia, autoaprendizagem, pois considera o aluno gestor de seu processo de aprendizagem, devendo ter maturidade e motivação necessárias à autoaprendizagem. Esse aluno adulto, ao fazer uso do ambiente virtual, poderá recorrer a este canal para se relacionar com seus professores/tutores, pois é sabido que o professor/tutor é o elo entre o aluno e sua aprendizagem, desempenhando papel de grande importância do desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem, já que a interação entre aluno-professor/tutor visa promover a satisfação do aluno com relação à sua própria aprendizagem.

Assim, o próximo Gráfico ressalta essa preocupação, questionando se para ocorrer o processo de ensino aprendizagem é preciso o contato diário com o professor.

Gráfico 11.f: Percurso do curso – Dimensão Professor/Tutor

- Você acredita que para haver um processo de ensino aprendizagem é preciso o contato diário com o professor?



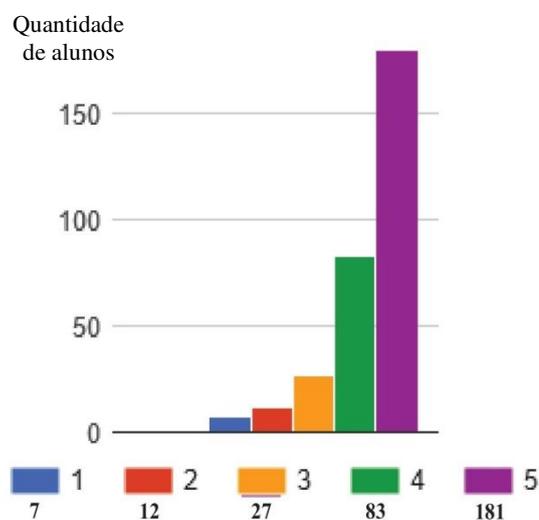
Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

De acordo com o Gráfico 11.f, o item que teve maior percentual, obtendo mais de 30% de escolha, foi concordo parcialmente. De acordo com Boccia; Terçariol; Trova (2018), identifica-se uma diferenciação entre as aprendizagens construídas em sala de aula presencial e sala virtual, isto é, as diferentes maneiras dos alunos aprenderem. Em seu estudo, colocam que há um desconhecimento da estrutura e da modalidade de ensino, bem como das exigências e das expectativas com relação ao trabalho que deve ser realizado em uma plataforma de estudos, em um ambiente virtual de aprendizagem.

A seguir, a indagação feita aos participantes foi sobre o incentivo que o professor/tutor oferece aos alunos quando os mesmos enfrentam problemas relacionados à sua aprendizagem.

Gráfico 11.g: Percurso do curso – Dimensão Professor/Tutor

- Você acredita que a assistência oportuna do professor quando o aluno enfrenta problemas, incentiva o aluno a continuar aprendendo?

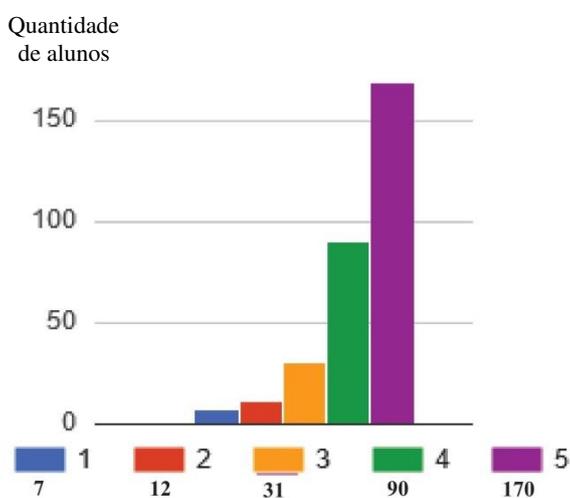


Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

O Gráfico 11.g também retrata a importância do auxílio e suporte do professor quando o aluno enfrenta problemas, incentivando-o a continuar aprendendo. Dos 310 alunos participantes da pesquisa, 85% dos alunos consideram muito importante o incentivo do professor/tutor, demonstrando o quão é importante e significativo o olhar do professor para as necessidades dos alunos.

Gráfico 11.h: Percurso do curso – Dimensão Professor/Tutor

- Você acredita que a atitude do professor/tutor em relação à TI influencia positivamente na aprendizagem?



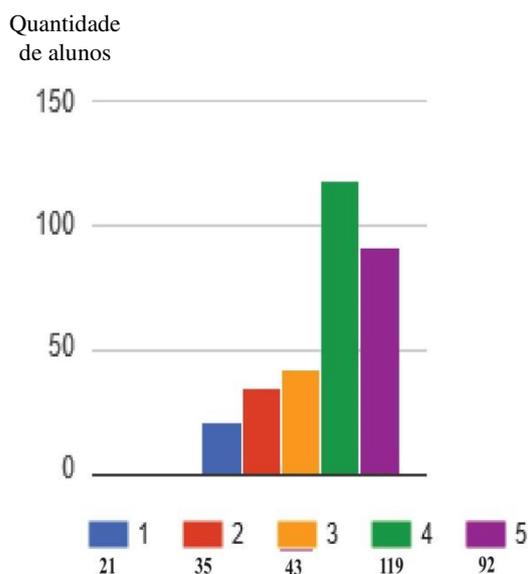
Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

No que se diz respeito à atitude do professor/tutor em relação à TI, se influencia positivamente na aprendizagem, o Gráfico 11.h indica a escolha de concordar totalmente com esta atitude, 54,8% dos participantes.

Boccia, Terçariol, Trova (2018), esclarecem que a compreensão sobre as influências que um ambiente de aprendizagem na modalidade EAD e o uso das TICs podem exercer no desenvolvimento dos estilos de aprendizagem é de extrema relevância, pois “[...] ao interagir com os colegas e professor em um ambiente de aprendizagem, o aprendiz pode adquirir melhor consciência em relação às suas próprias preferências de aprendizagem e desenvolver estratégias que favoreçam diversas situações de aprendizagem [...]” BOCCIA; TERÇARIOL; TROVA (2018, p. 5).

Gráfico 11.i: Percurso do curso – Dimensão Professor/Tutor

- A educação a distância prevê a comunicação via tecnologia. Você acredita que é possível uma educação sem contato com o professor diariamente?



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Sobre a EAD fazer uso das TICs como recurso para a aprendizagem, questionou-se é possível uma educação sem contato com o professor diariamente. Concordar foi o item mais assinalado, com índice de 68% de adesão; é o que mostra o Gráfico 11.i.

Nesse sentido, a reflexão sobre a autonomia do aluno com relação ao seu aprendizado se faz necessária. Entende-se que a EAD contribui para a inovação na educação superior por incorporar o uso das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) a diversos

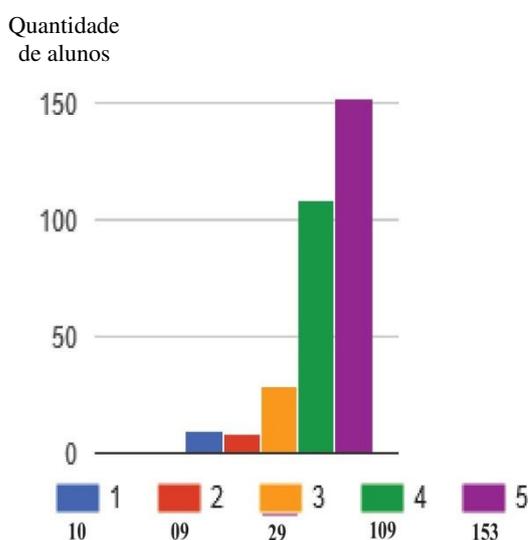
processos de ensino, de acordo com Rosini; Figueiredo; Amaral (2016, p.5). Dessa forma, métodos, técnicas e recursos, que são oferecidos aos alunos para que, em regime de autoaprendizagem, possam adquirir conhecimentos, mencionam os autores, a tecnologia, ao oferecer maior flexibilidade ao aprendizado, deve proporcionar aos alunos condições reais de metodologias e estratégias didáticas associadas à aprendizagem, a fim de promover o ensino e a aprendizagem.

A Dimensão Curso está exposta nos Gráficos 11.j e 11.k.

Sobre permanecer estudando na EAD, o qual se torna um desafio para os discentes matriculados em curso nesta modalidade, o Gráfico 11.j aborda a diversidade das formas de avaliação e interação entre professor/tutor-aluno, indicando que a continuidade do curso na EAD está pautada na ação pedagógica, instrumentos e relacionamento entre os atores principais, aluno-professor-tutor, representando 262 participantes, percentual de mais de 84%.

Gráfico 11.j: Percurso do curso – Dimensão Curso

- Você acredita que a diversidade das formas de avaliação e interação entre professor/tutor-aluno favorecem a permanência e continuidade do curso?



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Segundo as autoras Petter e Sambrano (2016), a efetividade da aprendizagem ocorre quando o aluno tem participação ativa na sua formação, assim a base deve ser o interacionismo, “[...] em que a centralidade esteja no processo de aprendizagem do aluno, o professor exerça papel de mediador das situações de aprendizagem” (p.328), tornando a interação entre professor/tutor-aluno presente, assim, a permanência e continuidade do curso são favorecidas, fazendo com que o aluno se sinta motivado a continuar estudando.

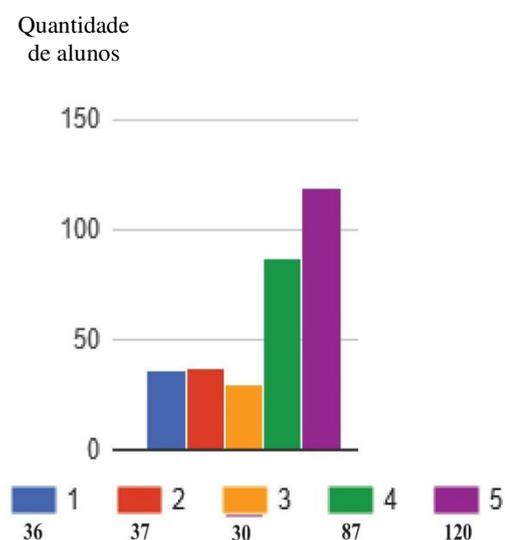
Para Sun *et al* (2007), se um sistema de ensino EAD fornece “ferramentas e métodos de avaliação mais ou mais diversificados, a satisfação dos usuários aumentará devido ao *feedback* da avaliação”.

Em sua pesquisa, Marcuzzo (2013) cita diferentes autores que também se referem à interação como forma de dar prosseguimento ao processo ensino aprendizagem. O aluno que interage com outras pessoas, tanto professor/tutor quanto colegas, e com outros materiais ou cursos, por meio eletrônico, fica muito mais satisfeito e, por conseguinte, consegue resolver seus problemas e melhorar o curso, pois as atividades realizadas podem ser corrigidas e melhoradas por meio de *feedback*, melhorando seu desempenho, sendo motivado a expor seus esforços em diferentes sistemas de avaliação, podendo dar continuidade aos estudos na modalidade EAD.

Com relação às exigências do curso EAD – Gráfico 11.k, se existem as mesmas exigências e rigor acadêmico de um curso presencial – 207 alunos participantes da pesquisa concordaram com esse item, indicando que acreditam na sua escolha pela EAD.

Gráfico 11.k: Percurso do curso – **Dimensão Curso**

- Você acredita que no curso a distância existam as mesmas exigências e rigor acadêmico de um curso presencial?



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Moore (2013), ao se referir à aprendizagem a distância, pontua que muitos alunos não estão familiarizados com a metodologia, dessa forma podem hesitar quanto a fazer cursos a distância; porém, devem superar esse desafio a fim de obter sucesso com a escolha. Para ele,

muitos alunos possuem concepções erradas, pois podem acreditar que os cursos na modalidade EAD “[...] são mais fáceis do que as aulas convencionais e exigem menos dedicação, mas, quando descobrem que a situação contrária é verdadeira, podem ficar descontentes” (p. 232).

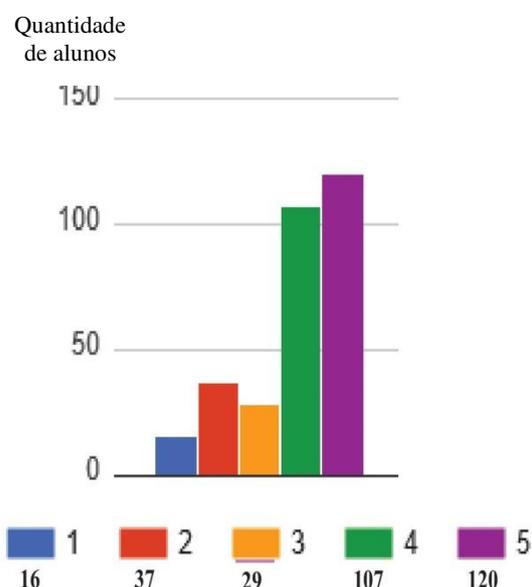
A Dimensão Tecnologia pertence aos Gráficos 11.l e 11.m. Expostos a seguir.

A opinião dos alunos sobre a Dimensão Tecnologia está representada no Gráfico 11.l, a qual é proposta por Sun *et al* (2007). Segundo os autores, vários pesquisadores indicam que a qualidade da tecnologia e da internet afetam o aprendizado do aluno matriculado na modalidade EAD. Assim, quanto maior a qualidade e confiabilidade na TICs, maior será o aprendizado.

Para 227 alunos participantes da pesquisa, isto é, 73% consideram ser fácil o manuseio das tecnologias de EAD. Este dado tem relevância por ser um fator importante na satisfação do aluno com relação ao seu aprendizado nesta modalidade de ensino, conforme mostra o Gráfico 11.l.

Gráfico 11.l: Percurso do curso – Dimensão Tecnologia

- Considero o sistema de aprendizado baseado nas tecnologias de EAD fácil de usar.



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

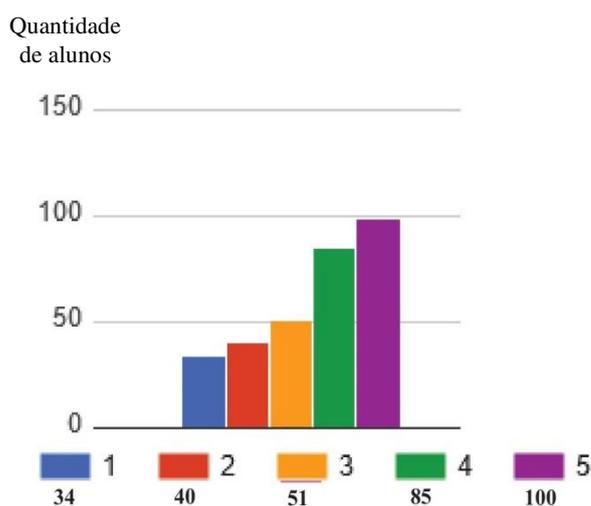
Segundo Moreira e Alves (2016), “neste modelo o estudante é integrado a uma comunidade de aprendizagem que dispõe de acesso permanente a objetos de aprendizagem, atividades diversificadas, debates e troca de experiências num espaço e ambiente de turma

virtual” (p. 459); assim, o desafio de dominar as tecnologias disponibilizadas por essa modalidade de ensino deve ser alcançada por seus participantes, tanto alunos quanto professores/tutores, ressaltando a importância do aluno se familiarizar com o método oferecido pela EAD.

O próximo gráfico, que também aborda a Dimensão Tecnologia, questiona se a falta de domínio dos recursos tecnológicos seria um dos motivos que levaria à evasão da educação a distância. O maior percentual representado no Gráfico 11.m, com 60%, totalizando 185 participantes, concorda que a falta de domínio da tecnologia utilizada nos cursos na modalidade EAD leva à desistência do curso.

Gráfico 11.m: Percurso do curso – Dimensão Tecnologia

- Você acredita que a falta de domínio dos recursos tecnológicos seria um dos motivos que levaria à evasão da educação a distância?



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Santos (2013), em seu estudo realizado com 125 alunos matriculados em diferentes cursos na modalidade EAD, pontua que a falta de domínio com a tecnologia é fator de grande dificuldade de ingresso e manutenção em cursos a distância, tornando-se grave motivo para a desistência de alunos em EAD, pois

[...] a construção do conhecimento nesse método de ensino é feita através de instrumentos comunicacionais e tecnológicos mediadores, exigindo o relacionamento com apetrechos, sistemas e novos modelos. (SANTOS, 2013, p.32)

De acordo com Moore (2013, p. 226), ao se referir ao aluno que desiste de um curso na modalidade EAD, “muitas características do próprio curso ou programa afetam o sucesso” da continuidade do curso, como por exemplo, “a natureza da tecnologia usada para a transmissão do curso e a interação” (p. 227). Dessa forma, reflete-se sobre o aluno estar ou não familiarizado com as TICs, tão utilizadas na modalidade EAD, tornando-se um desafio para muitos alunos que ainda estão em processo de aprendizagem tecnológica.

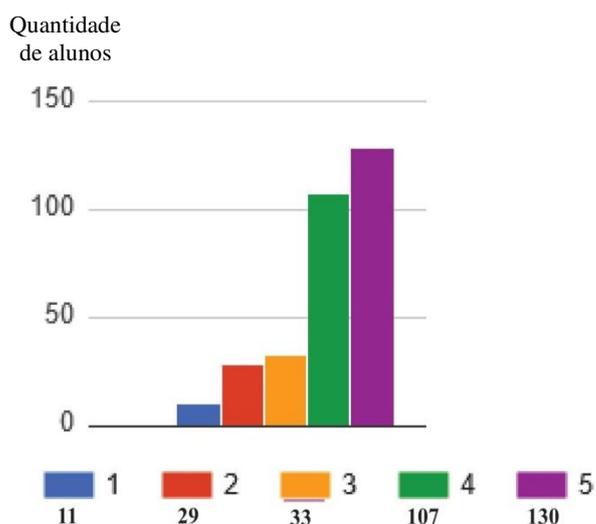
Outro estudo realizado por Martins, Santos, Frade e Serafim (2013) sobre evasão, indica que é a dificuldade para lidar com a tecnologia é motivo de desistência dos cursos na modalidade EAD. Os autores ainda se referem “à utilização do computador como artefato de acompanhamento das atividades e estudos” (p. 9), que mesmo tendo conhecimentos básicos de informática, a dificuldade em lidar com os recursos tecnológicos leva o aluno a desistir do estudo nessa modalidade.

A Dimensão Modalidade EAD está exposta nos Gráficos 11.n e 11.o; a seguir.

Analisando a capacidade do aluno em compreender a importância das TICs na Educação a Distância, o próximo gráfico, Gráfico 10.n, retrata o aprendizado mediante a utilização do sistema baseado nas tecnologias de EAD, se é ou não fácil na visão do aluno.

Gráfico 11.n: Percurso do curso – Dimensão Modalidade EAD

- Aprender a operar um sistema de aprendizado baseado nas tecnologias de EAD é fácil para mim.



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Analisando o Gráfico 11.n, 237 alunos participantes da pesquisa, ou seja, 76% consideram que aprender a operar um sistema de aprendizado baseado nas tecnologias de EAD é fácil. Vale ressaltar que a qualidade da tecnologia utilizada na modalidade EAD

influencia diretamente no aprendizado dos alunos; para Sun *et al* (2007), a confiabilidade da tecnologia percebida pelos alunos é um dos fatores que influencia positivamente a percepção da satisfação do aprendizado via tecnologias.

Em seu estudo, Lima e Santos (2016), mencionam que a utilização de ferramentas tecnológicas se faz necessária nos cursos EAD, que a escolha das ferramentas deve vir ao encontro do gosto dos discentes, pois os mesmos devem se sentir confortáveis com o sistema adotado. Destacam ainda que as IES/EAD possuem suas próprias plataformas de ensino, as quais são compostas dos mais diversos recursos, porém são de pouco domínio e de baixa interatividade com os alunos (LIMA, SANTOS, 2016, p.86).

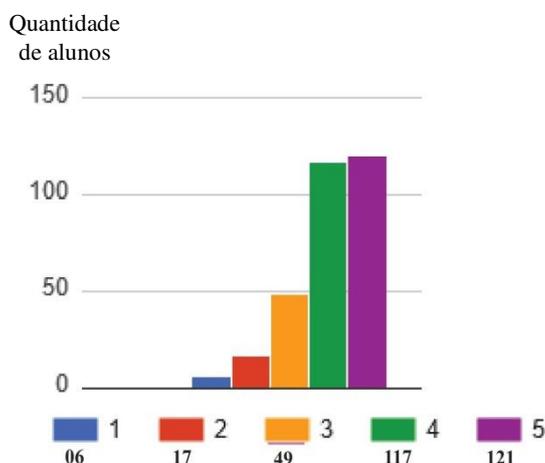
Segundo Silva, Ribas e Knaut (2014),

[...] existem vários instrumentos que auxiliam o processo de ensino aprendizagem e cabe a cada instituição de ensino escolher a melhor metodologia a ser aplicada. Contudo observa-se que o professor exerce uma função primordial no processo de ensino aprendizagem, já que tem o papel de mediar e planejar sua aula com uma metodologia que venha ao encontro das necessidades dos alunos, promovendo uma aprendizagem significativa. O professor que preza pela qualidade de ensino é também um motivador na formação acadêmica de seus alunos, criando vínculos a partir da confiança, respeito e cumplicidade. (SILVA, RIBAS E KNAUT, 2014, p.6)

Nesse sentido, o Gráfico 11.o confirma ser a interação com a tecnologia fator decisivo na aprendizagem, pois 238 alunos participantes da pesquisa concordam que utilizar recursos disponibilizados via plataforma de ensino melhora seu desempenho no processo de ensino e aprendizagem.

Gráfico 11.o: Percurso do curso – Dimensão Modalidade EAD

- Usar o sistema de aprendizado a distância melhora meu desempenho no curso.



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Davis (1989 apud Sun *et al* 2007) propôs o modelo de aceitação de tecnologia (TAM) que se concentra em prever e avaliar a tendência dos usuários em aceitar a tecnologia. Davis (1989), estuda as relações entre três variáveis importantes, a utilidade percebida, a facilidade de uso e as atitudes e intenções na adoção.

Para o pesquisador é a partir desta teoria que se pode prever a satisfação de aprendizagem na modalidade EAD; assim, de acordo com o Gráfico 11.o, 76,77% dos alunos têm convicção de que usar a tecnologia para estudar favorece seu aprendizado, melhorando seu desempenho.

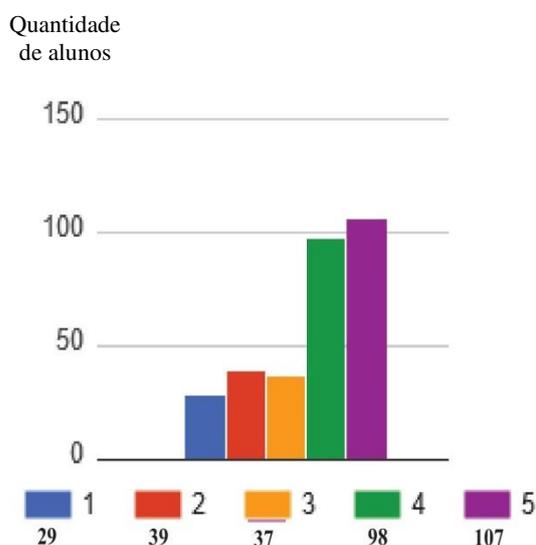
Os próximos gráficos, Gráfico 11.p e 11.q, abordam a Dimensão Ambiente.

Com relação a esta Dimensão, Sun *et al* (2007) esclarecem que o mesmo se dá a partir do uso de diferentes métodos de avaliação, fazendo com que os alunos pensem que uma conexão é estabelecida entre eles e os professores/tutores, e seus esforços de aprendizado são avaliados adequadamente. Assim, o ambiente do curso é composto por fatores que favorecem o aprendizado por parte dos discentes, sendo a diversidade das formas de avaliação e a interação entre docentes/tutores e discentes, ou seja, viabilizando as relações interpessoais e as trocas de conhecimento entre seus personagens.

Dessa forma, o Gráfico 11.p indica se o material de estudo disponibilizado na plataforma atende as necessidades de aprendizagem do conteúdo na visão dos alunos.

Gráfico 11.p: Percurso do curso – **Dimensão Ambiente**

- O material de estudo disponibilizado na plataforma atende suas necessidades de aprendizagem do conteúdo.



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

Somando-se todas as marcações do Gráfico 11.p que concordam (totalmente e parcialmente), obtém-se 66,12% das respostas, isto é, dos 310 alunos que participaram da pesquisa, 205 deles consideram que o material de estudo disponibilizado na plataforma atende as necessidades de aprendizagem do conteúdo – neste tópico, os alunos consideram o apoio didático um aliado ao processo.

Em seu estudo, Arbaugh (2000 apud Sun *et al* 2007) sugere que “em um ambiente de aprendizado virtual, as interações entre alunos e outros ou materiais do curso podem ajudar a resolver problemas e melhorar o progresso”. Autores citados por Sun *et al* (2007) afirmam que interagir eletronicamente melhora os efeitos de aprendizagem; concordam ainda que “o design instrucional interativo é um fator essencial para a satisfação e o sucesso da aprendizagem”.

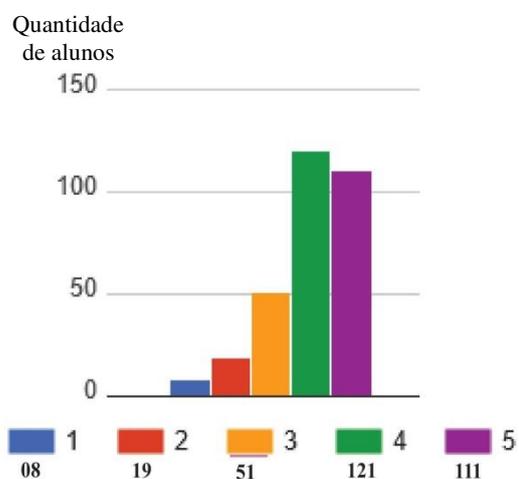
No Gráfico 11.q, sobre utilizar um sistema de aprendizagem para que o curso se torne eficaz, 232 participantes, 75%, concordam que a utilização de um sistema adequado ao processo de ensino-aprendizagem melhora a eficácia do curso. A análise sobre essa opção reflete a necessidade de interação que, segundo Moore (1989 apud Sun *et al* 2007), existem três tipos de interações nas atividades de aprendizagem na modalidade EAD: alunos com professores, alunos com materiais, alunos com alunos. O sistema de aprendizagem deve ser adequadamente projetado para melhorar a frequência, a qualidade e a prontidão das interações, o que poderia afetar a satisfação do aluno, de acordo com Sun *et al* (2007).

De acordo com os autores, a definição da interação percebida dos alunos com os outros é a percepção dos alunos sobre o nível de interações entre alunos e professores, alunos e materiais, e alunos e alunos.

Abaixo, segue o Gráfico 11.q:

Gráfico 11.q: Percurso do curso – Dimensão Ambiente

- Usar o sistema de aprendizado a distância melhora a eficácia do curso.



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2018

De acordo com o estudo de Sun *et al* (2007), o qual se refere à satisfação do aluno, a apresentação dos resultados ponderou questões que tornam o estudo na modalidade EAD um desafio para os discentes participantes da pesquisa. Procurou-se abordar os fatores que afetam o sucesso do estudo nesta modalidade, considerados desafios, como trabalhar com computador e a atitude do aluno e professor/tutor em relação à tecnologia; a utilidade percebida e facilidade de uso; flexibilidade nos horários de estudo e qualidade do curso; diversidade das formas de avaliação e o ambiente favorável à interação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação procurou evidenciar, como problema de pesquisa, os fatores encontrados, durante o percurso formativo na visão dos alunos matriculados em cursos na modalidade EAD, que envolvem a aprendizagem, apresentou como objetivo geral “investigar os desafios que envolvem o processo ensino aprendizagem, na visão de alunos matriculados em cursos na modalidade EAD, encontrados durante o percurso formativo”.

Numa Conferência, em 1972, Moore divulgou sua Teoria, a qual tinha como objetivo ser abrangente e descritiva, apresentar uma generalidade suficiente para incluir todas as formas de educação; deveria proporcionar uma ferramenta conceitual, posicionando a EAD em relação a qualquer outro tipo de educação. Moore foi atraído pela definição de Wedemeyer (1971), que definia o aluno independente, com a possibilidade de a distância, ser na realidade uma força positiva para ajudar alunos adultos, individualmente e em grupos, podendo ter maior controle de seu aprendizado, sendo mais independente do ponto de vista do controle exercido por instituições de ensino. (MOORE, 2013, p. 294)

A pesquisa realizada poderá contribuir para a ampliação do conhecimento acerca dos fatores que se tornam desafios, na visão de discentes matriculados na modalidade EAD, durante o processo formativo, favorecendo ou não a aprendizagem, podendo levar esses mesmos alunos a desistirem do curso nesta modalidade. Entende-se que os diferentes instrumentos disponibilizados pela EAD, a interação entre os indivíduos participantes do processo ensino aprendizagem, o diálogo mantido entre eles, os quais favorecem a autonomia do aluno e a proposta pedagógica são garantias de uma aprendizagem significativa.

Os desafios abordados na pesquisa, seguindo os critérios apontados nos estudos de Sun *et al* (2007), permitem-nos priorizar ações que tratam da satisfação do aluno que está matriculado em cursos a distância, já que o acesso às tecnologias via internet contribui para a inserção de estudantes em cursos superiores, uma vez que antes, por diferentes razões, não podiam frequentar cursos presenciais.

Para responder o problema e atingir os objetivos propostos, buscou-se um aporte teórico que contemplasse os descritores e as palavras relacionadas à modalidade a distância, como aprendizagem colaborativa, autonomia, diálogo, desafios, e mediação pedagógica.

No que diz respeito ao primeiro objetivo específico – caracterizar o perfil dos participantes da pesquisa, evidenciou-se que a maioria dos alunos participantes da pesquisa é do sexo feminino; com relação à faixa etária, mais da metade dos participantes tem entre 25 e 45 anos; o curso escolhido pelos participantes foi, com grande percentual, Licenciatura; a fase

na qual se encontram, retratou os três primeiros semestres; cursos concluídos foi representado pelo Ensino Médio, seguido por cursos técnicos; o ingresso predominante aos cursos de EAD se deu por meio do vestibular; o tempo em que se encontram na IES foi representado por um percentual de quase 48%, referindo-se de um a três anos.

O segundo objetivo específico – identificar os desafios encontrados pelos 310 alunos participantes da pesquisa, que cursam na modalidade a distância durante o percurso do curso, envolveram os motivos pela escolha da EAD e do curso. A escolha da modalidade a distância retratou os aspectos relacionados à flexibilidade de tempo – perfazendo um total de 278 participantes; o valor da mensalidade, totalizando 243 participantes; dificuldade em encontrar um curso presencial onde moram, 150 participantes; atender às necessidades dos participantes, poder ser inseridos no mercado de trabalho, representou 259 participantes. A escolha pelo curso foi divulgada pela possibilidade de ampliar as oportunidades de trabalho, totalizando 273 participantes da pesquisa; a realização de um sonho pessoal pontuou 249 na escala Likert como concordar, totalmente e parcialmente; a afinidade com a área escolhida pontuou 284 participantes; contribuir com a educação dos filhos teve pontuação variada, sendo que 59,6% concordam, indiferentes marcou um percentual de 16,7%, e, discordam desse questionamento foi assinalado por 23,7% dos participantes.

O terceiro objetivo específico – quantificar nas dimensões propostas por Sun *et al* (2007) – Dimensão Aluno, Dimensão Professor/Tutor, Dimensão Curso, Dimensão Tecnologia, Dimensão Modalidade EAD, Dimensão Ambiente do Curso, os desafios encontrados pelos alunos participantes da pesquisa foi possível analisar, dentro dessas dimensões, os percursos percorridos, explicitando os desafios encontrados.

Com os dezessete itens que compõem esta fase do questionário, pretendeu-se identificar o nível de interação do aluno com o ambiente de ensino e aprendizagem. Para tanto, na Dimensão Aluno, 60 participantes, isto é, 19,3% consideram a autonomia para estudar na modalidade EAD um desafio; participar de fóruns e *chats* também é um desafio, para 23,8% é difícil participar dos fóruns e 29% não acompanharam os *chats*. A ansiedade com relação ao uso do computador apresentou percentual significativo, pois 44,8% dos participantes consideram um desafio a utilização do computador para estudar, afetando a satisfação de aprendizagem.

Com relação à Dimensão Professor/Tutor, a interação entre professor e aluno torna-se um desafio a medida que 35% dos 310 participantes consideram a mesma ser diferente do ensino presencial, dificultando a aprendizagem, pois, no modelo de ensino na modalidade EAD, está muito mais centrada no aluno do que no professor/tutor. O mesmo ocorre na

necessidade de contato diário com o professor, pois para 38,7% dos participantes da pesquisa, é um desafio não manter este contato diário com o professor para haver um processo de ensino aprendizagem. Estes dados vêm ao encontro da assistência do professor quando o aluno enfrenta problemas com a aprendizagem, pois, para 85% dos alunos, ao dar assistência ao aluno, o professor contribui para que o aluno se sinta motivado a continuar estudando. No quesito atitude do professor/tutor em relação à tecnologia, 83,8% dos participantes consideram positiva esta disposição do professor/tutor, garantindo a aprendizagem por parte dos alunos. É sabido pelos alunos que, na educação a distância, a comunicação com o professor ocorre por meio da tecnologia, dessa forma o contato diário entre eles passa a não ser obrigatório, porém para 15% dos participantes da pesquisa, esse fato se torna um desafio, pois a autonomia para os estudos deve ser conquistada por parte destes alunos.

Já a Dimensão Curso, considerou a diversidade das formas de avaliação e a interação professor/tutor como sendo fatores que contribuem para a permanência dos alunos e continuidade do curso na modalidade EAD. Assim, 84,5% dos participantes concordam que esses fatores favorecem a sua permanência na IES e continuidade do curso. Sobre as exigências e rigor acadêmico, as respostas oscilaram; 66,7% concordam que existam as mesmas exigências e rigor acadêmico entre curso presencial e curso EAD, para 23,5% dos participantes, os cursos apresentam exigências e rigor acadêmico diferentes e 9,8% foram indiferentes.

Na Dimensão Tecnologia, sobre a facilidade no trato com a tecnologia para aprender, 17,1% dos participantes consideram esse fator um desafio, pois o aprendizado por parte do aluno está relacionado ao fato de que ele deva ter acesso permanente a objetos de aprendizagem e, que para isto, o sistema de aprendizado está intimamente relacionado ao manuseio da tecnologia. Dessa forma, o quesito domínio dos recursos tecnológicos passa a ser considerado um desafio para 59,6% dos participantes da pesquisa, já que os mesmos concordam que a falta de domínio dos recursos tecnológicos é um dos motivos que leva à evasão dos cursos EAD. A familiaridade com os recursos tecnológicos deve ser uma busca constante por parte dos alunos que fazem opção por esta modalidade de ensino, pois o sucesso na aprendizagem depende, em grande parte, dos recursos tecnológicos e sua utilização, tanto dos alunos quanto pelos gestores dos cursos. Torna-se importante ressaltar que essa Dimensão deve ser melhor instrumentalizada, cabendo às IES oferecer cursos introdutórios ou de nivelamento para dar subsídios aos novos alunos que optam por essa modalidade de ensino, ajudando-os a enfrentar as dificuldades com as ferramentas de acesso às atividades propostas pelo curso em que estão matriculados.

Com relação à Dimensão Modalidade EAD, aprender a operar um sistema de aprendizado baseado nas tecnologias propostas pela EAD é um desafio para 12,9% dos participantes da pesquisa; Sun *et al* (2007) se remete a esse fator como sendo de importância para a satisfação dos alunos com seu aprendizado, é preciso estabelecer confiabilidade no uso do sistema proposto pela modalidade EAD, garantindo a interação e troca de experiências entre seus participantes. Dessa forma, referir-se ao seu desempenho pessoal quanto ao uso do sistema de aprendizado, 76,7% dos participantes concordam que, ao fazer uso do sistema proposto pela IES, seu desempenho no curso melhora; porém, para 7,5% dos participantes, usar o sistema proposto é um desafio. É preciso considerar as três variáveis citadas por Davis (1989), as quais têm importância no processo de aceitação da tecnologia: a utilidade percebida, a facilidade de uso e as atitudes e intenções na adoção – podendo contribuir com o desempenho/sucesso do aluno ou desafio/insucesso do mesmo.

Na Dimensão Ambiente do Curso, preocupou-se em questionar sobre o material de estudo e a eficácia do curso através do sistema utilizado pela IES. Para 66,1% dos participantes, o material disponibilizado na plataforma atende as necessidades relacionadas ao aprendizado do conteúdo; para 22%, o material não atende às necessidades. Esse segundo grupo, demonstra certa insatisfação com o material disponibilizado, o que torna preocupante o apoio didático oferecido aos alunos. Cabe à IES adaptar o material disponibilizado ao ambiente virtual oferecido para o processo de ensino aprendizagem, viabilizando as atividades propostas na plataforma com vistas à aprendizagem significativa. Dessa forma, a eficácia do curso, baseado em um sistema de aprendizagem a distância, deve favorecer a interação entre pessoas e objetos de aprendizagem; esse fator foi citado por 75% dos participantes da pesquisa como sendo de importância, necessidade citada por Moore (1989) e Sun *et al* (2007).

Ao realizar a análise das Dimensões, constata-se que os desafios citados pelos participantes da pesquisa estão, muitas vezes, relacionados à falta de domínio e familiaridade com o uso dos recursos tecnológicos, que, durante o percurso no processo formativo dos mesmos, faz-se necessário maior envolvimento dos discentes com a tecnologia disponibilizada pela IES, envolvimento este que engloba todos os aspectos presentes no processo de ensino aprendizagem, que são autonomia para estudo e tempo; interação entre pessoas, materiais disponibilizados e tecnologia; internet de qualidade; *feedback* dos professores/tutores.

Esta pesquisa buscou investigar os desafios que envolvem o processo ensino aprendizagem, na visão de alunos matriculados em cursos na modalidade EAD, encontrados durante o percurso formativo. Dessa forma, as Dimensões analisadas estão interligadas,

apresentando correlações significativas, evidenciando as dificuldades encontradas pelos participantes durante seu processo formativo.

Como mostra a literatura, a opção pela EAD está pautada nas relações educativas que surgem a partir do ambiente virtual, estabelecidas pelo uso da tecnologia. A Educação a Distância é real e responde às demandas que a sociedade solicita, uma era que exige contato e domínio tecnológico para inúmeras tarefas do dia a dia, como saúde, trabalho, estudo, relacionamentos, trocas. Existe um conflito entre o saber manipular a tecnologia e utilizá-la para continuar estudando sem a presença física do professor/tutor. A habilidade pessoal das personagens que compõem o ambiente da EAD – aluno-professor/tutor-assessoria pedagógica – deve favorecer a interação, a busca pelo conhecimento, a autonomia, a autodisciplina. À IES cabe a garantia de que o conhecimento adquirido pelos discentes possa gerar uma mudança de atitude e que o apoio pedagógico, tanto o material disponibilizado na plataforma quanto as atividades do curso sejam atrativos e estimuladores, que o aluno, ao recorrer à ajuda do professor/tutor, possa receber o *feedback* em tempo hábil, pois tantos os materiais disponibilizados quanto a mediação devem constituir-se como relevância no processo de ensino-aprendizagem propostos pela IES.

É preciso continuar discutindo sobre os desafios que envolvem o aprendizado dos alunos na modalidade EAD. Diversos autores, em diferentes épocas, salientam a necessidade de desenvolver espaços virtuais que viabilizem a troca de experiências, a construção do conhecimento pautado em debates, com reflexões e possibilidades de crescimento pessoal. Interagir por meio de ferramentas tecnológicas que auxiliem os integrantes da modalidade EAD, alunos-professores-tutores, na construção e no desenvolvimento da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALUKO R. F., HENDRIKZ J. & FRASER W. J. Transactional distance theory and total quality management in open and distance learning, **Africa Education Review**, 8:1, 115-132, 2011, DOI: [10.1080/18146627.2011.586155](https://doi.org/10.1080/18146627.2011.586155)

ALVES, J. R. M. A história da EAD no Brasil. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009, p. 9-13.

ALVES, L., BARROS, D., OKADA, A. **MOODLE Estratégias Pedagógicas e Estudos de Caso**. Salvador: Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB, 2009.

ARAÚJO, N. T. F.; OLIVEIRA, F. B.; MARCHISOTTI, G. G. Razões para a evasão na Educação a Distância. In: 22º CIAED – Congresso Internacional ABED de Educação a Distância. **Anais eletrônicos**. Águas de Lindoia: ABED, 2016. <http://www.abed.org.br/congresso2016/trabalhos/326.pdf>

AZEVEDO, J. C. A. Os primórdios da EAD no ensino superior brasileiro. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**, vol.2. São Paulo: Person Education do Brasil, 2012, p. 2-5.

BECKER, F. **A epistemologia do professor: o cotidiano na escola**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BEZERRA, M. A., CARVALHO, A.B.G. Tutoria: concepções e práticas na educação a distância. **Tecnologias Digitais n a Educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

BIANCO, N. R. Del. Aprendizagem por rádio. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009, p. 56-64.

BOCCIA, M. B.; TERÇARIOL, A. A. L.; TROVA, A.G. Estilos de aprendizagem na educação a distância. In: Simpósio Internacional de Educação e Tecnologias – **CIET / Encontro de Pesquisadores de Educação a Distância – EnPED**. São Carlos: UFSCAR, 26 jun. a 13 jul. 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica: diversidade e inclusão**. Conselho Nacional de Educação: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, Brasília, DF, 2013, 480 p.

_____. **LDB. Lei 9394/96: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Autoriza a abertura e funcionamento de cursos de graduação e pós-graduação na modalidade EAD Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/legisla09.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2017.

_____. **LDB. Lei 5692/71: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. MEC. Ensino de 1º e 2º grau. Disponível em <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128525/lei-de-diretrizes-e-base-de-1971-lei-5692-71>. Acesso em: 15 fev. 2019.

_____. **Parecer CNE/CES N.53/2009**. Credenciamento da Universidade de Taubaté – UNITAU para oferta de cursos superiores na modalidade a distância. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/observatorio-da-educacao/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12735-ces-2009>. Acesso em: 28 ago. 2018.

_____. **DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO – D.O.U.** Credenciamento da Universidade de Taubaté – UNITAU. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/566729/pg-10-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-27-03-2009/pdfView>. Acesso em: 28 ago. 2018.

_____. **Referenciais de Qualidade de EAD para Cursos a Distância**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/ReferenciaisdeEAD.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2018.

_____. **Decreto n. 9.057, de 25 de maio de 2017**. Regulamenta o art. 80 da Lei 9394/96: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm. Acesso em 16 fev. 2019.

BRITO, K. C. C. F., BORGES, N. F. V., ALVES, M. F. V., SILVA, Â. N. A aprendizagem na EAD: as possibilidades e os enfrentamentos no dizer dos estudantes. In: Simpósio Internacional de Educação e Tecnologias – **CIET** / Encontro de Pesquisadores de Educação a Distância – **EnPED**. São Carlos: UFSCAR, 26 jun. a 13 jul. 2018.

BRAGA, L. C. M., CHENA, A. E. G., MOREIRA, M. Z., MACHADO, D. Q. Ambiente Virtual de Aprendizagem: utilização de suas ferramentas no desenvolvimento das presenças de ensino, social e cognitiva. **Revista TICs & EaD em Foco**. São Luís: Núcleo de Tecnologias para a Educação da UEMA (UEMANET). v. 3, n. 2, jul./dez. 2017.

BULÇÃO, R. Aprendizagem por *m-learning*. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009, p. 81-86.

BRUNO-FARIA, M. F.; FRANCO, A. L. Causas da evasão em cursos de graduação a distância em Administração em uma universidade pública federal. **Revista Teoria e Prática da Educação**, v. 14, n. 3, p. 43-56, set./dez. 2011.

CAMPOS, G. H. B. EAD: Mediação e aprendizagem durante a vida toda. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009, p. 271-281.

CAPELETTI, A. M. Ensino a Distância: Desafios Encontrados por Alunos do Ensino Superior. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 5, n. 1, 2014.

CARMO, C. A. A Teoria da Distância Transacional: para um modelo pedagógico na formação continuada de professores a distância. In: Simpósio Internacional de Educação a Distância – **SIED** / Encontro de Pesquisadores de Educação a Distância – **EnPED**. São Carlos: UFSCAR, 08 a 27 set. 2016.

CARVALHO, A. B. Os múltiplos papéis do professor em Educação a Distância: uma abordagem centrada na aprendizagem. In: 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste – **EPENN**. Maceió, 2007.

CENCI, A., COSTAS, F. A. T. Mediação e conceitos cotidianos: os aportes de Feuerstein e Vygotsky para investigar as dificuldades de aprendizagem. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte: PUC-MG, v. 19, n. 2, p. 250-270, ago. 2013.

CENSO EAD.br: **Relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2017**. Censo EAD.BR: analytic report of distance learning in Brazil 2017/[organização] ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância; [traduzido por Maria Thereza Moss de Abreu]. Curitiba: InterSaberes, 2018.

_____: **Relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2013**. Censo EAD.BR: analytic report of distance learning in Brazil/[traduzido por Maria Thereza Moss de Abreu]. Curitiba: Ibplex, 2014.

COUTINHO, L. Aprendizagem *on-line* por meio de estruturas de cursos. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009, p. 310-316.

FARIA, A. A., VECHIA, A., MOCELIN, M. R., FERREIRA, N. S. C. A história da Educação a Distância no Brasil. In: X Congresso Nacional de Educação – **EDUCERE**, Curitiba: PUC/PR, 2011.

FIUZA, P. J, SARRIERA, J. C. Motivos para adesão e permanência discente na Educação Superior a Distância. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**. Brasília, v.33, n.4, p.884-901, 2013.

FORMIGA, M. M. M. A terminologia da EAD. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009, p. 39-46.

_____, M. M. M. Aprendizagem além-fronteiras e a EAD. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte 2**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2012, p. 376-388.

FREITAS, M. T. M., FRANCO, A. P. Os desafios de formar-se professor formador e autor na Educação a Distância. **Educar em Revista**. Curitiba: UFPR, Edição Especial, n. 4, p. 149-172, 2014.

GARCIA, M. Moore tinha razão! Ponderações sobre a “distância” e a interação na educação a distância. **TECCOGS** – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, Programa de pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) / PUC-SP, ISBN 1984-3585, n.9, jan./jun. 2014.

GATTI, B. A. Formação de professores: condições e problemas atuais. **Revista Brasileira de Formação de professores – RBFP**. São Paulo, v.1, n. 1, p. 90-102, maio. 2009.

_____. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 11-30, jan./abr. 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, L. F. EAD no Brasil: perspectivas e desafios. **Avaliação** (Campinas; Sorocaba), São Paulo, v.18, n.1, p. 13-22, mar. 2013.

GUERRA, E. L. de A. Manual da pesquisa qualitativa. **Centro Universitário UNA**. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, 2014.

GUIMARÃES, L. S. R. O aluno e a sala de aula virtual. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**, vol.2. São Paulo: Person Education do Brasil, 2012, p. 126-133.

KENSKI, V. M. Novos processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias. **Cadernos Pedagogia Universitária**. São Paulo: USP, nov. 2008.

_____. A educação corporativa e a questão da andragogia. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009, p. 242-247.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LIMA, B. S.; SANTOS, C. A. M. *Peer-instruction* Usando Ferramentas On-line. **Grad+ Revista de Graduação USP**, São Paulo: USP, v.1, n. 1, p. 83–90, jul. 2016.

LITTO, M. F. O atual cenário internacional da EAD. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009, p. 14-20.

LOBO NETO, F. J. S. **Educação a distância: regulamentação, condição de êxito e perspectivas**. Palestra proferida na Faculdade Federal Fluminense, 1998. Disponível em: < www.intelecto.net/ead_textos/lobo/htm>. Acesso em: 17 maio de 2017.

LORENÇATTO, M. A distância transacional e a percepção de estudantes. **Novas Tecnologias na Educação**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – CINTED. v. 9, n. 2, dez. 2011.

LYTRAS, M. D.; DAMIANI, E.; MATHKOUR, H. Virtual reality in learning, collaboration and behaviour: content, systems, strategies, context designs, *Behaviour & Information Technology*, 35:11, 877-878, DOI: 10.1080/0144929X.2016.1235815. 2016. <https://doi.org/10.1080/0144929X.2016.1235815>

MAIA, C. Educação pelo trabalho – *work based learning*. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009, p. 202-208.

MAIA, M. C. Ferramentas da WEB 2.0 associadas aos LMS no ensino presencial. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**, vol.2. São Paulo: Person Education do Brasil, 2012, p. 93-102.

MARCUZZO, M. M. V. A satisfação dos alunos de Educação a Distância da Universidade Federal de Santa Maria, Dissertação de Mestrado, UFSM: RS, 2013, 158 p.

MARCUZZO, M. M. V.; GUBIANI, J. S.; LOPES, L. F. D.; REGIO, M. L. S. A satisfação dos alunos de educação a distância: um estudo de caso aplicado em nível de graduação e pós-graduação de uma universidade federal. In: XV Colóquio Internacional de Gestão Universitária – CIGU / Desafios da Gestão Universitária no Século XXI. Mar del Plata: Argentina, 2 a 4 dez. 2015.

MARTINS, R. X.; SANTOS, T. L. P.; FRADE, E. G.; SERAFIM, L. B. Por que eles desistem? Estudo sobre a evasão em cursos de licenciatura a distância, In: X Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância – ESUD. Belém: UNIREDE, 11 a 13 jun. 2013.

MILL, D. **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas (SP): Papirus, 2018.

MORAN, J. M. Perspectivas (virtuais) para a Educação. **Mundo Virtual**. Cadernos Adenauer IV, n. 6, Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, abr, 2004, p. 31-45.

_____, J. Mudando a educação com metodologias ativas. **Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa: UEPG/PROEX. v.I. II, 2015.

MOREIRA, J. A.; ALVES, L. Autonomia, iniciativa e aprendizagem ativa na web social em estudantes de pós-graduação. In: MACIEL, C.; ALONSO K. M.; PANIAGO M. C (Org.). **Educação a Distância: interação entre sujeitos, plataformas e recursos**. Cuiabá: EdUFMT, 2016, p. 444-475.

MOORE, M. G. Três tipos de interação. **TECCOGS** – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, Programa de pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) / PUC-SP, ISBN 1984-3585, n.9, jan./jun. 2014.

_____. Teoria da Distância Transacional. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, São Paulo, ago 2002.

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. **Educação a Distância: sistemas de aprendizagem online**. 3 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

_____. **Educação a Distância: Uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

NEVES, I. S. V.; BRANCO, J. C. S.; FIDALGO, F. Ensino Médio a distância no Brasil: confrontos e possibilidades. In: In: MILL, D.; SANTIAGO, G.; SANTOS, M.; PINO, D. (Org.). **Educação a Distância: dimensões da pesquisa, da mediação e da formação: Artesanato Educacional**, 2018, p. 151-169.

NISKIER, A. Os aspectos culturais e a EAD. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009, p. 28-33.

NOGUEIRA, R. Elaboração e análise de questionários: uma revisão da literatura básica e a aplicação dos conceitos a um caso real. **COPPEAD**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

NOGUEIRA, T. J. A. M., MELO, L. V. S. 1º EDUCATHON - UnB: visão do estudante sobre a aprendizagem na educação superior. In: Simpósio Internacional de Educação e Tecnologias

– **CIET** / Encontro de Pesquisadores de Educação a Distância – **EnPED**. São Carlos: UFSCAR, 26 jun. a 13 jul. 2018.

OLIVEIRA, E. S. G.; SANTOS, L. Tutoria em Educação a Distância: didática e competências do novo “fazer pedagógico”. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v.13, n.38, p.203-223, jan./abr. 2013.

OLIVEIRA, L. A. B. A gestão da qualidade nos cursos de graduação a distância da UFRN/SEDIS: a percepção dos discentes. **Dissertação de Mestrado**, Natal, RN. 2012.

OLIVEIRA, C. K; SOUZA, M. M.; MOELLWALD, M. C. E.; CORRÊA, M. A.; HINCKEL, N. C.; BASTOS, V. Distância Transacional: um espaço possível de aprendizagem. **Revista Texto Digital**. Universidade Federal de Santa Catarina. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2010v6n1p36>. Acesso em 13 nov. 2018.

ORGANIZAÇÃO para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE. **Manual de Frascati 2013**: Metodologia proposta para definição da pesquisa e desenvolvimento experimental. São Paulo: F. Iniciativas, Assessoria em P&D, 2013, 387 p.

PELLI, D.; ROSA, M. Minimizando a Distância Transacional: aplicando Teorias da Educação a Distância para mediar a aprendizagem de conteúdos da Geometria Plana com a utilização do software GeoGebra na plataforma Moodle. In: MACIEL, C.; ALONSO, K. M.; PANIAGO, M. C. (Org.). **Educação a Distância**: interações entre sujeitos, plataformas e recursos. Cuiabá: EdUFMT, 2016, p. 23-50.

PETTER, R. C.; SAMBRANO, T. M. As inovações tecnológicas e a educação: o que considerar. In: MACIEL, C.; ALONSO K. M.; PANIAGO M. C (Org.). **Educação a Distância**: interação entre sujeitos, plataformas e recursos. Cuiabá: EdUFMT, 2016, p. 313-339.

PPC/UNITAU – **Projeto-Político do Curso de Licenciatura em Pedagogia**, Modalidade a Distância, 2016.

RABELLO, C. R. L., PEIXOTO, M. A. P., Aprendizagem na Educação a Distância: dificuldades dos discentes na licenciatura em ciências biológicas na modalidade semipresencial. In: 4º SEMINÁRIO NACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2006, Brasília. **Anais eletrônicos**. Brasília: ABED, 2006. Disponível em: <http://www.abed.org.br/seminario2006/pdf/tc052.pdf>. Acesso em 12 maio 2017.

RIBAS, I. C. Paulo Freire e a EaD: uma relação próxima e possível. In: 13º CIED – Congresso Internacional ABED de Educação a Distância. **Anais eletrônicos**. Curitiba: ABED, 2010. <http://www.abed.org.br/congresso2007/trabalhos>.

RIGOTTI, J. I. R. Variáveis de educação dos Censos demográficos brasileiros de 1960 a 2000. In: Introdução à demografia da educação. 2015. Disponível em: <http://www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/livros/article/viewFile/154/152>. Acesso em: 17 fev. 2019.

ROMISZOWSKI, H. G P. Fatores culturais na EAD: experiências de vários contextos. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância**: o estado da arte. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009, p. 403-411.

ROSINI, A. M.; FIGUEIREDO, M. A.; AMARAL, R. B. M. A educação a distância: desafios para a qualidade. In: 22º CIAED – Congresso Internacional ABED de Educação a Distância. **Anais eletrônicos**. Águas de Lindoia: ABED, 2016. <http://www.abed.org.br/congresso2016/trabalhos/75.pdf>

ROSINI, A. M.; AMARAL, R. C. B. M.; PALMISANO, A.; ROQUE, O.; M. J. F.; EGOSHI, K. A Internacionalização da EAD: Tendências e Novos Cenários na Aprendizagem a Distância. In: 20º CIAED – Congresso Internacional ABED de Educação a Distância. **Anais eletrônicos**. Curitiba: ABED, 2014. <http://www.abed.org.br/hotsite/20-ciaed/pt/trabalhos/>

SALDANHA, L. C. D. Tutoria, linguagem e diálogo pedagógico na educação a distância. In: SIED: EnPED: 2016, SIED – Simpósio Internacional de Educação a Distância, EnPED – Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância. São Carlos: UFSCar, 2012, 10 a 22 set.

SANTAROSA, L.; CONFORTO, D.; VIEIRA, M. C.; SCHNEIDER, F. C.; CHEIRAN, J. F. P. A equidade na formação de docentes na modalidade EAD. In: Journal of Research in Special Education Needs – **JORSEN**. v.16, n. sl, p. 55-59, 2016.

SANTOS, A. G. R. A evasão nos cursos de graduação a distância UAB/Unimontes no polo de São João da Ponte/MG. **Revista Multitexto**, Universidade Estadual de Montes Claros (MG), v.2, n. 1, p. 30–34, 2013.

SCHNEIDER, M. B. D. É possível uma comunicação como diálogo entre professor e aluno em um curso de matemática na modalidade à distância? In: 20º CIED – Congresso Internacional ABED de Educação a Distância. **Anais eletrônicos**. Curitiba: ABED, 2014. <http://www.abed.org.br/congresso2014/trabalhos>.

SEGENREICH, S. C. D. Desafios da educação a distância ao sistema de educação superior: novas reflexões sobre o papel da avaliação. **Educar em Revista**. Curitiba: UFPR, n. 28, p. 161-177, 2006.

SILVA, E. C., MELO, K. S., CAMPOS, G. H. B. Afetividade e motivação na mediação pedagógica: um estudo de caso em curso na modalidade a distância. In: **SIED: EnPED: 2016**, SIED – Simpósio Internacional de Educação a Distância, EnPED – Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância. São Carlos: UFSCar, 2016, 8 a 27 set.

SILVA, J. M., RIBAS, C. C. C., KNAUT, M. S. J. A relação professor/aluno na EAD e a promoção da aprendizagem significativa. **Ensaio Pedagógico**. Curitiba: Faculdades OPET, Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia, dez. 2014.

SILVA JÚNIOR, S. D., COSTA, F.J. Mensuração e Escalas de Verificação: uma Análise Comparativa das Escalas de Likert e Phrase Completion – Seminários em Administração, **XVII SemeAd**, São Paulo: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 29 a 31 out. 2014.

SOUSA, P. T., VARGAS, L. P.M., MASSENSINI, A. R. Referenciais de qualidade em EAD - a porta para a internacionalização dos cursos em EAD no Brasil - um estudo de caso no SENAI/Goiás mediante o benchmarking nos cursos profissionalizantes. In: 20º CIED – Congresso Internacional ABED de Educação a Distância. **Anais eletrônicos**. Curitiba: ABED, 2014. <http://www.abed.org.br/congresso2014/trabalhos>.

SUN, P. C. *et al.*, What drives a successful e-Learning? An empirical investigation of the critical factors influencing learning satisfaction, **Computers & Education** (2007), doi:10.1016/j.compedu.2006.11.007

TARDIF, M., RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação e Sociedade**. Campinas: UNICAMP, ano XXI, n. 73, dez. 2000.

TAROUCO, L. M. R. Objetivos de aprendizagem e a EAD. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**, vol.2. São Paulo: Person Education do Brasil, 2012, p. 83-92.

TELES, L. A aprendizagem por e-learning. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009, p. 72-80.

TORI, R. Cursos híbridos ou blended learning. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009, p. 121-128.

TORTORELI, A. C; PAIXÃO, P. C. M.; CAMPOS, V. F. O. Educação a distância: a visão dos alunos dos cursos de licenciatura em Artes Visuais e Pedagogia do ensino presencial noturno (2013) de um centro universitário na região Sul do país. In: 20º CIAED – Congresso Internacional ABED de Educação a Distância. **Anais eletrônicos**. Curitiba: ABED, 2014. <http://www.abed.org.br/hotsite/20-ciaed/pt/trabalhos>

TURRA, N. C. Reuven Feuerstein: “Experiência de aprendizagem mediada: um salto para a modificabilidade cognitiva estrutural”. **EDUCERE ET EDUCARE – Revista de Educação – Projeto SABER: UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná**. v. 2, n. 4, jul./dez., p. 297-310, 2007.

VALENTE, J. A. Aprendizagem por computador sem ligação à rede. In: LITTO, M. F.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009, p. 65-71.

VASCONCELLOS, L.; BERGAMASCHI, S. Equipes virtuais. In: Seminários em Administração FEA/USP - SEMEAD V. **Anais**. São Paulo: FEA/USP, 2001.

VERAS, R. S., FERREIRA, S. P. A. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário. **Educar em Revista**. Curitiba: UFPR, n. 38, p. 219-235, set./dez. 2010.

VERGARA, S. C. Estreitando relacionamentos na educação a distância. **Cadernos EBAPÉ.BR**. Rio de Janeiro: FGV, vol. V, Edição Especial, jan. 2007.

www.web.unitau.br/ead. MANUAL DO CANDIDATO

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO

SEÇÃO 1: CONVITE

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: desafios no percurso formativo na visão de discentes de uma universidade do Vale do Paraíba”, sob a responsabilidade da pesquisadora Rosichler Maria Batista de Prado Campana e orientação da Professora Dra. Juliana Marcondes Bussolotti.

Pretendemos colaborar com a melhoria da qualidade pedagógica de nossa EAD UNITAU:

- Pensando nas dificuldades de entendimento dos conteúdos e das estratégias de ensino-aprendizagem do seu curso.
- De como se dá a interação entre aluno-docente/tutor; entre aluno-aluno e entre aluno-plataforma EAD UNITAU.
- Quais as dificuldades encontradas na interação com a navegação na plataforma, entendimento de como executar as salas virtuais.
- Avaliando a autonomia de estudo e o aprendizado que vem conquistando para exercer a profissão escolhida por você.

Sua participação é voluntária e se dará por meio deste questionário. Os dados pessoais não serão divulgados e suas respostas promoverão a melhoria do trabalho da Equipe EAD.

Se você aceitar participar, estará contribuindo para a verificação dos limites e desafios gerados durante a interação do aluno com os diferentes elementos geradores de aprendizagem dentro da modalidade EAD da Universidade de Taubaté.

Estaremos à disposição para o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar não acarretando qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pela pesquisadora, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e ética.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada e serão utilizados para a dissertação a ser apresentada ao Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano (PPGEDH - UNITAU).

VAMOS LÁ!!!!!!!

SEÇÃO 2: PERFIL

Favor clicar na resposta que melhor se apresente para você.

SEXO:

- Masculino
 Feminino

FAIXA DE IDADE:

- Até 25 anos
 De 25 a 35 anos
 De 35 a 45 anos
 De 45 a 60 anos
 Acima de 60 anos

**SEÇÃO 3: SOBRE SEU CURSO EAD,
CURSOS QUE VOCÊ CONCLUIU OU ESTÁ CONCLUINDO**
O CURSO QUE ESTÁ FAZENDO NA EAD UNITAU É?

- Pedagogia
 2ª licenciatura Pedagogia
 1ª licenciatura
 2ª licenciatura
 Tecnólogo na área de gestão e negócios
 Tecnólogo na área de recursos naturais
 Bacharelado em Administração

EM QUE FASE DO CURSO VOCÊ ESTÁ?

- 1º trimestre
 1º semestre
 2º semestre
 3º semestre
 4º semestre
 5º semestre
 6º semestre
 Conforme a grade foi montada, encerrarei em fevereiro de 2019

**QUAIS CURSOS ABAIXO CITADOS VOCÊ JÁ FEZ E ESTÃO CONCLUÍDOS?
PODE CLICAR EM MAIS DE UMA OPÇÃO.**

- Ensino Médio
 Ensino Superior
 Ensino Superior a Distância
 Curso Técnico
 Curso Técnico a Distância
 Supletivo
 Supletivo a Distância
 Pós-graduação/Especialização
 Pós-graduação/Especialização a Distância
 Pós-graduação/Mestrado
 Pós-doutorado
 Curso de Extensão e Aperfeiçoamento

- Curso de Extensão e Aperfeiçoamento a Distância
 Curso Superior Presencial

QUAIS CURSOS ABAIXO CITADOS VOCÊ ESTÁ FAZENDO AO MESMO TEMPO QUE O CURSO DA EAD UNITAU?

PODE CLICAR EM MAIS DE UMA OPÇÃO.

- Ensino Médio
 Ensino Superior
 Ensino Superior a Distância
 Curso Técnico
 Curso Técnico a Distância
 Supletivo
 Supletivo a Distância
 Pós-graduação/Especialização
 Pós-graduação/Especialização a Distância
 Pós-graduação/Mestrado
 Pós-doutorado
 Curso de Extensão e Aperfeiçoamento
 Curso de Extensão e Aperfeiçoamento a Distância
 Nenhum
 Nenhum outro
 Nenhum curso
 Pedagogia
 Curso de Extensão em Autismo
 Não estou fazendo nenhum curso em paralelo
 Estou fazendo 2ª Licenciatura a Distância
 Não faço outro curso presencial ou EAD
 Comércio
 Apenas Pedagogia EAD
 Curso de línguas – Alemão e Inglês
 Nenhuma das alternativas acima
 Treinamento de Intercessão e Transformação
 Inglês
 Curso Básico em Cerâmica
 No momento, curso somente Licenciatura

SEÇÃO 4: INGRESSO NA EAD

- Vestibular
 ENEM
 Plano de Estudo – Análise de Currículo
 Prova
 Transferência de curso

SEÇÃO 5: TEMPO EM QUE VOCÊ ESTÁ NA UNIVERSIDADE
--

- | | |
|--------------------------|-------------------|
| <input type="checkbox"/> | 1 ano ou menos |
| <input type="checkbox"/> | entre 1 a 3 anos |
| <input type="checkbox"/> | entre 3 a 5 anos |
| <input type="checkbox"/> | entre 5 a 10 anos |
| <input type="checkbox"/> | mais de 10 anos |

SEÇÃO 6: MINHA OPÇÃO PELA EAD

Responda a este questionário considerando sua percepção ou opinião quanto às afirmativas, marcando o número que corresponda ao seu grau de concordância. Iniciando em 1 com discordo totalmente e terminando em 5 em que concorda totalmente.

- 1 - DISCORDO TOTALMENTE
 2 - DISCORDO PARCIALMENTE
 3 - INDIFERENTE
 4 - CONCORDO PARCIALMENTE
 5 - CONCORDO TOTALMENTE

I – MOTIVOS DA ESCOLHA PELO EAD						
01	Ter uma maior flexibilidade para administrar o tempo	1	2	3	4	5
02	Valor da mensalidade	1	2	3	4	5
03	Dificuldade em encontrar um curso presencial em minha cidade	1	2	3	4	5
04	O curso atende minhas necessidades	1	2	3	4	5
II – MOTIVOS DA ESCOLHA PELO SEU CURSO						
01	Oportunidade de ampliar as possibilidades de trabalho	1	2	3	4	5
02	Realização de um sonho pessoal	1	2	3	4	5
03	Afinidade com a área do curso	1	2	3	4	5
04	Contribuir com a educação de meus filhos	1	2	3	4	5
III – PERCURSO DO CURSO						
01	Você acredita que na modalidade a distância a interação entre professor e aluno é a mesma que no ensino presencial?	1	2	3	4	5
02	A educação a distância prevê a comunicação via tecnologia. Você acredita que é possível uma educação sem contato com o professor diariamente?	1	2	3	4	5
03	Você acredita que para haver um processo de ensino aprendizagem é preciso o contato diário com o professor?	1	2	3	4	5

04	Você acredita que a assistência oportuna do professor quando o aluno enfrenta problemas, incentiva o aluno a continuar aprendendo?	1	2	3	4	5
05	Você acredita que a atitude do professor/tutor em relação à TI influencia positivamente na aprendizagem?	1	2	3	4	5
06	Você acredita que a diversidade das formas de avaliação e interação entre professor/tutor-aluno favorecem a permanência e continuidade do curso?	1	2	3	4	5
07	Você acredita que na educação a distância é preciso que os alunos sejam autônomos em relação aos estudos sem ficar na dependência do professor?	1	2	3	4	5
08	Você acredita que no curso a distância existam as mesmas exigências e rigor acadêmico de um curso presencial?	1	2	3	4	5
09	Foi difícil participar de fóruns de discussões	1	2	3	4	5
10	Foi fácil acompanhar as discussões nos <i>chats</i>	1	2	3	4	5
11	Você acredita que a ansiedade com relação ao uso do computador afeta significativamente a aprendizagem?	1	2	3	4	5
12	Você acredita que a falta de domínio dos recursos tecnológicos seria um dos motivos que levaria à evasão da educação a distância?	1	2	3	4	5
13	Considero o sistema de aprendizado baseado nas tecnologias de EAD fácil de usar	1	2	3	4	5
14	Aprender a operar um sistema de aprendizado baseado nas tecnologias de EAD é fácil para mim	1	2	3	4	5
15	Usar o sistema de aprendizado a distância melhora a eficácia do curso	1	2	3	4	5
16	Usar o sistema de aprendizado a distância melhora meu desempenho no curso	1	2	3	4	5
17	O material de estudo disponibilizado na plataforma atende suas necessidades de aprendizagem do conteúdo.	1	2	3	4	5

APÊNDICE II – MEMORIAL
UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
ROSICHLER MARIA BATISTA DE PRADO CAMPANA

A PRÁTICA E A TEORIA: repensando uma trajetória

TAUBATÉ
2018

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
ROSICHLER MARIA BATISTA DE PRADO CAMPANA

A PRÁTICA E A TEORIA: repensando uma trajetória

Memorial apresentado ao Programa de
Mestrado em Educação da Universidade de
Taubaté.

TAUBATÉ
2018

A todos os professores que contribuíram
com a minha formação

<i>AGRADECIMENTOS</i>

Aos meus pais,

Aos meus filhos, Victória, Katharine e Marco Túlio, companheiros e incentivadores,

Ao meu esposo e amigo Fábio,

Aos meus colegas de Mestrado, os quais aprendi a respeitar e valorizar a cada dia de aula, pelo entusiasmo e dedicação,

Aos professores do Curso que foram pacientes e prestativos, ensinando-me, levando-me a refletir sobre minha prática pedagógica.

... somos seres *condicionados* mas
não *determinados*.

Paulo Freire

<i>SUMÁRIO</i>

APRESENTAÇÃO	140
1. INTRODUÇÃO	141
1.1 Traçando uma trajetória	141
1.2 Motivação	142
1.3 Objetivos	142
1.4 Método	143
2. TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL	144
2.1 Analisando minha Caminhada de Formação	144
2.2 Atuação Docente	145
2.3 Biograma	149
3. DISCUSSÃO	154
4. CONCLUSÃO	155
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste memorial é apresentar as atividades que podem demonstrar minha trajetória profissional e acadêmica na área da Educação.

O memorial está organizado em seções que correspondem às exigências das normas e permitem uma visão global das principais atividades exercidas ao longo de minha carreira. As seções Introdução (seção1) e Trajetória Pessoal e Profissional (seção2) representam um pequeno estudo biográfico, destacando aspectos de minha história de vida relacionados à minha formação, atuação docente e meu biograma, que foram escritos com uma certa liberdade de estilo, retratando minhas atividades enquanto docente em diferentes instituições de Ensino, tanto do Ensino Fundamental quanto Superior, destaca minha atuação enquanto Coordenadora Pedagógica, Orientadora Educacional, Diretora Pedagógica, Supervisora de Tutoria na Universidade de Taubaté, Unitaú e Professora Presencial da EAD, Ubatuba. A seção 3 – Discussão – traz, resumidamente, minhas aprendizagens. A seção 4, Considerações Finais, fecha o Memorial.

Rosichler Maria Batista de Prado Campana

1 INTRODUÇÃO

1.1 Traçando uma trajetória

Sempre fui ordeira. Aprendi que na vida, para Ser, é preciso ter organização. Em casa, na escola, ou em qualquer outro lugar, eu deveria ser disciplinada e organizada. À medida que crescia, ser organizada era meu diferencial. Meus pais e meus professores me elogiavam com entusiasmo, porém cobravam de mim postura de “criança modelo” para com as outras crianças.

Nasci no interior do estado de Goiás. Estudei em escolas públicas até a 5ª série, atual 6º ano do Ensino Fundamental. Minha aprendizagem foi construída dentro de ambientes simples e de muita natureza. Apesar das escolas não trabalharem com projetos, minha infância foi cercada de brincadeiras de rua, amigos da vizinhança e das escolas. A vida estava sendo moldada.

Minhas professoras do Ensino Fundamental foram marcantes para mim, lembro-me de suas exigências e a relevância de como eu era responsável. Aprendi que para ser boa aluna era preciso ter bom comportamento. Penso que muito destas questões ainda permanecem em meu íntimo.

Aos 16 anos resolvi ser professora. Ainda fazia o Ensino Médio quando fui convidada para ser professora na escola IGOAL, Instituto Goiano de Alfabetização, adentrei-me à sala da 2ª série, hoje 3º ano do Ensino Fundamental.

Em 1986, iniciei meus estudos no curso de Pedagogia da UCG – Universidade Católica de Goiás, atualmente PUC/GO. Depois de quatro anos de estudos e dedicação, estava formada.

Ainda em 1989, resolvi prestar outro vestibular; desta vez para Fonoaudiologia, que só pude concluir em 2001.

Já era professora há quatro anos quando fui influenciada por Maria das Graças Estrela Gertrudes a tentar uma vaga no Colégio Marista de Goiânia, escola de reconhecimento internacional, pois era uma tradicional escola católica fundada em La Valla, França, século XVIII.

O processo seletivo foi uma prova e uma entrevista. Fui aprovada.

Em 1990 comecei a dar aula no Colégio Marista de Goiânia. Lá, atuei como professora de Ensino Fundamental até 2001.

Em 1996, fui aprovada no concurso público da SME de Goiânia, assumi a Supervisão de Ensino no Colégio Marechal Ribas Júnior. Trabalhei nesta escola por três anos.

Até então morava em Goiânia, capital do estado de Goiás. Em 2002, me mudei para Ubatuba (SP) com a família.

Chegando lá, fui trabalhar como fonoaudióloga da UNIR – Unidade de Reabilitação de Ubatuba. Lá fiquei apenas um ano. Gostava mesmo era de dar aulas. Então, fui admitida pela Cooperativa Educacional de Ubatuba. Trabalhei de 2003 a 2005, quando retornei a Goiânia.

Assumi a Coordenação Pedagógica e Orientação Educacional do Colégio Santa Clara, também escola católica, a primeira da Capital, fundada há mais de 85 anos.

Retornei a Ubatuba em 2008. Assumi o 5º ano do Ensino Fundamental na Cooperativa Educacional de Ubatuba como professora substituta. Montei meu consultório de Fonoaudiologia. Neste meio tempo, fui convidada a assumir a Direção Pedagógica da APAE de Ubatuba. Finalizei o ano e optei por trabalhar na APAE e no meu consultório de Fonoaudiologia. Permaneci na Instituição até meados de 2010.

Em 2014 prestei concurso para Docente de Tutoria na EAD da Unitau e fui aprovada.

Iniciei meus trabalhos junto à Unitau no Polo de Ubatuba. Lá estou até os dias atuais.

Numa reunião presidida pela Profa. Ma. Ely Soares, fui questionada por ela e pela Profa. Dra. Mariana Aranha o porquê de eu ainda não ter Mestrado.

Segui a dica dada por elas e aqui estou, mestranda em Educação Profissional.

1.2 Motivação

A reflexão sobre minha atuação na Educação e uma possível descoberta acerca de minha história profissional me motivaram a escrever este Memorial.

Destaca-se a importância deste documento para que eu obtenha o certificado de Mestre em Educação pela Unitau – Universidade de Taubaté.

A abordagem escolhida é a bibliográfica.

1.3 Objetivos

O objetivo geral é reconhecer-me enquanto Educadora, possibilitando trocas de conhecimento e atualizações.

Como objetivos específicos, posso citar:

- analisar minha história de menina do interior do estado de Goiás e os avanços alcançados até aqui;
- promover a integração de conhecimentos adquiridos com minha história profissional;
- reconhecer-me como participante do processo de formadores de futuros Profissionais da Educação, Docentes formados pela Unitau.

1.4 Método

A partir de um relato histórico que, segundo Bolívar (2002), será utilizada a pesquisa biográfico-narrativa, que melhor atenderá os objetivos deste estudo, minha natureza de menina criada no interior de Goiás, minha formação acadêmica e profissional:

A pesquisa biográfico-científica possibilita compreender os modos como os professores e professoras dão sentido ao seu trabalho e atuam em seus contextos profissionais. Mais especificamente, permite explicitar as dimensões do passado que pesam sobre as situações atuais e sua projeção em formas desejáveis de ação. BOLÍVAR (2002, p. 175),

Proporei uma reflexão sobre minha trajetória, de onde vim e o que sou hoje. Como se deu minha caminhada, o que aprendi e no que pude contribuir.

Farei um resgate com base nas minhas lembranças e documentos pessoais aos quais tenho guardado.

2 TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL

2.1 Analisando minha Caminhada de Formação

Eu, Rosichler Maria Batista de Prado Campana, nasci em Mineiros – GO, em 28 de agosto de 1967.

Meus pais tiveram cinco filhos biológicos, dois adotivos e ampararam quatro sobrinhos. A casa estava sempre cheia de crianças. Era preciso saber dividir e aceitar as diferenças.

Minha mãe era professora primária concursada, mas também não deu continuidade à carreira por ter que cuidar dos quatro filhos que tinha na época. Meu pai era bancário, o que contribuiu para que minha infância sempre fosse uma aventura, pois, a cada dois anos, meu pai era transferido de cidade. Ele chegou ao posto mais alto do banco, foi Superintendente do Banco do Brasil no estado de Goiás.

Meu avô materno era um exímio professor de Matemática, porém abandonou a docência por ter passado vergonha com uma de minhas tias, que engravidou sem ter se casado, isto há mais de 50 anos.

Meu pai sempre foi muito sistemático e perfeccionista. Não aceitava modismo e cobrava notas. Ficar de recuperação era uma afronta. Minha mãe, como a grande maioria das mães, mais maleável, porém sem dar folga. Os filhos estudavam muito, todos os dias tinham tarefa da escola e D. Daones, minha mãe, “tomava” o ponto para garantir que todos tirassem notas boas.

Sempre tive muito orgulho de meus pais. Fui educada dentro dos princípios da religião católica e passei boa parte de meus estudos – e futuramente professora em escola católica – do 1º ano, antigo Pré, à 2ª série, 3º ano do Ensino Fundamental I, em escolas católicas. Fiz todo o Ensino Fundamental I em escolas públicas.

Refletindo sobre as relações, trago Gatti (2009), que aponta para a importância do desenvolvimento profissional dos professores com ênfase nas relações entre o exercício profissional e os saberes inerentes à profissão, as dimensões cognitiva, sociais e afetivas que constituem a prática docente.

Ao entrar na escola para cursar o Pré, a exigência era ter 6 anos completos, mas quando minha mãe foi fazer minha matrícula, minha irmã mais nova, que ainda não tinha a idade para ingressar, também foi aceita. Estudamos juntas por muitos anos. Nesta fase, eu já me interessava pelos materiais os quais faziam parte da rotina de uma professora. Amava

simular aulas e brincar de escolinha. Lembro-me que meu presente de Natal, aos 6 anos, foi uma enorme lousa que me acompanhou até completar meus 13 anos.

Essa minha irmã, que sempre estudara comigo, não se interessava muito pelos estudos, assim, eu me via na obrigação de ajudá-la, pois era mais velha. Quando tínhamos que estudar para as provas, ajudava-a, estudando com ela. E quando ela ficava de recuperação, eu frequentava as aulas extras com o intuito de acompanhá-la, para que não se sentisse sozinha.

E assim foi durante muito tempo.

Quando tinha 10 anos, minha família se mudou para a capital do estado de Goiás, Goiânia. Era uma cidade grande, tinha muita gente, muitos prédios, muitos carros... tudo era muito na minha visão de menina que sempre morara em cidades pequenas, sendo que algumas delas nem tinham telefone ou energia elétrica.

Assim que nos mudamos para a cidade grande, minha mãe foi procurar uma escola pública para que déssemos continuidade aos estudos. Os filhos mais velhos foram matriculados no Lyceu de Goiânia, escola estadual que ficava no centro da cidade, bem perto de nossa casa.

Porém, a experiência não foi agradável.

Minhas irmãs e eu, novatas, não nos adaptamos à escola; sofremos bullying e começamos a ter problemas emocionais. Chorávamos quando tínhamos que ir para a escola. Meus pais, diante de tal dificuldade, transferiram-nos para o Colégio Objetivo. Lá ficamos até terminarmos o 2º Grau, atual Ensino Médio.

No ano de 1983, o Colégio Objetivo oferecia um novo sistema de ensino, o Integrado, o aluno cursava o 1º e o 2º anos do 2º Grau, atualmente 1º e o 2º anos do Ensino Médio, no mesmo ano. Assim, optei por cursar o Integrado; de manhã cursava o 1º ano e, à tarde o 2º ano. Em 1984 recebi o certificado de conclusão do 2º Grau. Neste mesmo ano, havia aceitado o convite para ser professora.

2.2 Atuação Docente

Minha primeira experiência como professora foi uma turma de 2ª série – 3º ano hoje, no Instituto Goiano de Alfabetização, IGOAL, em Goiânia (GO), isto em 1985 – tinha 17 anos.

Foi uma grande experiência. Planejamento, correções, cadernos, organização da sala, programação de festas... tudo muito novo e surpreendente. Neste momento, refiro-me à fala

de Gatti (2009), na qual aponta para a importância do estágio como ponto de articulação com o desenvolvimento profissional dos professores em início de carreira.

Então, em 1987, ingressei-me no curso de Pedagogia na UCG – Universidade Católica de Goiás, atualmente PUC-GO (Pontifícia Universidade Católica de Goiás). Formei-me em 1989, com o título de Especialista em Orientação Educacional.

Marcelo (2009) aponta que o desenvolvimento profissional se dá justamente nessa procura do eu profissional, em busca de uma identidade também profissional. O autor entende que o desenvolvimento profissional dos professores é um processo, não somente individual, mas coletivo, ou seja, a escola, o contexto em que se dão as relações contribui para este desenvolvimento, por meio das trocas de experiências, sejam elas formais e informais.

Durante o curso de Pedagogia, me interessei pelas questões sociais. Envolvi-me com a EJA, queria ajudar os funcionários da Universidade que ainda não liam nem escreviam. Nesta ocasião, minhas professoras de Práticas Pedagógicas, Glacy Queirós de Roure e Denise Silva Araújo, me presentearam com o livro de Emília Ferreiro “Reflexões sobre Alfabetização”, Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, Ed. Cortez, 1986, meu primeiro contato com a autora.

No final de 1989, o Colégio Marista de Goiânia abria vagas para professores do Ensino Fundamental I. Fui convencida a prestar a prova. Inscrevi para a prova escrita – o Colégio Marista é uma escola católica tradicional fundada por um Irmão francês Marcelino Champagnat em La Valla, França há mais de cem anos. Na época, esta escola era referência na capital de Goiás e, para fazer parte do corpo docente, era preciso passar por um processo seletivo que incluía prova escrita de Português, Matemática e Redação. Caso fosse aprovado, o professor passaria por uma entrevista.

Fui aprovada e entrevistada pela Diretora Pedagógica Profa. Elena Bimbato e a Coordenadora Pedagógica Suelânea Costa Santos. O questionamento mais marcante foi “Você não se saiu muito bem na Redação. Dê-nos um motivo para que seja aprovada mesmo não tendo tirado nota boa.” Eu me lembro que não estava muito preocupada com a elaboração da resposta, porém dissera que a dificuldade que havia enfrentado com relação à escrita era justamente a falta de uma orientação na qual, provavelmente, não havia tido em minha formação acadêmica e que eu gostaria de ser diferente com meus alunos: pretendia fazer com que eles pudessem produzir bons textos, podendo argumentar e serem críticos. Com certeza aprovaram minha resposta. Fui admitida, tendo conquistado o primeiro lugar. Atuei como professora de 3ª e 4ª séries, 4º e 5º anos atualmente, de 1990 a 2001.

Foi um grande desafio e aprendizado, do qual Imbernón (2011) aponta, quando menciona que ensinar exige enfrentar as incertezas, destacando que para isso se fazem necessários os desafios e as estratégias para esse enfrentamento, sobretudo na complexa ação de educar.

Neste meio tempo, fui aprovada no vestibular de Fonoaudiologia. Cursei dois semestres e me vi impedida de continuar meus estudos, pois as disciplinas específicas do curso eram no período da tarde, horário no qual era professora no Colégio Marista. Dessa forma, tive que trancar minha matrícula e retornar após cinco anos. Formei-me em Fonoaudiologia no ano de 2001.

No final de 2001, mudei-me para Ubatuba (SP) com minha família.

Iniciei 2002 como fonoaudióloga na prefeitura de Ubatuba, na UNIR – Unidade de Reabilitação, fiquei nesta Unidade só por um ano. Segundo Nóvoa (1995), encontrava-me em diferentes situações do ciclo de vida profissional.

Porém, gostava mesmo era da docência. Então, em 2003, resolvi aceitar o convite da Cooperativa Educacional de Ubatuba e assumi a sala de 3ª série, 4º ano.

No início, houve um certo estranhamento, tanto de minha parte quanto dos alunos. Por trabalhar tantos anos em escola católica, tinha como hábito iniciar meu dia de trabalho em sala de aula com uma oração, mas isto não era costume da escola. Houve uma grande manifestação por parte dos pais que eu estava influenciando os alunos a rezarem. Neste momento, me vi ofendida – qual era o problema de iniciar o trabalho com um agradecimento, com uma oração?

A direção da Cooperativa convidou-me para uma conversa. Posicionei-me e propus ouvir os alunos: se eles não concordassem com a dinâmica proposta por mim, não haveria mais orações. Os alunos foram ouvidos. Por unanimidade, a oração prevaleceu.

Neste mesmo ano iniciei uma parceria com a escola, após o horário de aula, a partir das 18h, fazia um atendimento diferenciado para os alunos que tinham dificuldade de produção de texto. Neste sentido, de acordo com Nóvoa (1995), na tentativa de desempenhar papéis e responsabilidades de maior importância ou prestígio, ou mais lucrativas, assumi novas funções. Trabalhei com estes alunos com dificuldades de escrita durante 2003 e 2004.

Tentava conciliar família-escola-consultório. De manhã atendia no consultório como fonoaudióloga; à tarde, era professora; à noite dava atenção às filhas pequenas, Victória e Katharine, com 7 e 5 anos respectivamente.

No ano 2005, minha família resolveu retornar a Goiânia. Meu marido havia recebido uma proposta para coordenar a Educação Física no Colégio em que éramos professores. Voltamos.

Assim, assumi a Coordenação Pedagógica e Orientação Educacional da Educação Infantil e Ensino Fundamental I do Colégio Santa Clara. Uma nova experiência na educação surgia; agora numa outra função dentro de uma escola particular, pois em 1996, eu havia passado no concurso público da SME de Goiânia, em que atuei por 3 anos como Supervisora de Ensino no Colégio Marechal Ribas Júnior, no período da noite.

Segundo Nóvoa (1995), encontrava-me na fase de estabilização:

As pessoas lançam-se, então, numa pequena série de experiências pessoais, diversificando o material didático, os modos de avaliação, a forma de agrupar os alunos, as sequências do programa, etc. Antes da estabilização, as incertezas, as inconseqüências e o insucesso [...] NÓVOA (1995, p.41)

Ficamos em Goiânia até 2008, ano em que meu terceiro filho nascera. Resolvemos retornar a Ubatuba. Eu havia passado no concurso público da SME de Ubatuba e torcia para que fosse chamada. Porém o fato não aconteceu. Abri meu consultório de Fonoaudiologia e iniciei nova jornada, em outra área.

Neste mesmo ano, a Cooperativa Educacional de Ubatuba havia me convidado para substituir uma professora que estava de licença maternidade. Eu também estava, pois meu filho estava com um mês de vida. Resolvi aceitar o convite, era a turma do 5º ano, a sala em que minha segunda filha estava matriculada. Ainda em 2008, assumi a Direção Pedagógica da APAE de Ubatuba. Terminei o ano com uma forte pneumonia, a qual me deixou debilitada; fui internada às pressas.

No ano seguinte, deixei as aulas na Cooperativa e fiquei como Diretora da APAE e fonoaudióloga em meu consultório.

Os anos de 2009 e 2010 foram de muito trabalho junto à APAE. Construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) e do Regimento Interno. Muitas visitas à Coordenadoria de Ensino em Caraguatatuba. Muito estudo; muitas descobertas e ressignificação da minha atuação na Educação. Uma busca imensa pela verba estadual e municipal. Garantiu-se o acesso dos menos favorecidos à Educação Especial, que segundo Nóvoa (1995, p.42), *após uma primeira vivência das atividades de sala de aula, e da profissão em geral, o professor parte em busca de novos desafios.*

Em 2011, resolvi me dedicar à Fonoaudiologia. Muito investimento financeiro e intelectual. Cursos, pós graduações, especializações, congressos. Entre 1996 a 2014, especializei-me em Planejamento Educacional, Psicopedagogia Clínica e Institucional, Educação Especial com Ênfase em Deficiência Intelectual e Motricidade Orofacial, além do aprimoramento em Linguagem e Dislexia, em São Paulo.

Final de 2013, reaproximei-me da Educação, da sala de aula. Prestei concurso para Docente de Tutoria na EAD da Unitau. Passei e assumi as disciplinas pedagógicas nos cursos de Pedagogia, Educação Física e Ciências Biológicas no polo de Ubatuba.

Neste momento, me remeto a Marcelo (2009, p.112), porque *é através de nossa identidade que nos percebemos, nos vemos e queremos que nos vejam.*

Numa reunião com a equipe de Pedagogia realizada em Taubaté, em 2016, fui questionada sobre meus estudos e a continuidade dos mesmos. Foi sugerido que eu me ingressasse no Mestrado oferecido pela Instituição. Como não sabia que existia o curso aos sábados, aleguei dificuldade em subir a serra que fica entre Ubatuba e Taubaté duas vezes por semana à noite. Foi quando soube que poderia cursar aos sábados, o dia todo.

Minha caminhada profissional foi edificada a partir de diferentes construções, assim, encontro-me na fala de Schön (1992), refletindo sobre minha prática, que, de acordo com sua concepção, o professor está na prática, reflete sobre ela voltando-se para a teoria, ou seja, o professor faz o movimento de teorizar a prática com as teorias, e volta para a prática, é o professor como *prático reflexivo*, de modo a compreender melhor, avançar, poder modificar algo da prática, como a própria professora revelou em sua fala destacada acima.

Neste sentido, conversei com minha família, que prontamente me apoiou. Inscrevi-me no programa e me submeti à prova escrita e à entrevista.

Iniciei meus estudos em março deste ano. Estou me sentindo instigada, desafiada. Uma mistura de descoberta, possibilidades, discussões.

Aqui está a menina do interior de Goiás. Que venham novos desafios.

2.3 Biograma

FASES	CRONOLOGIA	IDADE	TEMPO DE DOCÊNCIA	ACONTECIMENTOS	VALORAÇÃO
FORMAÇÃO	1986	17	1	- Aceitei o convite para dar aula pra uma turma de 2ª série, atualmente 3º ano – Goiânia (GO)	- Tinha habilidade e paciência com crianças; queria ser professora
	1986	17	2	- Iniciei meus trabalhos junto à escola	- Recebi novo convite – fui dar

				“Comecinho de Vida”, para alunos da 2ª série, atualmente 3º ano; - Ingressei-me no curso de Pedagogia na Universidade Católica de Goiás – Goiânia (GO)	aula em outra escola; - Estava no 1º ano do curso de Pedagogia
	1989	21	4	- Aprovada no concurso do Colégio Marista de Goiânia; - Aprovada no vestibular para o curso de Fonoaudiologia	- Encerrei o curso de Pedagogia e passei no concurso
	1990	22	5	- Iniciei meus trabalhos junto ao Colégio Marista de Goiânia, para alunos da 3ª série, atualmente 4º ano – Goiânia (GO)	- Encantamento pela filosofia da Escola: trabalhei até 2001 nesta escola; assumi as aulas de uma das cinco 4ªs séries, atual 5º ano
	1991	23	6	- Tranquei minha matrícula no curso de Fonoaudiologia	- Por incompatibilidade de horários, tive que trancar o curso
	1996	28	11	- Aprovada no concurso da SME de Goiânia – Goiânia (GO): trabalhava à noite; - Especialização em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, Goiânia (GO)	- Supervisora de Ensino da rede municipal e professora no Colégio Marista de Goiânia
	1998	30	13	- Rematriculei-me no curso de Fonoaudiologia	- Troca de horários, nova possibilidade de retornar ao curso
MOMENTO DE REVISÃO	2001	33	15	- Formada em Fonoaudiologia	- Mudança de cidade – Ubatuba (SP)
	2002	34	15	- Fonoaudióloga da UNIR (Unidade de Reabilitação), na cidade de Ubatuba (SP)	- Primeiro contato com a Fonoaudiologia Clínica
COMPROVAÇÃO DA ESCOLHA	2003	35	16	- Iniciei meus trabalhos junto à Cooperativa Educacional de Ubatuba, para alunos da 3ª série, atualmente 4º ano – Ubatuba (SP)	- Retornei à sala de aula; - Aprimoramento em Linguagem pelo CEFAC – Centro de Fonoaudiologia Clínica em São Paulo (SP)
	2004	36	17	- Iniciei meus trabalhos junto ao INEC, Instituto de Pós-graduação – Ubatuba (SP)	- Professora de Comunicação Oral, nos cursos de Pós do INEC
	2005	37	18	- Iniciei meus trabalhos junto ao Colégio Santa Clara – Goiânia (GO); - Montei consultório de Fonoaudiologia em uma	- Orientadora Educacional e Coordenadora da Educação Infantil e Ensino

				clínica particular (Clínica Ativa) – Goiânia (GO)	Fundamental I; - Fonoaudióloga clínica
	2006	38	19	- Orientadora Educacional e Coordenadora da Educação Infantil e Ensino Fundamental I no Colégio Santa Clara; - Iniciei meus trabalhos junto à Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Goiânia (GO); - Iniciei meus trabalhos junto à Universidade Vale do Acaraú (UVA) – Goiânia (GO)	- Nova possibilidade de trabalho – dava aulas no curso de Pedagogia da UEG e UVA; - Continuei no Colégio Santa Clara por mais este ano; - Ministrei a palestra “O Educador Franciscano”, em Itaberaí (GO)
	2007	40	20	- Fiquei desempregada, dava aulas particulares	- Atendimento na casa do aluno – estava grávida do meu terceiro filho
	2008	41	21	- Reiniciei meus trabalhos junto à Cooperativa Educacional de Ubatuba, para alunos da 3ª série, atualmente 4º ano – Ubatuba (SP); - Assumi a Direção Pedagógica da APAE de Ubatuba (SP)	- Retornei à sala de aula; - Fonoaudióloga Clínica em Ubatuba (SP); - Diretora da APAE de Ubatuba (SP)
INTENSA DEDICAÇÃO PROFISSIONAL	2009	42	22	- Professora na Cooperativa Educacional de Ubatuba da 3ª série, atualmente 4º ano – Ubatuba (SP); - Diretora Pedagógica da APAE de Ubatuba (SP); - Curso 180h pela APAE – atendimento à alunos com NEE; - Fonoaudióloga Clínica; - Décimo terceiro lugar no Concurso “Melhores Ideias – Conduzindo a Conquista”, pela APAE de Ubatuba (SP)	- Construção do Regimento Interno e PPP da APAE de Ubatuba (SP); verba Estadual e Municipal
	2010	43	23	- Fonoaudióloga Clínica em Ubatuba (SP); - Diretora Pedagógica da APAE de Ubatuba; - Especialização em Educação Especial com ênfase em Deficiência Mental, pelo INEC – Ubatuba (SP)	- Opção pela Fonoaudiologia
	2011	44	23	- Fonoaudióloga Clínica em Ubatuba (SP); - Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, pelo INEC – Ubatuba (SP)	- Abandono da Docência
	2012	45	23	- Fonoaudióloga Clínica em Ubatuba (SP); - Palestras em escolas	- Retomando as raízes: integrando às

				particulares: “Escola e Família: uma parceria”; - Especialização em Motricidade Orofacial pelo CEFAC – Centro de Fonoaudiologia Clínica em São Paulo (SP)	escolas como Fonoaudióloga; - Investindo em outra área da Fonoaudiologia
	2013	46	23	- Fonoaudióloga Clínica em Ubatuba (SP); - Palestras em escolas particulares: “Escola e Família: uma parceria”; - Aprovada no concurso da UNITAU para Professor da EAD (Educação a Distância), polo Ubatuba (SP)	- Retomando as raízes: integrando às escolas como Fonoaudióloga
	2014	47	24	- Fonoaudióloga Clínica em Ubatuba (SP); - Assumi as disciplinas pedagógicas dos cursos da UNITAU-EAD (Educação a Distância), polo Ubatuba (SP); - Palestras em escolas públicas: “A criança pequena e a questão do limite”; - Fiz o curso intensivo em Dislexia pela Associação Brasileira de Dislexia (ABD), em São Paulo (SP)	- Retornei à Docência
	2015	48	25	- Palestras em escolas particulares: “A voz do professor”; - Fonoaudióloga Clínica em Ubatuba (SP); - Professora das disciplinas pedagógicas dos cursos da UNITAU-EAD (Educação a Distância), polo Ubatuba (SP); - Convidada para Supervisão de Tutoria na UNITAU-EAD, em Taubaté (SP)	- Professora, Fonoaudióloga e Supervisora de Tutoria EAD
	2016	49	26	- Fonoaudióloga Clínica em Ubatuba (SP); - Professora das disciplinas pedagógicas dos cursos da UNITAU-EAD (Educação a Distância), polo Ubatuba (SP); - Prestei concurso para o Mestrado em Educação Profissional na UNITAU	- Professora e Fonoaudióloga
	2017	50	27	- Fonoaudióloga Clínica em Ubatuba (SP); - Professora das disciplinas pedagógicas dos cursos da UNITAU-EAD (Educação a Distância), polo Ubatuba (SP);	- Professora, Fonoaudióloga e Mestranda

				- Mestranda em Educação Profissional na UNITAU	
	2018	51	27	- Fonoaudióloga Clínica em Ubatuba (SP); - Mestranda em Educação Profissional na UNITAU	- Fonoaudióloga e Mestranda

3 DISCUSSÃO

O aprendizado é algo que se conquista. As influências recebidas muito têm a contribuir com o engrandecimento do ser humano.

Desde pequena recebi bons exemplos, tanto de meus pais quanto de meus professores. Minha paixão pela educação se manifestou ainda muito pequena. Lembro-me de meu irmão, com 5 anos, que não conseguia pronunciar bem as palavras e eu me dispunha a ajudá-lo. Com minha irmã também foi assim; estudava com ela e a socorria em suas tarefas e provas.

Meu avô materno e minha mãe sempre acreditaram em mim, que seria uma ótima professora. Meu pai, com seu jeitinho todo organizado, me auxiliava nas minhas leituras. Sempre me presenteou com bons livros e me levou a estudar a filosofia de Huberto Rohden, filósofo, educador e teólogo catarinense, radicado em São Paulo, por dois anos na faculdade de Filosofia da UFG – Universidade Federal de Goiás, fazia questão de me proporcionar momentos de introspecção e conhecimento do ser humano.

Tive acesso a boas escolas, ótimas faculdades, excelentes livros. Devo muito aos meus pais, que sempre me apoiaram em minhas decisões.

Muito devo ao Colégio Marista, que me proporcionou momentos de estudo, de ressignificação da prática. Passei por inúmeras descobertas, vivenciei mudanças, como o Construtivismo, a Agenda 21, o novo Milênio.

Acredito ter me tornado uma pessoa de bem e do bem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Educar, respeitando o processo de aprender de cada um e do grupo, é o desafio.” – assim me escreveram as Profas. Glacy e Denise ao finalizar meu curso de Pedagogia.

Para se alcançar um salto de qualidade na educação, é preciso buscar não só o desenvolvimento e enriquecimento de competências, mas principalmente uma mudança significativa na formação e identidade profissional dos que se dedicam ao ofício de professor.

A concepção voltada para a reflexão sobre a prática é capaz de promover uma série de mudanças no perfil do profissional da educação inserido em sala de aula, desta forma, com as diferentes mudanças ocorridas na minha prática, é possível me enxergar nesta inquietude. Através dessa reflexão e do pensamento crítico, segundo Nóvoa (1995), posso me identificar nas diferentes situações de minha prática como professora, identificando o saber que está sendo construído, verificando assim, a legitimidade, sua validade enquanto ato que proporciona conhecimentos significativos para minha docência.

Ensinar é trabalhoso, é intrigante, é gratificante. A consciência de ensinar, que unifica a atividade docente, sofre os efeitos de considerável sobreposição de sentido, atribuindo-se ao conceito de ensinar diversos significados, ligados às próprias dinâmicas sociais que evidenciam a relação da escola com a sociedade que serve e a cujos cidadãos se espera que assegure a educação de qualidade de que cada vez mais todos necessitam.

A crise de identidade na profissão docente tem levado os professores a questionarem sua atividade profissional. Antes, a profissão de professor apresentava um status social bastante elevado. Atualmente, a imagem do professor é muito configurada. Ao definirem a representação social de professor em bases afetivas, atribui ao professor o compromisso com a formação moral de seus alunos. Desse modo, o professor “é antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber aos outros” (TARDIF, 2002, p. 31).

Com este Memorial pretendo me mostrar, me deixar ser vista. Acredito na interação, na aceitação, nas novas possibilidades.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLÍVAR, Antonio. **Profissão Professor**: o itinerário profissional e a construção da escola. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. Bauru, SP: EDUSC, 2002

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Polêmicas do Nosso Tempo. São Paulo: Cortez, 1985.

GATTI, B. A. Formação de professores: condições e problemas atuais. **Revista Brasileira de Formação de professores – RBFP**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 90-102, maio. 2009.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCELO, Carlos. Desenvolvimento Profissional: passado e futuro. **SÍSIFO**: Revista de Ciências da Educação, n.º 8, p. 7-22, jan/abr., 2009.

NÓVOA, Antonio. O ciclo de vida profissional dos professores. Porto/Portugal: Porto Editora, 1995.

ROHDEN, Huberto. **O Quinto Evangelho** – a Mensagem do Cristo, São Paulo: Alvorada, 5ª ed., 1988.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In. NÓVOA, A. **Os Professores e sua Formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ANEXO A – OFÍCIO



Universidade de Taubaté
 Autarquia Municipal de Regime Especial
 Reconhecida pelo Dec. Fed. nº 78.924/76
 Recredenciada pela Portaria CEE/GP nº. 241/13
 CNPJ 45.176.153/0001-22

PRPPG – Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação
 Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro Taubaté-SP 12020-040
 Tel.: (12) 3625.4217 Fax: (12) 3632.2947
 prppg@unitau.br

Ofício nº PPGEDH – 159/2017

Taubaté, 28 de novembro de 2017.

Prezada Senhora:

Somos presentes a V. S. para solicitar permissão de realização de pesquisa pela aluna **ROSICHLER MARIA BATISTA DE PRADO CAMPANA**, do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté, trabalho a ser desenvolvido durante o ano de 2017/2018, intitulado “**Limitações e desafios dos alunos que ingressam na modalidade EAD**”. O estudo será realizado com os alunos do curso de Pedagogia, modalidade EAD, nas cidades de Ubatuba, Taubaté e São José dos Campos, sob a orientação da Profa. Dra. **Juliana Marcondes Bussolotti**.

Para tal, serão aplicados dois questionários; realizadas entrevistas semiestruturadas com coordenador e docentes do curso, e análise documental dos projetos políticos pedagógicos da EAD e da Pedagogia, bem como a observação da plataforma do curso junto à população a ser pesquisada. Será mantido o anonimato da instituição e dos participantes.

Ressaltamos que o projeto da pesquisa passará por análise e aprovação do Comitê de Ética em pesquisa da Universidade de Taubaté.

Certos de que poderemos contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para mais esclarecimentos no Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté, no endereço Rua Visconde do Rio Branco, 210, CEP 12.080-000, telefone (12) 3625-4100, ou com **ROSICHLER MARIA BATISTA DE PRADO CAMPANA**, telefone (12) 99744-4406, e solicitamos a gentileza da devolução do Termo de Autorização da Instituição devidamente preenchido.

No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Rita de Cássia Foroni Oliveira
 Secretária do Programa de Pós-graduação em Educação

Ilma. Sra.
 Patrícia Ortiz Monteiro
 Coordenadora Geral
 NEAD Universidade de Taubaté
 Av. Mal. Deodoro, 605 - Taubaté – SP

ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Taubaté, 29 de julho de 2017.

De acordo com as informações do ofício 159/2017 sobre a natureza da pesquisa intitulada “EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: desafios no percurso formativo na visão de discentes de uma universidade do Vale do Paraíba”. O estudo será realizado com os alunos dos cursos de licenciatura, cursos superiores de tecnologia e bacharelados oferecidos na modalidade EAD, nas cidades de Ubatuba, Taubaté e São José dos Campos, sob a orientação da Profa. Dra. JULIANA MARCONDES BUSSOLOTI, e, após a análise do conteúdo do projeto da pesquisa, a Instituição que represento, autoriza a análise documental e a aplicação de questionários junto à população a ser pesquisada que atuam neste local, sendo mantido o anonimato da Instituição e dos alunos.

Atenciosamente,



Patrícia Ortiz Monteiro

Coordenadora Geral

NEAD Universidade de Taubaté

Av. Mal. Deodoro, 605 - Taubaté - SP

ANEXO C – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: desafios no percurso formativo na visão de discentes de uma universidade do Vale do Paraíba

Pesquisador: ROSICHLER MARIA BATISTA DE PRADO CAMPANA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 83784517.2.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Universidade de Taubaté

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.603.096

Apresentação do Projeto:

O tema escolhido pretende abranger a compreensão dos diferentes desafios que ora são promotores de possíveis desistências dos cursos por parte dos alunos ativos matriculados em cursos de licenciatura, cursos superiores de tecnologia e bacharelados, todos na modalidade EAD desta Universidade. Como também identificar nas dimensões propostas por Sun; Tsai; Finger; Chen (2007) – Dimensão Aluno; Dimensão Professor/Tutor; Dimensão Curso; Dimensão Tecnologia; Dimensão Modalidade EAD; Dimensão Ambiente do Curso – os desafios encontrados pelos alunos participantes da pesquisa e verificar o grau de satisfação com o ambiente virtual de ensino-aprendizagem. Esta Instituição de Ensino Superior (IES) oferece cursos de licenciatura, bacharelados e cursos superiores de tecnologia, nas modalidades presencial e EAD e, ao formar seus alunos para o exercício da docência, com o intuito de assumirem seus papéis de mediadores do conhecimento, as possibilidades pedagógicas no decorrer deste percurso, devem colaborar para a efetiva melhoria da qualidade do ensino, sem gerar insatisfação por parte dos alunos.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar os desafios que envolvem o processo ensino aprendizagem, na visão de alunos matriculados em cursos na modalidade EAD, encontrados durante o percurso formativo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequada avaliação de riscos e benefícios.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pendências atendidas.

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cepunitau@unitau.br



UNITAU - UNIVERSIDADE DE
TAUBATÉ



Continuação do Parecer: 2.603.096

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TAUBATE, 17 de Abril de 2018

Assinado por:
José Roberto Cortelli
(Coordenador)

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210

Bairro: Centro

CEP: 12.020-040

UF: SP

Município: TAUBATE

Telefone: (12)3635-1233

Fax: (12)3635-1233

E-mail: cepunitau@unitau.br

ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: desafios no percurso formativo na visão de discentes de uma universidade do Vale do Paraíba”, sob a responsabilidade da pesquisadora Rosichler Maria Batista de Prado Campana e sob a orientação da Professora Dra. Juliana Marcondes Bussolotti. Nesta pesquisa, pretende-se investigar os elementos pedagógicos de interação com os alunos, verificar as dificuldades mencionadas pelos alunos, compreender as mediações pedagógicas que possam promover o aprendizado por parte dos alunos, discutir estratégias que garantam a qualidade no ensino superior e curso de tecnologia ofertados pela EAD e que potencializem futuras ações pedagógicas para os cursos oferecidos nesta modalidade tornam este estudo salutar, pois ao formar os futuros profissionais para assumirem seu papel de mediadores do conhecimento, o aparato pedagógico também deve colaborar para a efetiva melhoria dessa oferta.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de “questionário”. Os riscos decorrentes da sua participação na pesquisa são riscos mínimos de ordem não física, que podem provocar desconforto pelo tempo das entrevistas ou até constrangimento pelo teor dos questionamentos. Com vistas a prevenir possíveis os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes fica-lhes garantido o direito de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por eles fornecidos durante a coleta não sejam utilizados.

Se você aceitar participar, estará contribuindo para a verificação dos desafios gerados durante a interação do aluno com os diferentes elementos geradores de aprendizagem dentro da modalidade EAD da Universidade de Taubaté.

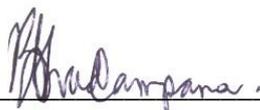
Para participar deste estudo, o(a) Sr(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pela pesquisadora, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e ética.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada e serão utilizados para a dissertação a ser apresentada ao Mestrado Profissional em Educação. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos e, após este tempo, serão destruídos.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida ao(à) senhor(a). Para qualquer outra informação, o Sr(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone (12)3833-2293 ou (12)99744-4406 (inclusive ligações a cobrar), ou também poderá ser realizado contato por e-mail no endereço eletrônico rosichlercampana@gmail.com.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU à Rua Visconde do Rio Branco, 210, Centro – Taubaté (SP), telefone (12)3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.

Taubaté, 18 de março de 2018.



ROSICHLER MARIA BATISTA DE PRADO CAMPANA
Pesquisadora Responsável

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa “EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: desafios no percurso formativo na visão de discentes de uma universidade do Vale do Paraíba”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar informações e modificar minha decisão de participar se assim o consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do(a) Participante